

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
MESTRADO EM LETRAS, LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

MARCOS AMANÇO SILVA

**A LITERATURA NO AMBIENTE ESCOLAR: EXPLORANDO  
DESAFIOS**

GOIÂNIA  
2014

MARCOS AMANÇO SILVA

**A LITERATURA NO AMBIENTE ESCOLAR: EXPLORANDO  
DESAFIOS**

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Curso de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, Mestrado em Letras, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Literatura e Produção Cultural.

Orientação: Profa. Dra: Lacy Guaraciaba Machado.

GOIÂNIA  
2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

S586l Silva, Marcos Amanço.  
A literatura no ambiente escolar [manuscrito] : explorando desafios / Marcos Amanço Silva. – Goiânia, 2014.  
108 f. : il.; grafs.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Mestrado em Literatura, 2014.  
“Orientadora: Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado”.  
Bibliografia.

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Leitura. I. Título.

CDU 82.0(043)

O mundo da literatura, como o da linguagem, é o mundo do possível. Esta afirmação não tem nada de novo. Já em Aristóteles, respondendo a Platão, dizia que, enquanto a história narra o que realmente tinha acontecido, o que podia acontecer ficava por conta da literatura. (LAJOLO, 1995, p. 45.)

Dedico este trabalho a Deus e à Profa. Dra. Lacy Guaraciaba Machado, orientadora desta Pesquisa, pelas reflexões e debates, que ampliaram o meu conhecimento científico a respeito do universo literário e escolar.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus por ter me dado capacidade, inteligência e inspiração para a sua realização.

A minha mãe, Ivani Fernandes da Silva, que não mediu esforços para me apoiar e me incentivar.

Ao meu companheiro, Carlos Barbosa de Lima, pela paciência e pela força.

À professora Lacy Guaraciaba Machado, pela consideração e respeito demonstrados durante a realização da pesquisa.

Aos amigos de outros ambientes que me auxiliaram durante todo o processo de formação, apontando caminhos e incentivando-me para a busca de uma formação significativa.

## RESUMO

Os escritos aqui desenvolvidos estão organizados dentro da linha de investigação científica “Literatura e Crítica Literária”, e faz indagações sobre as realidades e possibilidades do ensino de Literatura no contexto escolar. A intenção do estudo literário em sala de aula tem objetivo pedagógico, de incentivar e estabelecer elementos reflexivos dos discentes com relação ao seu cotidiano. A análise da literatura sem fins pedagógicos preza a apreciação artística da escrita, por meio de poesias e outros gêneros textuais. Os estudos literários, embora tenham uma orientação específica estabelecida nas Orientações Curriculares para o ensino médio, inscrevem-se no campo da disciplina Língua Portuguesa. Para compreender as condições em que são ministradas as aulas de Literatura no ambiente escolar, delimitaremos a concepção teórica que aborda os conceitos: literatura, leitura, leitor, presentes nos documentos que orientam o currículo do ensino médio, face às práticas docentes. O problema que levantamos refere-se ainda às implicações que permeiam as atividades por meio das quais o estudo e o ensino de literatura ocorrem, cotidianamente, e mostram-se a partir do senso comum. As implicações que interferem, neste caso, são reflexos de vários elementos que fazem parte do ambiente escolar. Para evidenciarmos, de forma prática, a discussão teórica sobre o ensino de literatura no ensino médio, realizamos encontros destinados à obtenção de dados e informações sobre a percepção dos alunos e dos professores em relação aos conteúdos e práticas realizadas no *Colégio Estadual Dom Pedro I*, em Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil. De posse dos resultados encontrados, avaliamos o perfil do escolar e do professor quanto ao ensino e o estudo literário, bem como as condições do trabalho docente.

**Palavras-chave:** Ensino. Ensino de literatura. Leitor. Leitura. Literatura.

## **ABSTRACT**

The writings developed here are organized within the scientific research "Literature and Literary Criticism" line, inquiring about the realities and possibilities of Teaching Literature in the school context. The intent of literary study in the classroom has pedagogical objective, proposing encourage and establish reflective elements of students with respect to their daily lives. The analysis of literature without teaching purposes appreciates the artistic appreciation of writing through poetry and other genres. Literary studies, although specific guidance established in the Curriculum Guidelines for Secondary Education, enroll-discipline in the field of Portuguese. To understand the conditions under which Literature classes at school are taught, to delimit the theoretical conception that deals with the concepts: literature, reading, reader, present the documents that guide the high school curriculum, teaching practices to face. The problem we have raised further concerns the implications that permeate the activities through which the study and teaching of literature occur daily, and show up, from common sense. The implications which interfere in this case are reflections of various elements that are part of school. To evidence of practical, theoretical discussion on the teaching of Literature in High School, we held meetings aimed at obtaining data and information on the perceptions of students and teachers regarding the content and practices carried out in the Colégio Estadual Dom Pedro I, in Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil.. With the results found, we evaluated the profile of the school and the teacher and the teaching and literary study, as well as the conditions of teachers' work.

**Keywords:** Education. Teaching literature. Reader. Reading. Literature.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>I ENSINO DE LITERATURA: MÚLTIPLAS AVALIAÇÕES .....</b>	<b>12</b>
1.1 Um diagnóstico em muitas vozes .....	16
1.2 Ensino de literatura .....	19
1.3 Abordagens metodológicas .....	23
1.4 A leitura como experiência comunicativa e estética .....	28
<b>II UM CASO, VÁRIOS SUJEITOS .....</b>	<b>31</b>
2.1 O Método: amostra, objetivos e roteiro.....	31
2.2 Uma Experiência: percurso .....	35
2.3 Os Sujeitos: O professor e o aluno .....	45
<b>III A DESCOBERTA OU A CONSTATAÇÃO? .....</b>	<b>59</b>
3.1 Percepções da Trajetória da Pesquisa .....	59
3.2 Impasses e Possibilidades.....	67
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>84</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>87</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>89</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa objetiva identificar e compreender em que medida a leitura literária se apresenta no ambiente escolar, seja como provocação à fruição estética, ou como conteúdo que participa das atividades voltadas para o desenvolvimento social do estudante. O pressuposto inicial é o de que diversos autores do campo de estudo da literatura consideram a leitura literária uma experiência de linguagem que auxilia significativamente na construção do sujeito-leitor dotando-o de sensibilidade estética, capaz de compreender melhor a si mesmo e situar-se, criticamente, nas suas relações com o outro e com a sociedade em movimento. Tomando esse pressuposto como base, a pergunta para o qual buscamos resposta é: o aluno e o professor dos tempos atuais têm consciência desse pressuposto? Para tanto, selecionamos um aparato teórico e prático que nos permita identificar e caracterizar o panorama em que se situam as metodologias e práticas pedagógicas adotadas pela instituição educacional selecionada como campo de pesquisa.

Os estudos literários, embora tenham uma orientação específica estabelecida nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, inscrevem-se no campo da disciplina Língua Portuguesa. Para compreender a presença da Literatura, na segunda fase da Educação Básica, delimitaremos, no primeiro capítulo, seja como provocação à fruição estética, ou como conteúdo que participa das atividades voltadas para o desenvolvimento social do estudante, ou mesmo como caracterização do processo de ensino e aprendizagem conduzido pelo docente. Nós privilegiamos a avaliação que os sujeitos escolares fazem sobre a função da literatura na escola, a concepção sobre texto literário e sobre ensino de literatura, sem desprezar os elementos pedagógicos que auxiliam ou prejudicam o desenvolvimento das habilidades para a leitura literária.

No segundo capítulo, relatamos as opiniões e expectativas manifestadas pelos colaboradores de pesquisa, organizando-as de modo que nos permitam compreendê-las e compatibilizá-las, do ponto de vista dos conceitos e avaliações desenvolvidos pelos teóricos contemplados neste estudo. No terceiro capítulo, analisamos as respostas apresentadas, tendo como referência as hipóteses de pesquisa por nós delimitadas, a partir das discussões formuladas pelos autores selecionados, destacando as implicações que permeiam as vozes dos informantes.

As reflexões e ponderações que desenvolvemos sobre os conceitos em foco fundamentam-se em pesquisas e estudos de Regina Zilberman, Vera Teixeira de Aguiar, Maria Thereza Fraga Rocco, Annie Rouxel, Rezende, Jover-Faleiros e Maria Cabral da Silva,

Magda Soares, Emília Amaral, Marta Passos Pinheiro, Leopoldo Comitti, Marisa Lajolo, Maria Amélia Dalvi, e nos documentos que orientam o currículo do Ensino Médio, face às práticas docentes, com foco no ensino de literatura.

Estes teóricos oferecem subsídios para uma discussão sobre os desafios e as práticas destinadas à formação do leitor literário. Recorremos também aos estudos de Ângela Kleiman (1996), e suas contribuições nas práticas pedagógicas adotadas para o desenvolvimento das habilidades do leitor, a partir da compreensão da leitura escolar como prática social.

Uma hipótese em que nos baseamos é a de que, no Ensino Médio, são estudados apenas fragmentos de obra literária. A outra é a de que predomina o entendimento que o ensino de Literatura, ou seja, da leitura literária no ambiente escolar não prioriza a abordagem interdisciplinar, desprezando interrelações entre os conhecimentos que perpassam a disciplina de Língua Portuguesa. De modo geral, os teóricos que selecionamos entendem que há pontos comuns entre estudo e ensino de Literatura: cada perspectiva prioriza um aspecto com relação aos textos literários.

Enquanto a leitura objetiva concede uma experiência fundamentada na apreciação do leitor, na sua experiência estética espontânea, o ensino de Literatura tem a intenção de organizar meios e procedimentos pedagógicos, que incentivem o desejo dos alunos de averiguar a temática presente, de forma crítica, nos textos literários e, desta maneira, refletir sobre o mundo em que o leitor escolar está inserido, auxiliando no desenvolvimento de determinada atitude crítico-reflexiva sobre seu cotidiano. Uma outra hipótese levantada por nós, para orientar este estudo, é a de que o docente, ao conduzir o programa de literatura, restringe-se ao que o livro didático lhe oferece.

O problema que levantamos refere-se ainda às implicações que permeiam as atividades por meio das quais o estudo e o ensino de Literatura ocorrem, cotidianamente, e mostram-se a partir do senso comum. As implicações que interferem nas práticas pedagógicas do ensino da literatura, neste caso, são reflexos de vários elementos que fazem parte do ambiente escolar. Dentre eles, podem ser destacados: redução do repertório literário apresentado pelo leitor, inadequação do método de ensino adotado pelo professor, em relação às condições do receptor, e desvalorização do trabalho interdisciplinar pelo professor.

Assim, este estudo foi organizado nas seguintes etapas: contemplação de fontes primárias e secundárias; caracterização da amostra; formalização teórica; acompanhamento de estudo de texto literário, mediado; aplicação de exercícios de leitura a alunos e professores; processamento e análise dos dados da experiência, a partir de categorias de análise fundamentadas na concepção relativa aos conceitos: literatura, leitura, leitor literário, tendo

como referência os objetivos desta investigação.

Os instrumentos para a coleta de dados foram o questionário e a entrevista, ambos acompanhados de instruções que esclareceram o propósito de sua aplicação, ressaltando a importância da colaboração dos informantes, mediante encontros promovidos com sujeitos que participaram das pesquisas. Nesses encontros, estão programadas atividades de leitura de dois textos literários selecionados para a verificação do grau de receptividade e desempenho manifestados pelos alunos e professores que se constituem na amostra para esta pesquisa.

Para evidenciarmos, de forma prática, a discussão teórica sobre o ensino de Literatura no Ensino Médio, tais encontros destinam-se à obtenção de dados e informações sobre a percepção dos alunos e dos professores em relação aos conteúdos e práticas que são realizadas, no *Colégio Estadual Dom Pedro I*, em Aparecida de Goiânia, Goiás, Brasil. De posse dos resultados encontrados, o perfil do escolar e do professor é caracterizado, quanto ao ensino de Literatura, segundo o contexto do trabalho docente.

## I ENSINO DE LITERATURA: MÚLTIPLAS AVALIAÇÕES

Neste primeiro capítulo propomos detectar como os alunos apreendem leitura literária no ambiente escolar, que os leve à fruição estética, ou como conteúdo que participa das atividades voltadas para o desenvolvimento social do estudante, e também como caracterização do processo de ensino e aprendizagem conduzido pelo docente.

Privilegiamos a avaliação feita sobre a função da literatura na escola, sobre a concepção texto literário e a respeito do ensino de Literatura, considerando os elementos pedagógicos que auxiliam ou prejudicam o desenvolvimento das habilidades para a leitura literária apontados por Regina Zilberman, Angela Kleiman e outros autores.

Neste sentido, reconhecemos que as *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio* (MEC, 2012) referencializa a organização e a gestão das iniciativas relativas ao ensino de Literatura pelas instituições escolares de ensino médio. Nesta dissertação, o papel dos estudos literários no ensino médio que mais nos interessa refere-se ao desenvolvimento da sensibilidade estética. Isso não significa abandono das demais funções atribuídas à literatura nessa etapa da educação básica brasileira. Essa compreensão fundamenta-se no entendimento de que a sensibilidade do leitor suscitada pelo texto literário pode fluir durante sua leitura, no contato com o texto metafórico, na experiência que pode interferir na percepção que o aluno tenha de si e do mundo.

Nessa perspectiva, priorizam-se as considerações sobre o repertório do leitor quanto à linguagem literária, compreendendo-a como provocação de seu processo de recepção e construção de sentidos, no âmbito escolar, entendendo que ele se acha inscrito em determinado contexto sócio- histórico e cultural. Podem-se identificar princípios e propostas teóricas que poderiam fundamentar as práticas pedagógicas próprias do ensino da literatura: objeto de pesquisas e debates no contexto acadêmico.

Este estudo é permeado por três conceitos fundamentais: leitura, literatura e leitor, em seguida aplica-se a avaliação sobre o seu desempenho. Discorrer sobre a figura do leitor é compreendida de diferentes formas, configurando a percepção que os diversos teóricos manifestam. Nessa direção, o foco central é o sujeito leitor e o formador de leitores.

Num certo sentido, a leitura, é entendida teoricamente, como um processo que incentiva a libertação intelectual e social do sujeito, isto é, o leitor transpõe situações de comunicação alienante à medida que amplia seu domínio sobre a palavra. Neste aspecto, a leitura é sistematizada como a interpretação e apreensão dos signos linguísticos lidos, superando o sentido de leitura como atividade reprodutora da palavra ou frase. Neste

processo, é possível alcançar a superação dos valores impostos culturalmente, tidos como o único modo de perceber os códigos sociais escritos, ampliando a capacidade de reflexão e proposição dos indivíduos.

Assim delimitada, a leitura enriquece o repertório do leitor capaz de perceber que o mundo está ao seu alcance, porque, nessa condição, acredita que pode compreender a sociedade e, por consequência exercer o papel de sujeito ativo. Mas, para Marcia Cabral da Silva (1997), a leitura pressupõe criatividade, que ligada à experiência, torna possível ao homem atingir evolução mental complexa, é um ato de libertação, superação do hábito pela originalidade. Para ele,

Exercer criatividade não significa produzir novas ideias “a partir do nada”, mas recuperar os elementos da cultura, reativá-los e combiná-los, através da imaginação e, a partir daí, corporificar um objeto ou um processo inédito, original, não convencional. (SILVA, 1997, p. 78)

Mediante a investigação contida no texto, o leitor procura superar-se no momento da leitura, ato que lhe proporciona o desenvolvimento de sua capacidade de compreensão e sua maneira de ser no mundo, engrandecer-se, existir e conviver socialmente desvelando-se, no projeto do mundo subjacente ao texto, fazendo a ultrapassagem do nível meramente informacional e instaurando a curiosidade crítica sobre por que e como ler.

Para Lionel Bellenger (1979), a leitura é uma prática social, um ponto de ação, instrumento do julgamento, da informação.

Ao impor o aprendizado da Leitura, a escola obrigatória da III República marcou com maior nitidez a seleção escolar e, portanto, a seleção social. O povo foi alfabetizado para que pudesse compreender os avisos, as ordens de mobilização, os regulamentos, as proibições, enfim todo tipo de cartaz. (BELLENGER, 1979, p. 11).

Na concepção desse autor, a leitura acompanha as experiências e as trocas de informações, uma condição para que o leitor apreenda os elementos necessários para atender as solicitações e mando do poder. Inversamente, a falta de leitura o deixaria vulnerável, à mercê dos ditames sociais. A imagem social da leitura, configura-se como forma de imagens valorizadas para o leitor quando é capaz de participar de conferências, cursos, etc.

Ler é sinal de iniciação. O gesto de ler desaparece sob a vontade de aprender. Ler é cultivar-se. Aquele que não lê regride. Não se pode evoluir sem ler. Ler é situar-se socialmente entre aqueles que são responsáveis, que tem ideias, que sabem, podem e tem o direito de discutir. (BELLENGER, 1979, p. 12)

A leitura, vista como sinônimo de inserção e autonomia, tem um fim em si mesma, é prazer, liberação, interiorização. Como prática social, é isolamento, refúgio, retraimento do mundo. Ambas promovem a interação. Bellenger amplia a noção que confere à leitura, ao propô-la como um nutriente a mais, uma espécie de alimento para a comunicação complexa, facilitadora do entendimento de outros sistemas de linguagem: cinema, televisão, teatro e justifica:

Os que lêem pelo prazer intelectual, pelo gosto da reflexão, pelas articulações das ideias têm a vontade de acionar a capacidade de compreender. Vontade em si, sem objetivo obrigatório, e que pode ser pura ginástica intelectual. Esse tipo de leitor penetra no texto e testa a sua capacidade de ser pensante. (BELLENGER, 1979, p. 14).

Além de Bellenger, outros autores como Comitti (2001), Silva (2013) e Aguiar (2001) têm pontos em comum, pois todos concebem o texto literário como elemento capaz de proporcionar o gosto da reflexão e do prazer estético. Quando apto a completar as lacunas textuais, o livro, desde a sua origem, tem sido apresentado como um símbolo de poder e conhecimento, por conter informações explícitas e implícitas que possibilitam ampliar as maneiras de compreender o mundo, e alterar a realidade cultural e social. Contudo, não é um templo, um objeto intocável e sagrado, detentor da “verdade” inquestionável. O leitor pode ler em suas entrelinhas e captar também o interdito.

O leitor de obra literária difere-se do leitor comum, pois o texto literário convida o sujeito que lê a aguçar a sua sensibilidade humana e estética. O pleno ato de ler a obra literária, se dá quando o autor e o leitor interagem, numa relação de reciprocidade, estabelecendo elo entre o mundo cultural ficcionalizado e o do leitor. Este processo de interação os capacita a interpretar os códigos linguísticos para além da reprodução do que é visto ou sentido, incentiva as operações mentais relacionadas com a reflexão, a memória, e a construção de um saber que interfere diretamente nas percepções do sujeito leitor.

A leitura de obra literária, se relacionada à apreensão do texto literário, e à experiência literária vivenciada pelo leitor na realização da leitura, já o ensino da Literatura se concebe como uma análise sobre a obra literária, considerada a partir de sua estruturação estética. De acordo com Rocco (1981) essas duas percepções se entrelaçam.

Para a autora, o leitor deve ser incentivado a entrar em contato com o texto, e isso não tem relação direta com a imposição de tarefas, avaliações e atividades exigidas de modo rígido pelos docentes. Neste sentido, Rocco (1981) aponta que o contexto da escola privilegia o ensino da literatura e a leitura realizada pelos professores é diferente daquela efetivada pelos

alunos, pois a diversidade de repertórios literários, o conhecimento de mundo e as experiências de leitura influenciam diretamente o contato do leitor com o texto.

O conceito de literatura, como a arte de inventar, tecer, compor o texto. Os escritos criados expressam a capacidade de imaginação do autor, em sua relação com a percepção das experiências presentes no dia a dia da sociedade. Inscrita nessa perspectiva, a literatura é um dos espaços em que o sujeito pode se constituir pela linguagem e pela subjetividade, no processo sempre surpreendente da criatividade ao recriar ou mesmo instaurando-se como co-autor textual.

O processo histórico da humanidade reflete o caráter de transformação ocorrida com os conceitos e perspectivas de vida. Márcia Cabral da Silva ao indicar estas alterações na atualidade salienta como a agilidade e dinamicidade nos acontecimentos são refletidas nos escritos contemporâneos. Ao tratar dos fundamentos do processo de experiência com a literatura na humanidade propõe a seguinte configuração:

A experiência da humanidade por meio do material literário ganha forma pelo menos desde a antiguidade clássica. A narrativa, como se sabe, não tem uma origem exata, consistindo em dimensão estruturante da condição humana. Herdamos o mito, a poesia, o drama, as narrativas heróicas, que foram se multiplicando em gêneros identificáveis porque recorrentemente são narrados e escritos, constituindo-se em matéria de memória. (SILVA, 2013, p. 53).

Os aspectos apresentados indicam que a literatura teve um importante papel na formação dos sentimentos mnemônicos desde o período Clássico, passando pela Idade Média e atingindo o período Moderno. Para Silva (2013), a experiência da Leitura era feita por meio da família e da vida social, como a escola e a igreja. Neste aspecto, pode-se perceber que a fantasia e realidade fazem parte do processo de formação dos textos literários, em que a relação entre a imaginação e a arte, dentro da abordagem Construtivista, além dos processos de formação da infância e da juventude, são instrumentalizados criticamente pela utilização da literatura. Enquanto no âmbito do desenvolvimento social, se salienta o papel da cultura para organizar e estabelecer princípios da subjetividade humana, pois:

As primeiras experiências com a literatura assinalam um meio privilegiado de conhecimento entre o sujeito e o mundo. [...] Por apropriar-se da linguagem, o homem é capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis representados pelos personagens, além de outras dimensões próprias do fazer literário e de sua recepção. (SILVA, 2013, p. 54)

A influência cultural, na construção de obras literárias, proporciona um processo de

relação mútua entre a linguagem escrita e a formação de hábitos e comportamentos sociais normativos, em que ocorre interação entre o sujeito e a obra. Neste aspecto, percebe-se que papel do professor, ao caracterizar os estilos de época específicos, estabelece a generalização das obras, submetendo-as ao período em que foram escritas. O docente precisa salientar que a literatura pode confirmar ou mesmo contradizer a condição cultural do escritor.

Silva (2013) ao comentar sobre a estrutura rígida em que geralmente o ensino de Literatura é praticado na escola, em termos de tempo e estilo, indica a seguinte estrutura: A Antiguidade Clássica, com narrativas que incentivam os processos mnemônicos, como a poesia e os poemas; Romance, no período moderno, característico pelo embelezamento das situações da vida; literatura de ficção, na abordagem contemporânea, apresentando elementos que compõem o cotidiano de forma surreal. Nesse arranjo estrutural do ensino literário, diversas possibilidades do ensino de Literatura são estudadas superficialmente, e os elementos que remetem à cultura e à formação da linguagem não são percebidos pelos alunos.

### **1.1 Um diagnóstico em muitas vozes**

As considerações de Leopoldo Comitti (2001) vinculam a revolução do saber à utilização do livro, pois desde a publicação da Bíblia Sagrada, época do surgimento da imprensa de Gutemberg (1455), momento em que se amplia o número de leitores, não do povo, mas de um certo percentual da população leiga, o livro já se apresentava como um objeto reservado ao clero e circunscrito aos mosteiros, acesso à leitura era dificultado, restringindo-se à elite.

Comitti (2001) ressalta que o acesso da burguesia ao universo letrado era permitido de forma seletiva. O controle era exercido pelo clero, por meio da inquisição e pelo poder estatal. Desta maneira, a imprensa atuava de acordo com os padrões e normas estabelecidos pelos que dominavam, difundindo as concepções do Estado e da Igreja disseminando pensamentos que tencionavam retirar do leitor a capacidade de julgamento crítico.

Ainda segundo Comitti (2001), esse poder de legitimação do texto escrito não se limitava à palavra impressa, presente nos manuscritos medievais, mas se intensificava, devido a três pontos: a divulgação da escrita para a população; a relação divinizada entre textos e verdades divinas, das grandes obras clássicas; e o poder de transmitir uma mensagem, controlando os conteúdos e formas de apresentação linguísticas.

Na percepção do poder dominante, se a população adquirisse a capacidade de

compreensão crítica e de elaboração de textos, isso implicaria questionar o poder de mando, e confiar às massas o acesso à apreensão do “conhecimento” da gramática, lida aqui como instância do saber para legislar, razão por que o governo se utilizou de campanhas de alfabetização e escolarização rápidas, baseadas em um currículo mínimo, o que se relaciona às ditaduras, para assegurar grandes contingentes de leitores passivos.

Diante deste panorama, Comitti (2001) sistematiza considerações sobre o cenário brasileiro, com relação a esta temática acrescenta que, nos anos 30, Getúlio Vargas explorou a escolarização, sobretudo o ensino de Língua Portuguesa na alfabetização, como forma de manter a unidade brasileira em torno das ideias nacionalistas do Estado Novo, proibindo a abertura de escolas de língua estrangeira, para afastar os perigos da visão crítica em torno da gestão presidencial e forjar, por meio do material didático, uma nacionalidade folclórica, pondo em evidência a riqueza natural e os heróis da Pátria: “poemas patrióticos parnasianos, fragmentos de literatura nacionalista romântica e lendas indígenas criavam a ilusão da unidade em torno de um ideal comum, encarnado em Vargas” (COMITTI, 1996, p. 147).

Um exemplo das práticas do poder dominante mostrou-se no Brasil nas décadas de 1960, 1970 até o período de 1980, durante a ditadura militar, quando se instituiu o Mobral, junto às campanhas nacionalistas de reforma de ensino, a fim de gerar uma massa de apoio ao regime instaurado, período em que a leitura era oferecida à população como forma de acesso à modernidade, permitindo ao indivíduo progresso e sucesso profissional.

Numa atitude crítica à ditadura, a intelectualidade relaciona leitura ao saber, e este às instâncias de poder. A alfabetização, então, abre ao indivíduo portas ao conhecimento, percepção de contexto e leitura de mundo. Esse contorno mais amplo de conceito de leitura supõe codificação de signos linguísticos, a valorização da palavra escrita, atitude de resistência à censura política, que impedia a liberdade de imprensa e gerava os precursores da literatura engajada, escritos com o intuito de enfrentar o regime ditatorial.

Essa imposição de leitura é vista pelos críticos como violência ao leitor ou efeitos secundários da violência primeira: “com o livro escolhido, começa o maior calvário: o texto vira pretexto para provas, deveres, estudo de análise sintática e da gramática. O prazer da leitura é substituído pela obrigação de preencher corretamente uma chata ficha de leitura”. (ZOTZ; CAGNETI *apud* COMITTI, 2001, p. 148).

Para Comitti (2001), o prazer de ler ludicamente, na prática, pouco acontece. Quanto a isso, Silva preconiza que, se por um lado a interpretação criativa eleva o texto à palavra, por outro, faz reviver um discurso à luz de um projeto de existência e de mudança, conduz o leitor a esforçar-se intensivamente para reconstruir as significações sugeridas

pelo texto, na forma de intérprete que intervém, torna-se sujeito de ideias, expondo o mundo à situação no momento da leitura, exercendo a flexibilidade imaginativa, para não cair na normatividade que reduz o texto a conteúdos nele sugeridos.

Ainda, do ponto de vista de Comitti (2006), a integração criativa leva o leitor a utilizar, imaginativamente, informações de sua consciência, manipular imagens textualizadas e desenvolver uma síntese criativa, especulada sob vários ângulos, para antecipar consequências e reembaralhá-las com novos elementos de significação. Essa discussão aponta o paradoxo existente na prática de leitura e escrita que esse autor avaliou, tendo como amostra seus dez anos de docência, em colégios de ensino fundamental, quando pode constatar que:

A leitura obrigatória era uma exigência da coordenação didática, ano após ano não pude verificar que tais textos agradavam ... unicamente à crítica especializada e aos professores militantes. Talvez esteja aí a razão do sucesso editorial das obras, uma vez que, na realidade, eram escritas a partir do imaginário do adulto a respeito da criança, e por isso mesmo agradavam apenas a outros adultos. Exatamente aqueles que as escolhiam e a impingiam aos alunos. (COMITTI, 1996, p. 150).

Essa percepção acata a relação de simbiose entre linguagem, saber e poder e a literatura passa a ser vista como instância legitimadora do poder, instaurada na diferença irreduzível entre os que dominam a linguagem escrita e os que a desconhecem. Nesse sentido, a dependência entre leitura e cidadania demarca a relação de exclusão radical, exclui o não leitor, referencializa o lugar da escrita como espaço do conhecimento.

Diante da avaliação do panorama em que é exercitada a leitura literária, no contexto da escola, Zilberman (1989) nos aponta que a comunidade e o docente, no exercício de sua função, são chamados à busca de soluções, pois o fracasso dos programas destinados à formação de leitores e formadores de leitores estão

Vinculados a uma conjuntura social adversa, não eximem, porém, o professorado e a comunidade de buscarem soluções, mesmo em pequena escala, se tiverem um mínimo de responsabilidade para com a juventude. (ZILBERMAN E BORDINI, 1989, p. 8-9)

A questão do saber literário, se pensado isoladamente, não demonstra que este seja um tema procurado significativamente pela massa populacional, embora possua destaque no âmbito da produção acadêmica. Isto é ocasionado pelo fato de o contato com os escritos literários, em muitos casos, ocorrerem apenas no ambiente escolar, o que contribui para o distanciamento entre o aluno e o texto. Esse afastamento entre sujeito leitor e escrita literária

na escola será caracterizado por nós dentro do campo prático, conforme indicarem as repostas que os colaboradores apresentam nos dois *Roteiros de Atividades* explorados no próximo capítulo deste estudo.

Avaliando o distanciamento entre o estudante e a obra literária, Zilberman (1989) indica algumas das causas da falta de interesse dos alunos com relação à leitura. Apontam que “pela carência ou inércia do ambiente familiar quanto à leitura, há declínio do número de leitores de geração em geração e outros círculos viciosos se instauram, a prazo mais longo, mas não menos danoso.”

A escola não pode ignorar sua função primordial, a formação de leitores e produtores de textos, nesse espaço, literatura é uma das áreas do conhecimento que contribui para o desenvolvimento dos alunos como usuários da língua, além de auxiliar na ampliação das estratégias comunicativas, a partir da leitura crítica, e da produção de diversos textos. Como pressupõe a estudiosa Regina Zilberman sobre a escola:

A entidade que assegura a integração a um governo de participação popular é a escola; e, segundo sua organização, é o letramento que se constitui na alavanca que aciona a aprendizagem como um todo. Logo, é a mudança do indivíduo em leitor que, do ângulo individual, oferece o requisito primeiro para a atuação política plena em uma sociedade democrática. (ZILBERMAN, 2010, p. 55)

Por este motivo, a leitura de textos literários é atividade adotada, antes, para a formação do leitor de qualquer texto, sob o pretexto de que ambas o auxiliam a conhecer e se apropriar do saber linguístico nacional e da linguagem literária. Embora o cenário apresentado no ambiente escolar seja o de crise, Zilberman (2010) apresenta o ensino de Literatura, como um campo metodológico que possibilita desenvolver também a compreensão dos saberes dos discentes.

Seus estudos realizados indicam que, se houver uma reformulação nas práticas pedagógicas, planejamento contínuo por parte do professor, e estudo sobre as características e desejos da comunidade em que o docente atua, os percalços podem ser superados, consolidando, assim, um ensino significativo ao escolar.

## **1.2 Ensino de literatura**

As pesquisas literárias relacionadas a uma formação crítica, indagativa, e significativa do discente, podem contribuir no sentido de agregar a seu conhecimento saberes vivenciados

que fazem parte da escolarização. É necessário que ele compreenda como fenômeno cultural, histórico e social, como instrumento político capaz de revelar as contradições e conflitos da realidade. No diálogo entre o mundo empírico e o universo ficcional, a literatura pode produzir significado para o mundo em que vivemos.

A realidade atual sobre o ensino de Literatura demonstra que os textos literários são tratados de forma superficial, com relação ao material disponibilizado. Alvo de uma investigação sem uma avaliação reflexiva, os escritos literários são geralmente tratados em sala de aula de modo isolado, ressaltando a ideia de que cada texto possui uma explicitação artística que carrega significado específico, e não necessita de uma contextualização por parte do aluno-leitor.

Sob uma abordagem de mundo que incentive a formação autônoma, questionadora e crítica do aluno leitor, pensar primeiramente, na experiência do aluno a partir do texto que está lendo, reflete um caráter que amplia o seu desejo e a sua vontade de entrar em contato com a história escrita:

Os universos puramente imaginários que a literatura cria liberam o leitor do peso da realidade, mesmo quando a denunciam, iluminam ou ampliam as fronteiras. Esse descompromisso com o fazer ou saber utilitários transforma a leitura do texto literário num ato de co-criação, propiciando a livre expressão do eu, que as amarras do cotidiano costumam tolher pela rotina e pela coisificação que as atividades produtivas, em sistemas econômicos desumanos, acarretam. (ZILBERMAN, 1989, p. 9).

Diante de qualquer fragmento textual que seja, percebe-se a potencialidade da literatura para desencadear aspectos cognitivos no âmbito da imaginação e configuração do próprio ser. A prática de leitura de texto literário consolida as habilidades de escrita, além de desenvolver a percepção do sujeito sobre o seu cotidiano, e entender que pode alterá-lo de acordo com suas intenções.

As exigências sociais atuais esperam um sujeito ativo que saiba usar a sua competência de leitor, não apenas de textos impressos, mas que saiba utilizar a linguagem com precisão e organizar seu discurso em diferentes situações comunicativas. O mundo globalizado demanda uma sociedade leitora, participativa, informada e, sobretudo, consciente de seu papel como sujeito social.

Na obra, *Guia de Literatura para alunos do 1º e 2º graus*, 1989, Zilberman e Bordini, chamam-nos a atenção quanto ao fato de que os conteúdos relativos ao ensino de Literatura ensinados nas atividades de leitura na escola, propiciam aprendizado vivo e duradouro como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições

diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação de massa, enfim, pelo contexto geral dos leitores. Procurar entender a relevância dos instrumentos da linguagem para a organização do conhecimento dos docentes e discentes, torna-se essencial para a compreensão do processo de ensino, evidenciando-se o papel do livro, para a formação do sujeito. Nesse sentido, essas autoras defendem que

Numa sociedade desenvolvida, o conhecimento – apesar do progresso eletrônico – depende majoritariamente do livro e das habilidades do leitor, seja ele criança ou adulto. (BORDINI, 1989, p. 7).

Zilberman (2010) expõe, pois, que a leitura e o ensino de Literatura precisam ser apresentados no âmbito escolar de modo simultâneo, pois são dois níveis dialogicamente relacionados. Se acatarmos esses seus argumentos precisamos, fundamentalmente, estabelecer a distinção sobre os conceitos e paradigmas que circundam a leitura *de obra literária* e o *ensino da literatura*, pois é a partir do entendimento dessas duas formas de apropriação da literatura que se visualiza as diferentes relações entre o texto literário e o leitor.

A *leitura da obra literária* está relacionada à apreensão do texto literário, a experiência literária experimentada pelo leitor na realização da leitura, enquanto o *ensino da literatura* se concebe como estudo sobre a obra literária, considerada a partir de sua estruturação estética. Contudo, embora distintas, essas duas percepções com relação à literatura se entrelaçam no ato de ler, considerando que o discente deve ser auxiliado nesse processo para que possa compreender aquilo que a obra veicula e como se estrutura esteticamente.

Nesse sentido, fica clara a necessidade de compreender qual a perspectiva que prevalece no ensino de Literatura na realidade escolar brasileira, evidenciando o que tem sido promovido pelos educandos e, a partir disso, discutir sobre alternativas e metodologias de ensino que promovam e instiguem os discentes a entrarem em contato com as obras e o processo histórico-literário. Reflexão esta que será exposta quando for descrito no terceiro capítulo sobre as descobertas e constatações deste estudo.

Para Aguiar (2001), a ampliação de sistemas de linguagem em desenvolvimento acelerado é um pressuposto compatível com a intensa inserção dos meios tecnológicos na vida moderna, mais especificamente a partir dos anos 1970. Isso tem provocado a falta da cultura da leitura de livros completos e de livros literários, acarretando uma crise tanto no ensino como na compreensão da própria cultura do país. Zilberman (2010) e Aguiar (2001) entendem que esta barreira se faz presente na realidade do ensino da literatura na escola brasileira,

principalmente, na rede pública.

Aguiar (2001) teoriza sobre as possibilidades de superação em relação à situação caótica instaurada no cerne do ensino público. A hipótese central que orienta este estudo é a de que é possível identificar experiências e práticas expostas pelos estudiosos selecionados uma vez que avaliam e conseguem apontar resultados satisfatórios em diversos contextos escolares, em relação ao ensino de Literatura. Regina Zilberman, Maria Thereza Rocco, Neide Luiza de Rezende e Angela Kleiman, por meio de práticas educacionais fundamentadas em saberes linguísticos, sociais e psicológicos, estabeleceram condições necessárias para a adoção de alternativas que caracterizem a ação dos professores formadores de leitores e despertem o interesse do aluno pela leitura de texto literário.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, para ampliar o método de ensino, o professor deve apresentar múltiplos modos de ler, ou seja, deve proporcionar a leitura de uma gama de possibilidades de gêneros textuais, diversificando autores e épocas, a fim de que os educandos possam estabelecer vínculos cada vez mais estreitos com os textos. Esse método lhes possibilita passarem do estágio de uma leitura mais ingênua que trate o texto como mera transposição de mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconheça o caráter ficcional e a natureza cultural da leitura. Nesse sentido, compreende-se que, para a realização de uma prática de ensino de leitura produtiva, cabe, ao professor, o dever de assumir o papel de mediador do processo de aprendizagem de leituras diversas, tendo em foco a proposição de atividades que levem o sujeito a pensar, a agir, a fazer inferências, a apropriar-se de sentidos a partir de contextos linguísticos, históricos e situacionais e que remeta ao desenvolvimento da capacidade de ampliação de seu conhecimento de mundo.

O *ensino da literatura*, na perspectiva contemporânea deve salientar os aspectos de formação crítica, ao mesmo tempo em que aguça as questões referentes ao aprendizado significativo, cheio de conteúdos e conhecimentos específicos da Linguística e da Língua Portuguesa. Partindo da argumentação de que “literatura não se lê, se vive” (DALVI, 2013, p.68), considere-se que as contribuições do texto literário escolar balizam a constituição da literatura, quando incentiva a formação de um sujeito leitor, à medida que as experiências, vivências e constituições subjetivas do indivíduo são organizadas de modo a compreender a importância de obras literárias tradicionais ou contemporâneas.

Com base nessas reflexões, nota-se que a teoria literária precisa subsidiar a prática pedagógica dos professores, no sentido de fundamentar metodologias que auxiliam a formação dos escolares e o transformem em leitores críticos. Mesmo a sala de aula se

caracterizando por apresentar um espaço marcado pelas abordagens formalistas e estruturalistas que analisam o texto literário como produto acabado, sem valorizar a interferência do leitor na atualização da significação textual, as práticas podem ser redimensionadas.

As abordagens que priorizam a interação texto e leitor precisam ter um contexto escolar, a fim de se valorizar mais o papel dinâmico do leitor na recepção textual, onde “o poder de sedução da leitura, que poderia contribuir para a formação do leitor geral, esvaziava-se pelas distorções escolares e decreta um futuro de não leitores.” (BORDINI, 1989, p. 9)

### 1.3 Abordagens metodológicas

A visão crítica do conhecimento, com a presença da literatura na escola deve almejar um processo de ensino e aprendizagem capaz de formar um indivíduo questionador e indagativo, quanto ao que se estuda e a relevância do conteúdo para o cotidiano. Segundo Annie Rouxel (2013), o objetivo desta abordagem volta-se para a construção e formação de um sujeito, denominado mais aproximadamente de sujeito leitor. Esta perspectiva pretende incentivar e aguçar as capacidades reflexivas dos alunos por meio de algumas práticas, que levem em consideração elementos que promovam esse resultado.

Para a pesquisadora a perspectiva Construtivista no ensino da literatura salienta três princípios fundamentais no desenvolvimento lingüístico: *os saberes sobre o texto*: que se referem aos conhecimentos sobre os gêneros e estilos, o funcionamento do discurso, e a compreensão sobre a poética dos textos; *os saberes sobre si*: que remetem à percepção do leitor sobre si, após ter lido e analisado o texto; e *os saberes sobre o ato léxico*: que se referem à capacidade de interpretar e utilizar as técnicas apropriadas para sistematizar e apreender o texto.

Esses princípios são cruciais para a formação crítica e reflexiva do discente. Quando o professor vislumbra suas práticas voltadas para estes fins, ele consegue assegurar a linguagem e, o escolar, ao se apropriar destes *saberes*, consegue perceber os aspectos morais e estéticos presentes nos textos, e interagir com eles. Pensar de modo analítico sobre o tipo de texto disponibilizado ao escolar, significa alcançar ou não, as intenções do docente.

Em síntese, a leitura objetiva, o senso crítico-reflexivo, a ampliação da linguagem, entre outras aspectos. Isto propicia uma experiência fundamentada na apreciação do leitor, por parte dos aspectos estéticos, enquanto o ensino tem a intenção de organizar meios e

procedimentos metodológicos, que incentivem o seu desejo de averiguar de forma crítica os textos literários, e desta maneira refletir sobre o mundo, o que lhe pode auxiliar na postura reflexiva sobre seu cotidiano.

Para Zilberman (2010), apesar do vínculo existente entre essas duas abordagens literárias, a prática em sala de aula não tem despertado o prazer de ler o texto literário, uma vez que, demasiadamente focada no reconhecimento das especificidades estéticas da obra, têm configurado um panorama que se mostra fragmentado, sem um objetivo claro para o aluno. Assim, faz-se necessária a ampliação de atividades que gerem o desejo de ler, a fim de se desenvolver uma cultura de leitura e de apreensão do saber literário.

Com o contato em campo, para desvendar a realidade de ensino da literatura na escola selecionada como fonte de pesquisa prática, buscou-se averiguar por meio questionário o que tem sido trazido para o contexto escolar como característica do Ensino literário. Deste modo, entender a concepção de leitura presente nos escritos de Zilberman (2010) evidencia a perspectiva do professor que deseja a formação indagativa e reflexiva do ensino da literatura.

O ato de ler, para Zilberman (2010), implica uma prática que seja capaz de desenvolver um ensino produtivo, no sentido de levar o sujeito leitor à aquisição de habilidades linguísticas, a apreender as significações expressas nos diversos gêneros textuais, os quais denotam possibilidades de ampliação da competência comunicativa, na condição de usuário da língua nas mais variadas situações e com o fim de torná-lo um cidadão crítico e consciente, um sujeito ativo e transformador de sua realidade mediante o contexto social do qual é parte integrante. Diante deste aspecto, compreende-se que a prática de leitura deve determinar diferentes movimentos, em outras palavras, a leitura como prática transformadora permite agir sob uma diversidade textual capaz de levar o leitor a interagir e dialogar com as diversas situações comunicativas no tempo e no espaço.

De acordo com Zilberman (2010), a leitura, uma vez concebida como processo, permite ao sujeito leitor a realização de uma prática ativa de compreensão e interpretação de um texto lido, e que a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos de mundo, obra, autor e do que já assimilou e dominou sobre a linguagem sua capacidade em selecionar, antecipar, inferir e verificar uma atividade dialogicamente, agir com autonomia, pensar e expressar fluentemente na sociedade letrada na qual está inserido o faz ser reconhecido como um leitor proficiente em potencial.

A experiência de Aguiar (2001) elucida a discussão de que é preciso entender a relação entre linguagem e arte para detectar o equívoco, o paradoxo: se a escola é o lugar da constituição do saber e do poder pela palavra, por que a mesma não pode ser propulsora do

prazer pela linguagem? Se a literatura é diferente de escola, há um problema quando se propõe tornar a literatura atividade escolar: a intimidação da palavra, implicação que inibe a formação e entrada do sujeito nas leituras literárias.

Na literatura, cada indivíduo é construtor do seu próprio percurso, sendo assim, a escola tem intenção de instituir e promover o saber e, desta forma, desenvolver a adequabilidade da linguagem, alfabetizar com o objetivo de construir um sujeito capaz de organizar, transformar, por meio das palavras, do comportamento e de valores éticos.

A literatura, como ensino, está situada no Código das Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM), na área curricular de Linguagens. Este conhecimento do ensino demonstra elementos capazes de constituir relevância para a sistematização de conteúdos das ciências naturais e ciências sociais e humanas, sendo, neste, sentido um saber primordial para a construção da identidade cultural e cidadã dos indivíduos, como é proposta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A literatura faz parte das disciplinas que compõem o aspecto formativo dos alunos, vinculado às atividades e conteúdos relacionados às diferentes formas de expressões, sendo, portanto, indispensável para a aquisição de outros conhecimentos.

Ao explicitar sobre o tema ensino literário, podemos nos apropriar de alguns estudos que Magda Soares realizou, uma vez que a autora evidencia questões relevantes sobre os processos decorrentes da escolarização nas instituições de ensino, e aponta meios para um letramento coerente de obras literárias, retirando estereótipos e caricaturas. Para ela, a escola ideal é a que tem compromisso com o processo transformador. Assim se define:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitem conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (SOARES, 1998, p. 73)

Assim entendendo, pode-se defender que a escola transformadora é aquela que assume o papel de formar leitores críticos e autônomos, capazes de desenvolver leituras críticas do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece perder-se diante de outras concepções de leitura que ainda orientam as práticas pedagógicas. É função da instituição escolar propiciar um ambiente de aprendizagem favorável ao processo de aquisição da habilidade de ler qualquer gênero e tipo textual, mas, para isso, é preciso que o professor, em sua prática pedagógica, projete antes de tudo estratégias inovadoras no seu processo de

ensinar e aprender, bem como fazer uso de novas tecnologias tendo como foco a permissão de contato do sujeito com os mais diversos gêneros textuais e literários.

Na tentativa de compreender as razões pelas quais o sistema educacional não consegue estimular a vontade de ler e entender as obras literárias, Aguiar (2001) traz explicações fundamentadas no cunho socioeconômico dominante. Segundo ele, a escola, que possui sua origem na cultura europeia, difundiu-se como um instrumento que regeria a ordem e o sistema social. Neste aspecto, a organização estaria sujeita às mudanças resultantes do conflito de forças sociais que emergiram em cada momento histórico.

A instituição a quem compete sistematizar o conhecimento e o saber, e um ambiente favorável ao desenvolvimento pleno do indivíduo, é a escola. Embora demonstre um aspecto homogêneo para o processo de ensino e aprendizagem, precisa se relacionar com um público extremamente heterogêneo, inscrito em diferentes classes sociais, culturais e etnia. Esse ambiente deve ser propício para a inserção cultural do aluno, e para desenvolvimento de capacidades cognitivas e competências próprias para preservar a cultura da vida e o letramento literário num processo em que a escola seja concebida como:

O espaço privilegiado, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p. 16)

Ao abordar a questão da literatura como um instrumento de disseminação do conhecimento, a autora contribui no sentido de indicar os estudos literários como um importante elemento dentro dos processos mentais, a partir do imaginário e do abstrato consegue deslocar o leitor para o plano do imaginário, devido às múltiplas significâncias que podem ser constituídas e formadas a partir do texto literário.

Nos estudos realizados por Hermann (2005), a autora destaca que existem julgamentos morais que fluem durante a leitura e interpretação das diversas narrativas, o que proporciona diferentes experiências para os indivíduos, indicando que a estética literária faz com que exista ou não uma contemplação da literatura.

A emergência da estética aponta que as forças da imaginação, da sensibilidade e das emoções teriam maior efetividade para o agir do que a formulação de princípios abstratos e de qualquer fundamentação teórica da moral.

(HERMANN, 2005, p.14).

Depreende-se que a partir das constatações de Hermann, o fator estético correlacionado ao lúdico contribui para o desenvolvimento da imaginação e da sensibilidade estética, porque esses atributos requerem reflexão e contemplação. Como consequência, o leitor consegue apropriar-se daquilo que lê e apreender os efeitos de sentido, com maior relevância.

Para a escola assumir a tarefa de formar leitores, deve-se ultrapassar a decodificação de palavras expressas em um texto e a formulação dialógica que leva o sujeito a uma reflexão crítica sobre o texto lido. Sua real função é a de induzir e estimular o sujeito a saber criticar e fazer inferências durante o processo de construção de sentido que dá vida ao texto lido.

Em face disso, o papel do professor em sua mediação do objeto lido com o leitor deve ser repensado a partir do reconhecimento e dos limites de suas ações, de forma a passar a agir objetiva e coerentemente frente aos constantes desafios decorrentes do momento atual. Considerando as afirmações de que a leitura ultrapassa o texto escrito, Kleiman (1996) salienta que ela se inicia antes de o sujeito ter contato com o texto, pois ele tem um papel ativo, a partir do momento que deixa de ser um decodificador ou mero receptor em seu processo de formação.

Nesse aspecto, a função do professor não consiste em apenas ensinar o sujeito a ler, mas a criar condições para que esse leitor realize sua própria aprendizagem, conforme seus interesses, necessidades, fantasias, dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Faz-se necessário dialogar com ele sobre a sua leitura, sendo fundamental esse processo de continuidade, quanto ao que foi lido, e despertou interesse nos sujeitos escolares.

Para a escola assumir a tarefa de formar leitores, é designado a ela a responsabilidade de superação da decodificação de palavras expressas em um texto e a formulação dialógica que leva o sujeito a uma reflexão crítica sobre o texto lido. Sua real função é a de induzir e estimular o sujeito a saber criticar e fazer inferências durante o processo de construção de sentido que dá vida ao texto lido.

Nesse ambiente, deve-se salientar a ênfase na formação de *leitores proficientes* que parte da concepção de que a leitura precisa ser percebida como uma prática historicamente determinada de atribuições de sentidos, produzida e praticada a partir do lugar social e da formação discursiva em que o sujeito-leitor está inscrito. No entanto, as práticas escolares é proposta com base nos modelos tradicionais que não consideram seus contextos experienciais. Neste panorama, o modo do professor conduzir sua prática pedagógica evidencia a sua

postura e concepção sobre a leitura. Seu enfoque e a metodologia utilizada demonstram o seu propósito e a sua escolha política.

As considerações de Zilberman (2010) indicam que o contexto geral é aberto a inúmeras leituras, daí a preferência do sujeito pela leitura de obras. Para a autora, a experiência é bem diferente daquelas impostas pelo meio escolar. Isso não desconsidera o que tem sido realizado na sala de aula, mas sugere reformulações expressivas no âmbito educacional, no sistema político-econômico, social e cultural, de modo a proporcionar condição de leitura à população em massa e desfavorecida, independentemente deste ambiente escolar ultrapassar o texto escrito.

#### **1.4 A leitura como experiência comunicativa e estética**

Durante o exercício cotidiano da leitura de textos literários manifesta-se uma gama de possibilidades para se penetrar na prática do horizonte de expectativas do leitor, na sua relação com o texto e o autor. Segundo Hans Robert Jauss (1994), “a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática” (JAUSS, 1994, p. 50).

Ao se considerar o texto como uma estrutura complexa, organizada a partir de ideias e pressupostos, com pontos de indeterminação e lacunas, tem-se que considerar que o leitor precisa ter um papel ativo para utilizar os códigos e sinais linguísticos, e escolher as concepções que irão se adequar melhor à interpretação e compreensão da mensagem percebida e visualizada.

A abordagem elaborada por Jauss considera que a experiência da leitura estética leva à emancipação do leitor, quando esta experiência consegue proporcionar três condições fundamentais: a *poesis*, a *aisthesis* e a *katharsis*. Embora sejam distintas, em conjunto, elas incentivam o objetivo de relacionar vida e literatura.

Robson Rosseto (2007), em seus escritos sobre a Estética da recepção de Jauss, aponta estes princípios configurados dentro do seguinte aporte. *Poesis* evidencia-se como a noção de tornar o leitor um co-autor da obra, quando ao lê-la fica evidente sua capacidade de interação cultural e ideológica. (p. 54); *Aisthesis*, a experiência provocada no leitor pela descoberta de uma nova percepção de mundo, auxiliando a construção da abordagem estética no indivíduo por meio da interação com o texto literário. (p. 54); e *Katharsis*, corresponde ao sentido de bem-estar incentivado pela reciprocidade com um novo conhecimento, que possibilita a

alteração da norma padrão e conduta do leitor, propiciando-lhe uma ação sobre o mundo.

Para Aguiar (2001), ao sistematizar esses princípios dentro do ambiente escolar, incentiva-se a atividade do leitor por priorizar sua capacidade de criar, durante os processos de compreensão da literatura, sendo considerada uma função libertadora nesta perspectiva. Ao se referir ao processo desencadeado pelo estudo de obras literárias, de modo a salientar as capacidades cognitivas dos alunos, Zilberman (2010) declara algo sobre a importância e o significado deste para a ampliação do conhecimento crítico e a constituição de elementos reflexivos, ao afirmar que:

O significado só pode ser construído na imaginação, depois de o leitor absorver as diferentes perspectivas do texto, preencher os pontos de indeterminação, sumariar o conjunto e decidir entre iludir-se com ficção e observá-la criticamente. A consequência é que ele aprende e incorpora vivências e sensações até então desconhecidas, por faltarem em sua vida pessoal. (ZILBERMAN, 2010, p. 43)

Embora não possamos reduzir a realidade à linguagem, fazemos uma tentativa de representá-la e compreendê-la, quando o sujeito entra em contato com o texto. Refletir sobre pensamentos de outros não se relaciona apenas à compreensão, mas supostamente conduz a uma alteração naquele que pensa: o leitor.

Os atos de compreensão envolvidos no processo de constituição do significado capacitam o leitor a refletir sobre si e a descobrir um mundo a que até então não tivera acesso. (ZILBERMAN, 2010, p. 44)

Evidenciando uma abordagem dialógica, as relações entre os escritos do autor e leitor, Zilberman (2010, p. 53) afirma:

Quem lê (...) quer o lado de fora, para onde se desloca, comandado pela imaginação. Por isso, talvez seja o caso de se pensar em transformar o “de dentro” da sala de aula em ‘de fora’ da leitura.

Nesse sentido, a leitura apresenta-se como uma experiência com a linguagem que pode desencadear diferentes interações no universo do sujeito leitor. Para Eco (1979), a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função das expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor.

A dinâmica deste processo de leitura é resultado da interação entre texto e leitor e de sua visão de mundo, uma vez que as circunstâncias tanto da pessoa em particular quanto de forma coletiva e social influenciam na leitura do sujeito leitor. Diante do exposto, Umberto Eco também pontua que a aprendizagem da leitura textual expressa uma aprendizagem de leitura de mundo, implicando no sentido que o sujeito dá ao mundo e a si próprio, o que bem ou mal acontece mesmo sem ser ensinado.

## II UM CASO, VÁRIOS SUJEITOS

Os estudos voltados para os procedimentos de utilização da literatura em sala de aula têm sido recorrentes principalmente nos cursos de graduação em Letras e Pedagogia. Estas reflexões estão apresentadas em livros, artigos, dissertações e teses. Com a necessidade de averiguar a realidade sobre as práticas que fundamentam os estudos literários pelos discentes do ensino médio, e descrever como é promovida a experiência literária pelo docente, duas etapas de apreensão da realidade foram planejadas e desenvolvidas: a aplicação de um questionário seguida de entrevista com os professores e do roteiro de atividades destinadas a estudo de textos literários pelos professores e alunos.

O local escolhido para a coleta de tais apreensões foi o Colégio Estadual Dom Pedro I, situado no município Aparecida de Goiânia, como já dito. A partir dos fundamentos de Kleiman, Zilberman, Rocco, Aguiar entre outros, foram estruturados os objetivos e caminhos que a pesquisa necessitava percorrer. No tópico *O método: Corpus, Objetivos e Roteiro*, caracterizamos o ambiente, evidenciamos o público que faz parte da comunidade escolar, e salientamos as intenções para a utilização do questionário, do roteiro de atividades na escola e da entrevista com os professores.

Após apresentarmos e justificarmos a pesquisa em campo aos professores de Língua Portuguesa e Literatura, iniciamos o processo de averiguação da realidade por meio do questionário. No tópico *Uma experiência: Percurso*, apresentamos as informações expostas pelos discentes e professores. No questionário dos escolares evidenciamos: o perfil etário; o contato com a leitura; o envolvimento com a literatura fora do ambiente escolar; a metodologia utilizada pelo professor para ensinar literatura em sala de aula; a relevância da literatura para a formação cidadã; os conhecimentos essenciais para aprender literatura na escola; e a interdisciplinaridade presente no ensino da literatura.

Tendo como referência os princípios desenvolvidos no capítulo anterior, buscamos, neste capítulo, a manifestação dos registros informacionais durante o nosso trabalho de campo, para assim identificar as noções e percepções que alunos e professores possuem do ensino de literatura, conhecimentos presentes na disciplina Língua Portuguesa e Literatura.

### 2.1 O Método: amostra, objetivos e roteiro

A problemática que norteia esta pesquisa é: Qual o perfil dos docentes e dos alunos do

ensino médio no colégio estadual Dom Pedro I, perante a atuação dos professores de Língua Portuguesa em relação ao estudo literário? A partir dos principais entraves para o sucesso nos estudos literários, e do comportamento dos educandos durante as atividades destinadas a estes estudos.

Os objetivos específicos da pesquisa são: evidenciar as principais condições em que se encontra o processo de ensino-aprendizagem no colégio; explicitar a importância da mediação no sistema educacional no ensino de Literatura; e compreender como ocorre a interação entre professores e alunos quanto ao ensino da literatura.

O Colégio Estadual Dom Pedro I, *lócus* do estudo, está localizado na Rua João Batista de Toledo, nº 18 – No setor Central de Aparecida de Goiânia, em Goiás. A escola possui um público econômica, cultural e socialmente diversificado em relação ao de outras escolas localizadas no município Aparecida de Goiânia, o que contribui, em termos de uma visão sobre o que ocorre na escola pública brasileira, com relação à presença da literatura na disciplina de Português, no ensino médio. Isto é ocasionado devido à sua localização no Centro do Município, o que facilita o acesso aos estudantes, promovendo, assim, a presença de alunos moradores de toda a região.

O diretor é eleito pela comunidade escolar, pais e alunos, e a coordenação é indicada pela direção. O número de professores ocorre com a seguinte distinção: Matutino: 43 docentes, vespertino: 40, e noturno: 19. Os funcionários administrativos readaptados em outra função são 6. A direção é formada pelo grupo gestor: diretor, vice-diretor, e secretário geral. Os coordenadores pedagógicos que atuam no período matutino são 4; no vespertino, 4; no noturno, 2.

A estrutura física do prédio comporta 10 salas de aulas, 1 sala de coordenação, 1 sala de professores, 1 sala de informática, 1 biblioteca, 1 laboratório de ciências, 1 cozinha, 4 banheiros e 1 banheiro para portadores de necessidade especiais, 1 sala de almoxarifado, 1 depósito e 1 quadra sem cobertura.

O Colégio Dom Pedro I funciona nos três turnos: O ensino médio funciona no matutino, 620 alunos, no vespertino, 680, e o noturno, 320 alunos. O livro didático adotado para Língua Portuguesa e Literatura chama-se “Projeto Eco Língua Portuguesa – Edição Positivo”.

Em nossa experiência docente em Língua Portuguesa na rede pública de Educação temos atuado nos anos finais da educação básica. Pudemos perceber que, para alguns educandos, serão os últimos contatos que terão com a literatura devido às condições precárias de vida que possuem. As práticas docentes relacionadas ao processo de constituição da leitura

e escrita são permeadas de concepções político-ideológicas, tanto no ambiente escolar, como em outras instituições sociais que veiculam as ideias que melhor irão auxiliar na permanência do poder dominante. Diante dessa percepção, propomo-nos a discutir e problematizar a temática da literatura-escola, buscando argumentar sobre os fundamentos para um ensino que tenha como princípio a abordagem Construtivista de ensino da literatura, que incentive a autonomia, a consciência, a crítica e a interpretação do aluno sobre o mundo em que está inserido.

Zilberman (2010) afirma que as relações entre leitura e literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no ambiente escolar. A leitura como atividade atrelada à consciência crítica do mundo, do cenário histórico-social em que o aluno está inserido, ainda é uma prática que precisa ser mais efetivada no espaço escolar. O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Contudo, na prática, essa noção ainda parece desarticulada com concepções de leitura que ainda orientam as práticas escolares.

Por meio desta pesquisa, pretendemos fazer um estudo sobre o interesse dos educandos de modo geral e, em especial, os do Colégio Dom Pedro I pela literatura, no âmbito do ensino da literatura; perceber como ocorre a interação entre professores de Língua Portuguesa, alunos, e texto literário; evidenciar as principais metodologias de ensino utilizadas pelos professores; e realizar uma análise sobre a noção que discentes e docentes possuem da literatura; e averiguar a percepção e a sensibilidade dos escolares quando deparados com texto literário.

Pelos resultados da análise descritiva poder-se-á evidenciar em que condições se encontra o ensino-aprendizagem do corpo docente e explicitar a importância da mediação humana no sistema educacional, em especial no ensino de Literatura. Pois se trata de uma disciplina que se propõe ao desenvolvimento da sensibilidade estética e do pensamento crítico-reflexivo, por envolver o subjetivismo e a reflexão pessoal de cada educando inserido nesse processo.

Segundo Kuenzer (2005, p. 56), “as pesquisas que têm sido realizadas sobre as novas demandas de educação, a partir das mudanças no mundo do trabalho, têm mostrado que o principal impacto se dá na relação entre homem e conhecimento”. A autora sublinha a importância da educação literária, defendendo-a como algo que suscita universos de reflexões capazes de causar impacto no educando, provocar mudanças de valores e improvisar melhorias em sua formação humana.

O ensino de Literatura nas escolas públicas tem-se destacado muito e ganhado algum

avanço e respeito por parte dos educandos. Observa-se que o Ensino Médio atual, a partir da Lei n. 9394/96, é reconhecido como “novo” e busca, por propostas, soluções simples para problemas complexos, o que implica reconhecer o espaço e o tempo para a sua construção (KUENZER, 2005). Isso requer a busca de solução que perpassasse os caminhos pedagógicos necessários para uma consolidação efetiva entre teoria e a prática, pois, assim, os educandos serão constituídos como sujeitos leitores.

O ensino da literatura encontra-se na área curricular de Linguagens e Códigos, definidas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Nelas estão apresentadas as competências, ou seja, o conjunto de habilidades que dizem respeito à constituição de significados. Tais competências estão relacionadas às diferentes formas de expressão que se manifestam por meio do estudo da Língua Portuguesa, que é expressa em linguagem simbólica, e que constitui elemento principal para aquisição de outros conhecimentos.

Pode-se tomar como ponto importante dessa discussão o que Soares (2001) apresenta no seu texto: “A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil” (2001). Se, por um lado, o processo de escolarização é inevitável, uma vez que a essência da escola é a socialização do conhecimento, por outro, promove a vivência do literário e contribui eficazmente com as práticas de leitura exercitadas no contexto social, visando a formação do leitor crítico.

A presente pesquisa pretendeu investigar o perfil dos professores e educandos como contribuição à formação do leitor de literatura no Ensino Médio, fundamentada na pesquisa de mesmo cunho que Rocco (1981) desenvolveu dentro do âmbito escolar. Para tanto, foi adotada uma pesquisa empírica, com abordagem qualitativa. Para efetivar este estudo foram utilizados dois procedimentos metodológicos de investigação em campo, concernente às práticas docentes, e à percepção dos discentes quanto às aulas de Literatura.

Num primeiro momento, foi aplicado, junto aos alunos, um questionário com questões objetivas e subjetivas, construído a partir do arcabouço conceitual referenciado no capítulo anterior. Neste recurso documental, foram salientadas condições de apreensão da realidade como, por exemplo, a relação entre a faixa etária do aluno em relação às idades estimadas pelas Políticas Educacionais.

Outro aspecto destacado foi a experiência do estudante, na condição de leitor. Por meio das questões aplicadas, mensuramos a quantidade de leitura realizada e os assuntos preferidos dos alunados. Após visualizarmos o panorama de experiências do leitor, foram formuladas e aplicadas questões referentes às práticas em sala de aula. Aos discentes, apresentamos situações hipotéticas sobre o ensino da literatura no ambiente escolar e

indicamos algumas possibilidades didáticas para tornar as aulas mais atraentes.

No âmbito de averiguação para identificar e avaliar dados da prática docente, também foi construído um questionário com questões que suscitaram a compreensão dos professores com relação ao ensino da literatura, a partir dos indicadores: a formação do docente; o tempo que leciona; a relação entre o professor e a literatura; e as condições em que as aulas eram realizadas, sendo ressaltados os procedimentos metodológicos e as perspectivas teóricas utilizadas para a realização da prática escolar.

Para a formulação das questões apresentadas a alunos e professores foram perpassados os aspectos: a interdisciplinaridade na Literatura; o processo de ensino e aprendizado no colégio; os objetivos do estudo de Literatura na escola; as condições em que a literatura auxilia na vivência dos sujeitos, ao formar um indivíduo reflexivo que compreende as razões políticas e sociais que estruturam o campo social em que está inserido.

Com a intenção de identificar a percepção estética e a capacidade de interação entre texto e leitor pelos discentes, por meio do ato de ler, foram escolhidos dois contos, do escritor moçambicano Mia Couto, para que, deste modo, os discentes pudessem lê-los e analisá-los, e assim expressar, por meio de reflexões escritas, a compreensão obtida. Os escritos literários escolhidos foram: *A Infinita Fiadeira* e *O menino que escrevia versos*, a seleção se baseou na compreensão de que há identificação temática entre os escritos e os sujeitos participantes da pesquisa.

A coleta de dados consistiu, portanto, na aplicação de questionários, contendo questões de múltipla escolha e um roteiro orientador da exploração dos dois contos. Um outro instrumento de coleta de dados foi o roteiro de atividades de leitura que lhes fora destinada, contendo proposta de exercício de compreensão e interpretação da narrativa literária. Os procedimentos utilizados permitem vislumbrar o panorama acerca da realidade da prática da leitura literária no ensino médio e identificar o nível de percepção dos alunos sobre o que estão lendo, auxiliando na superação de conceitos linguísticos.

## **2.2 Uma Experiência: percurso**

Nesta sessão, procurou-se observar como foi construído um conjunto de informações contendo os escritos dos escolares e professores, no qual as respostas apresentadas nos questionários foram descritas e analisadas, permitindo um panorama sobre a compreensão dos alunos com relação ao processo de leitura e às práticas docentes.

Com a discussão sobre as informações dos sujeitos escolares em campo, discorreremos sobre o percurso e a experiência em campo, utilizando a percepção de Regina Zilberman, Vera Teixeira de Aguiar, Maria Thereza Fraga Rocco, Annie Rouxel, Neide Luiza de Rezende, Jover-Faleiros e Maria Cabral da Silva, Magda Soares, Emília Amaral, Marta Passos Pinheiro, Leopoldo Comitti, Marisa Lajolo, Maria Amélia Dalvi e Hans Robert Jauss que se referem ao processo de interação entre texto literário e leitor. Para tanto, foram organizadas quatro categorias de análises dos assuntos, a saber: a identificação pessoal dos alunos; a experiência do leitor; o procedimento adotado para ministrar o ensino da literatura; e a interação com a obra, a aula e o professor.

Por meio das apreensões coletadas em campo, passamos a observar a identificação pessoal dos escolares, evidenciando-se que 80% dos alunos participantes desta pesquisa possuem idade compatível com a faixa etária regular, que é representada pela idade de 15 aos 17 anos para o percurso do Ensino Médio. Destes participantes da pesquisa 20% estão com idade acima do que as Políticas Educacionais estabelecem como norma. Neste cenário, a pesquisa em campo aponta que 60% dos alunos lêem com frequência, 13,5% dos alunos lêem apenas às vezes, e aqueles que não lêem frequentemente, correspondem a 26,5% do número do total.

Sobre a quantidade de livros que os alunos leram em toda a vida, a média de leitura apresentada nos dados varia entre 8 e 9 obras. O maior número de livros lidos foi do indivíduo denominado aluno O, que afirmou ter lido 25, apontando vários títulos. Interessante notar que o menor número de livros lidos ficou entre 2 e 5 livros. Logo, podemos traçar um perfil, em que os alunos que participaram deste estudo tem um boa interação com a leitura, se compararmos com a média de nosso país.

O romance é o gênero literário que se destaca no gosto dos alunos, pois é preferido por 2/3 deles. Outro ponto interessante é a temática da ficção e do drama como assuntos que estão presentes na vida dos estudantes, em geral. Neste aspecto, outros gêneros textuais como jornalísticos e contos quase não apareceram como assuntos preferenciais dos jovens.

Outro assunto evidenciado apresenta o tema dos procedimentos que envolvem a leitura de obra literária na sala de aula, ressaltando a interação entre o aluno-leitor e o texto literário. Esse dado permite-nos entender quais são os principais desafios para que o aluno possa assimilar o conhecimento textual e apreender o conhecimento objetivado pelo professor. Entre os desafios identificados, podemos apontar que a principal dificuldade, enquanto se está lendo um texto, refere-se à habilidade para interpretação desse texto, sendo este um problema indicado por 66,5% dos alunos. As palavras presentes no texto literário em geral não fazem

parte do cotidiano dos alunos. Outros 20% dos estudantes consideraram a leitura do texto literário algo difícil, devido haver nele muitas palavras que não conhecem. Uma das respostas apontadas pelos estudantes indica que a falta de vínculo com a realidade não lhes dava a oportunidade de experimentar a obra ou o texto literário.

Entre os motivos para a realização da leitura de obras literárias, 1/3 dos alunos declaram que leem porque são incentivados pelo professor, e 2/3 dos estudantes leem apenas assuntos que preferem, sendo que parte destes foram classificados como sujeitos que possuem certo hábito de leitura.

As obras recomendadas pela escola, em geral, não são lidas por todos os alunos. Apenas 13,5% afirmaram que leem todas as obras indicadas pelo professor 86,5% disseram que não realizam a leitura ou apenas o fazem de vez em quando. O tipo de gênero ou tema escolhido pelo docente tem relação direta com nível de apreensão e interesse dos alunos.

No âmbito de compreender o que perpassa pelo ensino da literatura no contexto da escola, levantamos um questionamento aos alunos sobre o que entendiam por literatura, por meio da pergunta *Qual o seu conceito de literatura?* As reflexões sobre esta questão não pretendem apontar se os alunos estão certos ou errados em suas ponderações, mas se percebem ou entendem esse conceito que referencializa a prática da leitura literária. De forma geral, assim se pronunciaram:

1. Estudante A – 16 anos  
“São escritos que servem para transmitir uma opinião.”
2. Estudante B – 18 anos  
“Tudo que pode ser lido.”
3. Estudante C – 17 anos  
“Um modo de expressar o sentimento humano”.
4. Estudante D – 18 anos  
“Uma forma de expressar as artes através da escrita.”
5. Estudante E – 16 anos  
“Um modo de expressar sentimento.”
6. Estudante I – 16 anos  
“Uma forma escrita de expressar os sentimentos.”
7. Estudante J – 18 anos  
“Histórias reais ou de ficção.”

Muitos alunos não conseguiram expressar o conceito que possuíam de literatura, sendo que 30% dos alunos deixaram de explicitar suas considerações sobre o que entendiam deste conhecimento. Isto aponta que a definição de literatura para a maior parte dos alunos do contexto da pesquisa escolar ainda não foi internalizada por eles.

Apesar desta evidência, pode-se considerar que a percepção dos alunos sobre o conceito de literatura se apresenta dividida em dois grupos de colaboradores no contexto da pesquisa na escola. De acordo com a resposta obtida sobre esta questão, podemos identificar a importância o distanciamento entre prática e teoria. Ao analisarmos as explicações, compreendemos as condições estabelecidas na formação do sujeito-leitor e evidenciar aspectos daquilo que pode prejudicar a apropriação conceitual que dá suporte ao ensino de Literatura.

A manifestação apresentada pelo primeiro grupo de colaboradores organizando-os em A, B e J revela que a definição de literatura se relaciona com a função comunicativa da linguagem. A reprodução de ideias se apresenta como o fundamento para as descrições formuladas por estes alunos. Nestas proposições, a literatura é vista como a disseminação de escritos que fazem parte de uma cultura e épocas passadas.

O outro grupo de informantes, os estudantes C, D, E e F, apontam o conceito de literatura sob a perspectiva do sentir, como um conhecimento que proporciona o exercício da sensibilidade suscitada pelas palavras combinadas nos escritos literários. As afirmativas formuladas por este grupo giram em torno da concepção de que a leitura literária é o meio pelo qual os sentimentos podem ser manifestados, por leitores e autores em várias épocas, pois seus relatos revelam a experiência que tiveram com o texto literário. Neste aspecto, Rocco (1981) em sua pesquisa também nos aponta que a maior parte dos estudantes informantes define literatura fundamentada na perspectiva do sentir por meio das expressões escritas.

Essa perspectiva esteve permeada durante a construção do primeiro capítulo, no contexto da cientificidade e dos estudos acadêmicos. Ao evidenciarmos o papel da sensibilidade para organizar a reflexão sobre a reciprocidade desenvolvida no processo de interação entre o sujeito-leitor e a obra literária, somos conduzidos a outro aspecto da pesquisa: a interação entre a obra, a aula e o professor.

Diante dessa percepção, serão expostos os questionamentos referentes aos objetivos do ensino de Literatura, à metodologia em sala de aula, o que tem sido feito e as possibilidades salientadas pelos alunos, como meio de incentivar o desejo de interação com este conhecimento. Instados a pronunciarem sobre a interação obra, a aula, professor, referentes

aos objetivos do ensino da literatura, a metodologia em sala de aula o que se tem e o que poderia ser salientado para corresponder aos desejos dos estudantes durante o processo de ensino e aprendizagem.

Ao averiguarmos essas percepções, indicamos que os alunos, em geral, não apresentaram unanimidade sobre o objetivo de estudar literatura. A maioria das respostas apontou que a principal razão era aprender as principais características das obras, dos escritores e dos períodos literários, sendo esta a percepção de 40% dos alunos. Um pouco mais de 26,5% compreendem que o objetivo é aprender a ler textos literários.

De acordo com 13,5% dos alunos, o objetivo adotado em sala de aula é conhecer a época dos principais escritores. Outros dois assinalaram que é aprender a ler textos literários e conhecer melhor a cultura e o mundo de que fazemos parte. Apenas um aluno evidenciou que estudar literatura consiste em aprender sobre algo a vida dos principais escritores.

Diante desses dados, percebemos que os alunos consideram, de modo geral, que a intenção do estudo literário corresponde à necessidade de uma abordagem que explore múltiplos aspectos do texto. Nesse sentido, foi identificado que, aproximadamente, 66,5% do total de alunos afirmam que as aulas de Literatura, geralmente, se desenvolvem da seguinte forma: o professor pede aos alunos que leiam os textos do livro e resolvam as questões propostas; posteriormente, ele corrige as atividades.

Neste aporte, as ocasiões em que são relacionados os escritos literários com a realidade do leitor quase não ocorrem, pois apenas um aluno confirma esse procedimento. Além de poder opinar sobre o texto, também houve a opinião dos alunos afirmando que há discussão em sala sobre os textos literários. 26,5% dos alunos disseram que essa não era uma prática frequente dos professores de Língua Portuguesa na escola.

Ao identificar, por meio das respostas apresentadas pelos importantes sobre a temática que lhe são apresentadas durante o ensino da literatura, percebemos as seguintes disposições: 20% dos alunos apontam que conhecer de cor as características de um autor ou de um período literário, como o Classicismo, o Romantismo, o Realismo, entre outros é algo que lhes parece fundamental; 20% dos estudantes revelaram que a compreensão das relações entre o texto literário e a época em que ele foi escrito é um conhecimento de suma importância. O aspecto mais ressaltado durante a realização da aula foi a compreensão e a interpretação dos textos literários, correspondendo a 53,5% das exposições analisadas. Consideramos importante que entender o que deveria ser ressaltado durante as aulas incentiva o prazer e a satisfação com relação ao processo de formação do sujeito leitor, por meio das aulas de Literatura.

Para a maior parte dos estudantes, 73,5% do total compreender e interpretar os textos

literários é a melhor forma de ensinar literatura. A dificuldade de interpretação dos escritos de literatura, um dos pontos mais destacados nas questões anteriores. Ao analisar esse tópico, encontramos que a compreensão das relações entre o texto literário e a época em que ele foi escrito, foi encontrado na resposta de 20% dos discentes, a capacidade de reconhecer as características do período literário a que o texto pertence foi salientado por apenas 6,5% dos alunos.

A questão da interação entre leitor e obra continua sendo ponto que contraditoriamente agrada e, ao mesmo tempo, que atrapalha os alunos em sala de aula durante o estudo de literatura: como se desenrola o processo interdisciplinar sobre os conhecimentos que envolvem o ensino da literatura em sala de aula. Sendo assim, observamos se esta abordagem tem proporcionado interação da literatura com outras áreas do saber, como a história e a arte. No último ponto ressaltado, referenciamos o processo avaliativo das leituras realizadas fora da escola.

De acordo com os dados coletados sobre as atividades e estratégias de ensino que mais agradam aos estudantes, 26,5% apontam a oportunidade para debater os assuntos e participar da aula como o elemento mais prazeroso. Desses 15 alunos participantes da pesquisa, 26,5% consideram que conhecer como o homem viveu, sentiu e pensou em outras épocas, evidencia um sentimento de identificação com o texto literário. 20% consideram que o fator que mais lhes agrada durante as aulas é vencer os desafios que a leitura proporciona e conseguir compreender um texto literário. 13,5% dos estudantes entendem que os assuntos debatidos, em geral, são muito interessantes. Um aluno manifestou-se destacando que a leitura de textos literários provoca o pensamento sobre nossa própria vida e nossa época, e que a literatura é forma de expressar outros contextos sociais.

Dentre os aspectos que se referem aos elementos que menos incentivam os alunos com relação ao desejo de estudar literatura, temos algumas práticas dos professores e também elementos próprios dos escritos literários. Um percentual de 46,5% dos alunos responderam que, pelo fato de a linguagem ser antiga, muitos dos termos são inacessíveis e como, em geral, o dicionário não é utilizado durante as aulas, há falta de compreensão, o que prejudica a relação entre texto e leitor. 20% dos estudantes enfatizaram que os textos literários exigem muita atenção do leitor e, quase sempre, o ambiente escolar não propicia condições para a concentração. Isso, claro, acaba por prejudicar o entendimento sobre o texto.

Outros aspectos concernentes às práticas docentes foram ressaltados durante a pesquisa. Um total de 13,5% dos alunos apontaram que as aulas, em geral, são monótonas e não aguçam a vontade de aprender sobre o conhecimento de literatura. Outro aluno enfatizou

que as discussões propostas pelo professor são de cunho abstrato e distante da realidade discente. Esta questão auxilia a problematização sobre a relação entre o procedimento em sala de aula e o interesse do aluno.

De acordo com o ponto de discussão sobre as características da interdisciplinaridade presentes no saber literário, 66,5% dos alunos apontaram que a interação de disciplinas e assuntos do cotidiano ocorre com bastante frequência durante a realização do processo de ensino e aprendizagem; 33,5% dos estudantes apontaram que quase nunca ou nunca ocorre esta correlação com outros conhecimentos.

A última questão presente no questionário refere-se às formas em que o processo de avaliação da leitura de obras extra sala de aula. Por meio desta consideração, podemos perceber como são exploradas e entendidas, as apreensões dos alunos em relação ao texto literário. A produção seguida de apresentação de trabalhos e realização de provas foi evidenciado pelos discentes como os meios de incentivo à leitura mais utilizados pelos professores.

Nas condições descritas, podemos identificar que a adoção de seminários, realizados a partir de temas propostos pelo professor, é reconhecida por 40% dos alunos como prática comum na escola. Desses, 20% evidenciaram as provas e trabalhos escritos; 13,5% dos alunos indicaram que a discussão em grupo e a realização de avaliações são utilizadas como meios usuais de estudar literatura.

13,5% dos alunos interessam por leitura de texto literário, afirmando também que a forma como o ensino de Literatura era realizada em sala de aula, por meio das práticas do professor, satisfaz as necessidades e anseios dos estudantes. Isto ocorre quando há atividades e trabalhos criativos a partir da obra, como representação teatral, criação e apresentação musical, desenhos, produção de textos, entre outras formas. Disso, pode-se entender que se deve ampliar atividades que despertem no aluno o sentimento de prazer durante a leitura de texto literário, por meio dos recursos didáticos e atividades lúdicas.

A realização da pesquisa em campo também contemplou a coleta de dados dos professores de Língua Portuguesa no Colégio Dom Pedro I, sendo solicitado aos docentes que respondessem questões acerca de formação acadêmica, suas experiências como leitor, e os meios utilizados para que a realização da aula com relação ao ensino de Literatura, com ênfase nas técnicas e procedimentos para o desenvolvimento pedagógico.

A partir disso, também foi aplicado ao professor um questionário com alternativas, fechadas e abertas, sobre aspectos que envolvem sua prática docente. Das respostas do questionário foram ressaltados os aspectos: identificação pessoal e ponto de vista sobre o

ensino de literatura.

O cenário sobre a formação do professor é abordado e se estabelece apontando razões explicativas sobre a prática docente. Analisando os dados, as escolhas e exposições sobre os temas, foi possível constatar visões e abordagens de mundo dos professores entrevistados. Muitas compreensões expostas são comuns, enquanto outras são específicas de cada indivíduo, fundamentado nas escolhas sociais e nas vivências cotidianas: todas as manifestações têm como referência alguma abordagem que determina e revela o modo de entender o mundo.

A primeira questão refere-se à formação dos professores. Todos possuem graduação em Letras. Um total de 60% dos professores possui especialização. Nenhum dos entrevistados possui mestrado ou doutorado. No caso específico da investigação realizada, do total dos docentes questionados, apenas um professor possui especialização em Literatura, este apresenta uma reflexão mais pertinente ao expor e explicar sobre o ensino de literatura.

O professor A leciona Língua Portuguesa há 20 anos. É o mais experiente. O professor B conta com 12 anos como docente, e os professores C e E, 15 anos; o professor D, 14 anos. Nessa parte da pesquisa, podemos compreender que os docentes não são inexperientes quanto à experiência em sala de aula. A julgar pelo tempo de trabalho, pressupomos um considerável arcabouço de vivência capaz de ampliar as reflexões do estudo realizado e a segurança na realização de suas atividades profissionais.

O professor, entendido como um pesquisador em constante formação compreende que não deve estagnar sua formação no campo em que atua. Considerando este fundamento, procuramos saber qual a última obra analisada pelos professores, o que possibilitou uma compreensão mais clara sobre seu processo formativo. Dentro deste campo, foi identificado que 60% dos professores, tinham lido recentemente clássicos da Literatura Brasileira e Internacional. Portanto, 40% deles apontaram que fazia algum tempo que não realizavam leitura de obras literárias. De maneira sintetizada, os professores expressaram que este conhecimento, presente dentro da disciplina Língua Portuguesa pode ser entendido das seguintes formas:

Professor A – licenciado em 1994

“É a fonte de cultura, prazer, deleite, etc... e ainda ajuda um país a contar a sua história.”

Docente B – licenciado em 2002

“Recriação da realidade, a partir de um autor ou autora. É uma forte arte que se

diferencia da música por nos permitir ter contatos com as experiências do ser humano.”

Docente C – licenciado em 1999

“É corpo ou conjunto de texto selecionado como a Literatura Portuguesa, Inglesa, Japonesa, etc.”

Docente D – licenciado em 2000

“É a arte de se expressar em palavras.”

Docente E – licenciado em 1999

“É a arte de conhecer a cultura de um povo, de uma região, ou até mesmo de um país.”

A concepção de literatura como arte esteve presente em quase todas as afirmativas desenvolvidas pelos professores, sendo apreciados os valores estéticos e morais durante a leitura de um escrito literário. Nesse aspecto, a exposição de quase todos os docentes, evidencia que uma obra literária provoca o sonho e o deslocamento do leitor por meio da seleção vocabular.

O aspecto cultural foi destacado em duas respostas, mostrando a concepção que a obra literária intencionalmente tem de revelar, uma sociedade, seja os seus escritos a favor ou contra as normas e os hábitos instituídos socialmente. Esta concepção refere-se ao conceito que Marisa Lajolo fundamenta em seu estudo *O que é Literatura*, 1995. Com a intenção de exemplificar esta percepção, pode-se notar que a explicação do professor E aponta este elemento como caracterizador dos povos, demonstrando um fator histórico e social, que abrange o escrito literário.

Embora as respostas sejam breves, podemos constatar que as aulas de Literatura, baseadas nas afirmações, tendem a salientar principalmente duas abordagens. A primeira se refere à utilização de técnicas que instiguem os alunos para desenvolverem a noção do sentir por meio das palavras, por meio do texto literário, auxiliando no trajeto durante a busca de conhecimentos, que permeiam estilos e épocas diferentes.

A segunda questão revela a predominância da exposição de elementos que identificam o grupo social em estudo, ressaltando a forma como vivem outros povos, os principais comportamentos culturais e as estruturas sociais estabelecidas. A partir do cenário apresentado, evidencia-se o papel da comparação, vislumbrando que, por meio deste procedimento, o aluno possa desenvolver sua capacidade crítico-reflexiva.

De acordo com os dados coletados e as informações expressas, a junção entre Gramática, Literatura e Produção de texto, precisa ser realizada para que o aluno tenha uma formação ampla e satisfatória para desenvolver os processos cognitivos. O professor B

apontou que a literatura, em especial, é o conhecimento da disciplina que mais auxilia para a formação do aluno. Enquanto o professor D evidenciou a gramática e a produção de texto como os principais campos da Língua Portuguesa que amparam e incentivam a construção do cidadão por meio dos instrumentos linguísticos.

A análise das manifestações presentes no questionário aponta que a maioria dos docentes demonstrou que a função integral que a disciplina proporciona, busca desenvolver as habilidades para a interpretação e a apreensão de códigos e signos linguísticos, entre outros. Esta condição de trabalhar os principais elementos que compõem a linguagem é salientada por Rocco (1981) e Zilberman(2010), como uma eficiente forma de utilizar os recursos signícos para ampliar a noção do aluno sobre a sociedade em que vive.

Para responder sobre o que o professor considera como o mais relevante para que a aula produza uma sensação de assimilação do conhecimento, foram estruturadas algumas alternativas, com a possibilidade de expor uma opinião diferente das que estavam expostas. Os professores denominados A, B e E compreendem que o principal da aula é desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o texto literário.

Para o docente C, o que é essencial em sua aula é relacionar o mundo da época em que foi escrita a obra com a sociedade de hoje. O docente D destaca que compreender as relações entre o texto literário e a época em que foi escrito, investigando o processo histórico e sociológico, são os elementos que se destacam em sua aula.

De acordo com a abordagem realizada pelos cinco professores, no âmbito da sala de aula, o ensino de literatura na disciplina Língua Portuguesa tem a intenção de criar um ambiente de discussão entre os alunos, tendo nos textos literários a fonte para a problematização. Este método auxilia a compreensão dos alunos e também do próprio professor, permitindo identificar os pontos anteriormente não destacados.

Por meio dos questionários destinados ao aluno e ao professor, foi possível vislumbrar, as práticas pedagógicas, as perspectivas educacionais, a intenção do docente, o método utilizado e a experiência enquanto profissional da educação, como professores de Língua Portuguesa. A manifestação dos professores proporcionou-nos pistas indicadas do modo de atuação dos educadores, o que requer compatibilidade entre a prática e o que dispõem o Projeto Político Pedagógico da escola, os planos de ensino e as normas gerais vigentes.

Com a aplicação do questionário aos informantes, a disponibilidade informacional sobre as percepções dos sujeitos do Colégio Estadual Dom Pedro I foram identificadas, demonstrando com esta estruturação as escolhas políticas e a percepção dos alunos e dos professores com relação ao processo de ensino de literatura. Este instrumento fundamenta a

discussão sobre o processo de formação dos discentes e incentiva a formação de sujeitos para torná-los aptos à cidadania.

### **2.3 Os Sujeitos: O professor e o aluno**

Discutir, por meio de perguntas reflexivas, a condição atual do ensino de literatura na escola, após a aplicação do questionário, teve-se a intenção com os sujeitos escolares, professores e alunos. Para tal finalidade, foi realizada, junto com oito alunos, uma atividade prática que abordava a questão da interpretação e compreensão do texto literário.

Neste segundo momento, por meio da compreensão dos escritos de Angela Kleiman (2013) e Maria Thereza Fraga Rocco (1981), será possível avaliar a percepção dos professores e estudantes com relação à realização da prática docente por meio de entrevistas, evidenciando a importância do ensino de literatura para a formação do sujeito crítico para se estabelecer como cidadão em sua sociedade.

Esta investigação junto aos discentes pretendeu salientar os elementos que constituem o sujeito leitor, assim como a percepção sobre a leitura e a problematização que o texto promove. De mesmo modo, foram feitas entrevistas com os professores para que assim a complementássemos as respostas que nos foram concedidas por meio de questionários, sobretudo quanto ao papel da literatura no âmbito escolar.

Utilizamos a experiência da leitura, no sentido de que nessa atividade fossem exploradas, didaticamente, duas narrativas curtas, ambas de autoria do escritor moçambicano, Mia Couto: *O menino que escrevia versos* e *A infinita fiadeira*. Com o objetivo fundamental de compreender como ocorre o desenvolvimento de sua habilidade, para vivenciar a experiência estética espontânea e orientada (informal e formal) na busca da formação de um leitor com senso crítico-reflexivo aguçado. Seguimos os pressupostos do livro, *Oficina de leitura: teoria e prática*, de Ângela Kleiman (2013), nele são consideradas três concepções de leitura: a) leitura como decodificação, b) leitura como avaliação, c) leitura autoritária.

Essa classificação resulta de uma pesquisa realizada pela autora, embasada na consulta que fizera a 60 professores da Educação Básica, séries iniciais. Sua prática norteada por esta última concepção, leitura autoritária, tem sido assim desenvolvida mediante percurso das etapas: motivação do aluno, por meio de uma conversa sobre o assunto geral do texto; leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas; leitura em voz alta, por alguns alunos, ou por todos os alunos, em grupo; leitura em voz alta, pelo professor; elaboração de perguntas

sobre o texto, por parte do professor; reprodução do texto (atividade de redação ligada ao tema do texto).

Com o objetivo de compreender a percepção do sujeito leitor, foi organizado o roteiro de atividades, com a intenção de averiguar o nível de compreensão textual dos discentes. Serão analisadas as respostas dentro de uma abordagem crítica e fundamentada na concepção de Kleiman (2013) sobre os processos desencadeados pelo contato com texto literário, no caso em questão, os dois contos supra citados.

Na primeira averiguação sobre a compreensão do texto, perguntou-se aos alunos: Ao ler a narrativa curta *Infinita Fiadeira*, o que mais lhe sensibilizou? A linguagem ou a história? Por quê? Diante desta reflexão inicial, os alunos responderam:

1. Aluno A – 16 anos

“O que mais sensibilizou foi a história, e de como a aranha era tratada por ter esse dom, por que hoje em dia as pessoas não acreditam mais no dom que os outros tem.”

1. Aluno B – 16 anos

“A linguagem com a história me sensibilizou, a narração é muito importante porque ela é quem cria o clima de envolver o leitor no enredo. Mas de fato, o que seria narração sem uma boa história?! O conteúdo já é envolvente, contudo a história me sensibilizou mais.”

1. Aluno C – 17 anos

“Ambos, a linguagem é bem escrita e empregada de uma forma fácil de ser lida, e a história é bem elaborada.”

1. Aluno D – 18 anos

“A linguagem, porque ele fala que a arte é proibida e a linguagem dá um tom a mais de empolgação na história.”

1. Aluno G – 18 anos

“O que mais me chamou a atenção foi a história, pois pelo que eu entendi ela conta que os artistas atualmente as pessoas tem dificuldade em expressar sua arte.”

1. Aluno H – 17 anos

“A história, pelo fato da arte da aranha nunca ter sido aceito por ninguém, nem homem nem aranha.”

A análise das respostas deste questionário tem a intenção de compreender qual nível de apreensão dos discentes em relação à compreensão do texto, quando lhes pedimos que apresentassem o aspecto que se destacou durante a leitura do texto literário, desejávamos

indicar a partir das respostas descritas como o processo de assimilação da linguagem ocorreu.

Nas explicações deste questionamento, a maior parte dos alunos considerou que a história trazia um vínculo com a experiência cotidiana dos alunos, isto por demonstrar um enredo de uma aranha, que não conseguia ser aceita pelos demais, fato recorrente no mundo dos adolescentes e jovens. De acordo com Rocco (1981), quando os conteúdos literários destinados aos alunos trazem temas relacionados com sua percepção cotidiana, a apreensão do significado textual é algo inevitável.

O aluno C destacou que os elementos da linguagem e da história complementavam o entendimento do texto, ampliando a relação entre o texto e o sujeito. Este elemento ampara o que o Guia de Literatura, de Zilberman e Bordini (1989), aponta como elemento essencial para incentivar a leitura e o contato com o mundo das palavras.

Quando os discentes destacaram que a história reflete uma condição artística, entram em contato com a abordagem da apreciação do texto, por ampliar a forma de entendê-lo, realizando uma leitura prazerosa, identificando pontos inéditos sobre a sua própria forma de perceber o mundo.

Ao continuarmos o processo de apreciação da condição estabelecida no ensino de Literatura no Colégio Estadual Dom Pedro I, utilizou-se a seguinte pergunta para esclarecer a percepção do que era avaliado durante a leitura pelo aluno: ao chegar ao mundo dos humanos, a aranha não é tão bem aceita quanto pensava. De acordo com o contexto apresentado como o ser humano é retratado quanto à apreciação de obras artísticas?

2. Aluno A – 16 anos

“O ser humano já tinha esquecido o que era arte ou até desconhecia o assunto.”

2. Aluno B – 16 anos

“ Há dois mundos diferenciados no texto, o mundo da natureza em primeiro plano e o mundo dos humanos em segundo. Ambos têm a mesma opinião sobre a arte, a aranha não foi aceita porque os humanos, achavam que a arte era inútil e improdutivo.”

2. Aluno C – 17 anos

“Como louco, não veem graça em tal.”

2. Aluno D - 18 anos

“É tratado também como um ser de outro mundo, no caso para humanos a arte é coisa de aranha e, para as aranhas, coisas de humanos.”

2. Aluno G – 18 anos

“De acordo com o texto o ser humano desconhece a palavra arte.”

2. Aluno H – 17 anos

“O ser humano desconhece e despreza a arte.”

Na realização da segunda pergunta, o objetivo era fazer o aluno perceber se a condição de apreciação da arte é geralmente utilizada pelo discente. Quando abordamos esta ponderação, os alunos expõem que o ser humano de um modo geral não sente, ou finge não sentir, um bem-estar durante práticas artísticas, que representam a expressão do sentimento, por diversos meios como pinturas, textos, esculturas e outros.

O aluno B salienta um aspecto que nos chama a atenção, ao expressar seu pensamento, o estudante revela a questão da improdutividade nas obras de artes da aranha com suas teias. Este elemento conota a condição em que os seres humanos, mesmo que inconscientemente, estão inseridos, se esquecendo das artes para poder sonhar e refletir sobre sua imaginação.

Ao propor a terceira reflexão, intentamos averiguar a relação entre sujeito e texto, e o impacto da mensagem contida no conto *A infinita Fiadeira*, para esta finalidade perguntou-se: Como o enredo da história pode ser aplicado à vida de uma pessoa que deseja atingir seus objetivos? De acordo com esta explicitação dos sujeitos escolares, estas foram respondidas de acordo com as seguintes ponderações:

3. Aluno A – 16 anos

“ A aranha, apesar das pessoas criticarem, ela nunca desistiu do que gostava. “

3. Aluno B – 16 anos

“Como ninguém é igual a ninguém. Nossos gostos, objetivos sempre serão diferentes. No texto, vimos como a aranha é excluída e julgada por ser diferente. A sociedade em que vivemos, de certa forma, também é assim. Qualquer pessoa que queira atingir seus objetivos na vida não deve dar ouvidos a críticas maldosas e destrutivas. E sempre lutar pelo que acredita.”

3. Aluno C – 17 anos

“ Não devemos ligar para que os outros vão dizer, faça o que gostar.

3. Aluno D – 18 anos

“Pode ser aplicado como motivação para fazer o que gosta. Mesmo que nunca te aceitem, pelo menos irá ser feliz.”

3. Aluno G – 18 anos

“Tudo na vida possui obstáculos, assim como a aranha, sempre vai existir pessoas que criticam outras pessoas na vida, quando se expressam.”

Aluno H – 17 anos

“Nunca desistir de seus objetivos, e não dê atenção à opinião das pessoas.”

Estas considerações expressam como os alunos conseguiram assegurar o ponto central da história do conto explicitado, de forma coerente à intenção do autor. Ao utilizar analogia, Mia Couto consegue escrever, principalmente para o público jovem, alvo de nossa pesquisa, caracterizado por transformações que desestruturam os comportamentos tidos como normativos.

A quarta pergunta foi: Ao ler a narrativa curta *O menino que escrevia versos*, você notou a presença de personagens como o pai, a mãe, o menino, o médico. Com qual ou quais desses personagens você mais se identificou? Por quê? As considerações estão dispostas da seguinte maneira:

4. Aluno A – 16 anos

“Com o médico, pois, no final, ele ansiava pelos versos que o menino escrevia, assim como anseio por poemas.”

4. Aluno B – 16 anos

“Com o menino que escrevia versos, pois ele gostava de escrever versos, não teve vergonha de dizer que era ele que escrevia mesmo sabendo que seria criticado.”

4. Aluno C – 17 anos

“Com o menino, porque ele não era igual aos demais de sua idade, ao invés de “se lançar no esfrega-esfrega”, ele ficava sozinho escrevendo versos.”

4. Aluno D – 18 anos

“Com o menino. Porque vivo sonhando para fugir um pouco da vida.”

4. Aluno G – 18 anos

“Não me identifiquei com nenhum dos personagens.”

4. Aluno H – 17 anos

“O médico, por acabar se encantando e apreciando os versos dos meninos.”

Dentro de uma abordagem mais específica em relação às outras questões expressas, notamos uma identificação maior com o personagem principal, o menino que escrevia versos. Neste ponto o processo de interação se visualiza de forma mais significativa, pois muitas sensações e sentimentos explicitados concernentes ao menino têm envolvimento com a personalidade do estudante.

De acordo com Zilberman (2010), esta reciprocidade desenvolvida é característica que

o processo de reflexão da própria subjetividade do leitor está sendo feita. Sendo assim, quando o discente correlaciona personagem e sua vida, constitui elementos de mudanças, que também estão presentes no enredo literário.

Neste ponto, percebe-se um dos elementos presente na estética da recepção, por meio principalmente da catarse, o leitor se põe no lugar de algum personagem. Devido à similaridade da vida do sujeito-leitor com a obra literária são realizados vínculos cognitivos apreendidos pelo aluno.

Dentro das considerações da pergunta cinco, possibilitamos aos estudantes expressarem as razões para o interessante gosto do menino, apontando a reflexão: De acordo com o texto, qual era a razão do interesse do menino por escrever versos? Para esta questão, foram obtidas as seguintes respostas:

5. Aluno A – 16 anos

“Porque ele não levava a vida que queria, então ele podia viver a vida que ele queria em seus próprios versos.”

5. Aluno B – 16 anos

“Ele representava suas emoções através da escrita, afirmava não ter uma vida, e por isso escrevia sem parar. No final, afirma que o que fazia não era escrever, era viver.”

5. Aluno C – 17 anos

“Porque escrever era sonha, e também viver para o menino.”

5. Aluno D – 18 anos

“Sonhar”

5. Aluno G – 18 anos

“Por que ele expressa o seu sentimento nos pequenos versos.”

Aluno H – 17 anos

“O médico escrevia versos de acordo com a vida. Ele pensava em sonhos e os escrevia.”

Com as explicitações dos alunos, verificamos que foi ressaltada uma das especificidades da Literatura como arte, a possibilidade de sonhar acordado. Dentro das opiniões dos alunos, o ato de escrever fazia com que o jovem deixasse o mundo real e em meio à sua criatividade, vislumbrava novas realidades. Estes pensamentos eram expressos por meio de versos e poemas.

O aluno C expõe que o menino queria viver e, quando não escrevia versos, apenas

sobrevivia. O mundo em que o personagem principal estava não condizia com as suas vontades e desejos, pois, com uma família rígida e quase sem estudos, sua atitude acabava por impactar a todos. Para esse aluno, o sonhar ao qual o texto se referia, estabeleceu a questão crucial da vida do personagem, a busca por alcançar sua felicidade.

Ainda nesta perspectiva, os Alunos B e G evidenciam que o jovem escritor ansiava pela conquista da expressão de seus sentimentos e conseguia isto por meio da escrita, em cada palavra colocava suas emoções, apenas com esta técnica sentia que estava realmente vivendo.

Na sexta consideração, foi indicada a seguinte reflexão: A opinião dos personagens do conto manteve-se inalterada durante a história. Apenas a opinião do médico foi modificada. Qual a impressão inicial e final do médico com relação ao menino que escrevia versos? Com esta reflexão, se pretende identificar como o aluno percebeu este personagem ao longo do conto. Os estudantes expuseram as considerações em evidência a seguir:

6. Aluno A – 16 anos

“Por que ele achava que o menino tinha um distúrbio grave, mas, após ler os versos do menino, mudou de idéia.”

6. Aluno B – 16 anos

“O personagem do médico que, no começo do conto, achava estranho um menino escrever versos, mas não ligava muito e dizia não ter tempo para problemas psiquiátricos, porém, no final, ele insiste para o menino continuar lendo o que mostra que ele mudou de ideia em relação aos versos e a escrita.”

6. Aluno C – 17 anos

“Antes, era de que o menino estava louco; depois era de fascinação.”

6. Aluno D – 18 anos

“Inicialmente era que o menino era doente e que fazia coisa de outro mundo; no final, o médico demonstra gostar de ouvir os versos e, possivelmente, também sonhar.”

6. Aluno G – 18 anos

“Na primeira impressão, com o depoimento dos pais o médico acha que o menino realmente achou que ele era louco. Mas, na segunda impressão, ele já viu o menino como alguém que o ajudaria a enfrentar a vida de modo mais fácil.”

6. Aluno H – 17 anos

“No começo o médico se manteve firme e surpreso, achava que o menino precisa de um psiquiatra, mas, depois de ler o caderninho de versos, o médico acabou gostando dos versos do menino e internou o menino para poder ouvir seus versos, todas tardes e manhãs.”

A questão número 06 apresentou a opinião dos discentes sobre a transformação de ideia do médico. Nesse item, os alunos verificaram que o profissional foi do repúdio à extrema apreciação dos escritos dos alunos.

Diante desta argumentação, percebemos a cumplicidade dos alunos quando explicitam sobre a aceitação do outro, independente do que seja ou faça. Esta disponibilidade de entender os outros demonstrou ser um dos elementos que contribuíram para o interesse atento durante a leitura do texto. Os discentes compreenderam como é benéfica para a vida humana, interagir com o diferente.

Dentro do enredo do conto foi realizada a sétima questão, com o objetivo de salientar os elementos que melhor interagem com o estudante, com a pergunta: Com qual situação narrada você mais se identifica e por quê? Estes itens ressaltados foram dispostos dentro das seguintes resoluções:

7. Aluno A – 16 anos

“Com a última parte, em que o médico ansiava por versos e mais versos, do menino, assim como eu gosto de ler livros. Ambos não queremos parar.”

7. Aluno B – 16 anos

“Com o final quando o menino não escreve e sim vive. Me identifiquei porque ele passava para o papel seus sentimentos e suas emoções. Eu gosto de escrever e acho uma das melhores formas de desabafar, sonhar e criar história.”

7. Aluno C – 17 anos

“Com a parte em que o menino não se lançava no “esfrega-esfrega”.

7. Aluno D – 18 anos

“Com a Infinita Fiadeira. Porque as vezes eu sinto que não sou aceita pelas pessoas ao meu redor.”

7. Aluno G – 18 anos

“Vamos dizer que com o texto Infinita Fiadeira, pois, se alguma pessoa faz algo diferente, é uma pessoa estranha e não é considerada normal.”

7. Aluno H – 17 anos

“Me identifiquei mais coma a da A Infinita Fiadeira, pelo fato de às vezes eu não me sentir aceita em nenhum lugar. E pela história ser mais irônica.”

Os alunos A, B e C apontaram o conto que mais se identificaram. Para eles, foram os escritos de *O menino que escrevia versos*. Esta escolha se relaciona com os interesses pessoais

dos alunos que evidenciam uma abordagem relacional com a escrita e a criação de versos. Durante as respostas, percebemos que os estudantes apreciam os estudos literários e a linguagem poética e, assim, ampliam o modo como entendem o enredo.

Os discentes D, G e H evidenciaram *A Infinita Fiadeira* como o escrito que estabeleceu um vínculo de sensibilização entre eles. Neste aspecto a temática da questão do ser diferente foi expressa principalmente nesse texto. Para esse público, esta questão é algo relacional e, em geral, os estudantes se sentem estranhos em sua comunidade.

Os dois textos de Mia Couto apresentam temas que perpassam o mesmo assunto: a diferença comportamental de alguns no ambiente em que vivem. Tanto o personagem “menino”, quanto a “aranha”, não eram aceitos por realizarem feitos artísticos, sendo considerado algo inútil para o seu grupo social. Essa atividade como proposta metodológica contribuiu para a verificação da assimilação de sentimentos dos alunos. Inferimos que o tema dos textos é um dos fatores determinantes para que ocorra interesse em compreender e assimilar as informações contidas nos contos.

Ainda na abordagem investigativa, outra proposta foi desenvolvida aos alunos para pudessem manifestar suas percepções a respeito da literatura e do ensino de Literatura. Diante destas considerações foram indicadas as principais ações pedagógicas e procedimentos em sala de aula.

Dentro deste estudo, o primeiro ponto solicitado para que os alunos respondessem se refere à seguinte questão: Para você, em que consiste estudar literatura e estudá-la na sua relação com outras artes (apreender a história narrada, a literariedade do texto, a relação com a pintura, por exemplo)? As respostas são expressar a seguir:

1. Aluno A – 16 anos

“Consiste em estimular a compreensão e a interpretação dos textos. Sua relação ao estudar com outras artes é boa, pois transmite uma certa mensagem.”

1. Aluno B – 16 anos

“A literatura assim como a música, a pintura e a dança, é considerada uma arte. As obras literárias nos ajudam a compreender sobre nós mesmo e sobre as emoções ao nosso redor. É algo muito importante a ser estudado.”

1. Aluno C – 17 anos

“Maior variedade de aprendizado.”

1. Aluno D – 18 anos

“Consiste em estudar história escrita e narrada.”

## 1. Aluno E – 17 anos

“Para mim, estudar a literatura consiste em interpretação e compreensão do que foi lido, e estudado entendendo a finalidade do estudo. Ao estudar a literatura com outras artes, amplia a atenção sobre a informação.”

## 1. Aluno F – 17 anos

“Para mim, a literatura é uma arte que deveria ser apreciada por todos, pois abrange várias artes.”

## 1. Aluno G – 18 anos

“Por que muita das vezes para nos expressar precisamos adquirir bons conhecimento e a leitura nos ajuda nisso.”

## 1. Alunos H – 17 anos

“Estudar literatura e ajuda a melhorar nosso intelecto, nos faz compreender os textos de forma críticas, sobre o texto lido e aprimorar a escrita. O estudo da literatura consiste em aprender a narrativa, a pintura e gramática literal.”

De acordo com a interpretação dos alunos, o ensino de Literatura pode contribuir para que entendam a si mesmos. Por ser uma arte, e expressão do sentimento humano, a literatura transmite mensagens que possibilitam uma visão mais ampla com relação às emoções, aos sentidos, e uma apropriação significativa da linguagem.

Entendida como a capacidade de instigar os indivíduos para a compreensão e a interpretação de textos, quando se estuda esta arte com o auxílio de outras ciências e saberes, ela promove um conhecimento complexo, capaz de tornar plural a percepção sobre os escritos literários.

Sua relação ao ser estudada com outras artes, é estimulante. A literatura, assim como a música, a pintura e a dança é considerada uma arte. As obras literárias nos ajudam a compreender nós mesmos e as emoções ao nosso redor, ampliando a assimilação do que é estudado.

Na segunda abordagem, fizemos a seguinte pergunta: Ao estudar sobre literatura você pode afirmar que estuda o ponto de vista narrativo/focalização, a metrificacão, a rima; informações de história da literatura: vida e obra do autor; estilos de época: romantismo, naturalismo, realismo, parnasianismo, simbolismo etc.? Os estudantes evidenciaram, que:

## 2. Aluno A – 16 anos

“Sim. Pois tudo faz parte da literatura.”

2. Aluno B – 16 anos

“Sim. As obras literárias são divididas em várias escalas literárias, cada obra apresenta um estilo de cada época.”

2. Aluno C – 17 anos “Sim, cada época, um estilo; cada autor de um jeito diferente de escrever.”

2. Aluno D – 18 anos

“Não. Afirmo que estudamos uma parte destes itens, mas não todos e não profundamente.”

2. Aluno E – 17 anos

“O que eu posso afirmar sobre a literatura se refere às trajetórias que obtive durante a minha vida. Mas, em cada aula, amplio o meu conhecimento.”

2. Aluno F – 17 anos

“Sim. A literatura quase sempre abrange todos os casos.”

2. Alunos H – 17 anos

“Dentro da literatura, achamos vários outros assuntos que precisam ser compreendidos para maior compreensão do texto.”

A abordagem apresentada pelos alunos enfatizou que, em geral, quando o professor trabalha o texto literário em sala de aula, promove os elementos de contextualização histórica e social para, então, indicar o estilo a que texto e autor pertencem. Esta prática aguça a relação com o assunto em discussão no ambiente escolar.

Diante das afirmações expressas pelos alunos, percebemos que os professores tendem a objetivar a utilização de uma abordagem que se restringe a épocas, períodos e locais em que se enquadram historicamente. Trata-se de estratégia pedagógica comumente utilizada sob a justificativa de que é a melhor para facilitar a compreensão e interação com o texto.

O terceiro questionamento tem a seguinte reflexão: Consciente de que as experiências em literatura, e nas artes em geral, são muito importantes na formação do cidadão nos dias atuais, como você as vê acontecer no seu colégio? As explicações foram escritas do seguinte modo:

3. Aluno A – 16 anos

“Por meio de manifestações de ideias, do modo em que o professor apresenta a matéria, peças de teatro, as exposições de livros e entre outros.”

3. Aluno B – 16 anos

“Acho que deveria ser mais valorizada ter mais assunto como este em sala de aula. Influenciar os alunos a se interessarem por leitura, principalmente a literatura brasileira.”

3. Aluno C – 17 anos

“Um estudo bem fraco.”

3. Aluno D – 18 anos

“Não. Às vezes acontece muito. Acho que os professores que deveriam ensinar não se interessam muito com isso, pelo menos parte deles não se interessa.”

3. Aluno E – 17 anos

“No colégio que eu estudo não vejo muito presente as experiências em literatura, e outras artes em geral, mas, mesmo assim, percebo que estou tendo instruções essenciais para a minha formação.”

3. Aluno F – 17 anos

“Na escola esta prática não ocorre com frequência.”

3. Aluno G – 18 anos

“Seriamente, não vejo nada disso acontecer, pois os colégios públicos não possuem estrutura para esse tipo de atividade.”

Alunos H – 17 anos

“No meu colégio, eles trabalham a literatura conosco, os professores tentam trabalhar a arte, a escrita e a leitura.”

A formação do cidadão, no Colégio, foi entendida pelos discentes como ineficiente, pois não evidencia suporte informacional para que estes possam se estabelecer como sujeitos que entendem os fenômenos de seu cotidiano. Estas respostas estão cheias de um discurso disseminado pela ideologia dominante, em que “a educação pública não acrescenta em nada na vida dos estudantes”, mas, por meio das respostas anteriores verificamos o contrário, ou seja, percebemos que os alunos estão se formando sujeitos leitores.

As práticas indicadas anteriormente e a realização da atividade proposta nesta pesquisa apontam a formação de indivíduos escolares que sabem utilizar a arte, a escrita e a leitura. Compreendemos, então, e o nível do processo cognitivo dos alunos não é avaliado como deveria pelos alunos, estabelecendo-se uma condição satisfatória em comparação com o panorama nacional.

No âmbito da pesquisa realizada no Colégio Estadual Dom Pedro I, também foram entrevistados três professores. Por meio destas considerações, puderam ser compreendidas as percepções destes sobre o ensino de Literatura realizado na escola. A intenção dessas

entrevistas foi a de investigar a escolha ideológica e a função social do professor para a formação de cidadãos. Ao serem estimulados pelas questões a seguir transcritas, assim se pronunciaram:

Pergunta 1: Para você, em que consiste estudar literatura e estudá-la na sua relação com outras artes?

F. L.: Abre-se caminho para que os alunos manipulem suas próprias sensações, para que possam na literatura e na arte refletir sobre os valores e papéis sociais.

V. S.: Sabendo do papel social que a educação crítica promove, a cidadania é incentivada pelo ensino de Literatura por meio das expressões linguísticas e artísticas. Pois extrai as sensações dos alunos, fazendo-os ir a épocas e culturas bem diferentes do seu cotidiano.

J. A. R: Por meio da sensibilidade promovida pelas artes, a literatura vai aguçar a vontade do aluno de questionar o seu mundo, ampliando o seu campo cognitivo, indagando reflexões não percebidas. Com a interação de outros conhecimentos as chances de realizar uma prática escolar eficiente se amplia.

Pergunta 2: Em que consiste estudar sobre literatura?

F. L.: Penso que o estudo de literatura não deve se resumir apenas às questões estruturais. Defendo que o estudo de literatura forma para a vida, prepara para as relações interpessoais. É o conteúdo escolar que mais pode extrapolar os muros da escola.

V. S.: Consiste em ampliar as capacidades dos alunos sobre o seu mundo, possibilitando novas formas de entender o mundo por meio da linguagem e dos signos. Este modo de perceber o mundo, vai auxiliar no seu dia a dia.

J. A. R: A promoção deste saber no contexto escolar expõe uma forma mais ampla de entender a própria língua, que vai além da gramática e da produção de textos. Com o ensino das obras literárias, ensinamos os alunos a sonhar e a se sensibilizar.

Pergunta 3: Como isso é feito no seu colégio?

F. L.: A literatura não é prevista como disciplina escolar. Promovo o estudo literário nas aulas de Português, articulando literatura à produção textual e à reflexão e análise linguística. Vale-me da literatura também para apresentar diversos gêneros textuais aos alunos, geralmente começo propondo a leitura silenciosa que é seguida pela leitura em voz alta. Discutimos as ideias e fatos contidos e no texto literário e depois os alunos realizam alguma atividade escrita. O gênero que mais utilizo é a crônica.

V. S.: Como não é uma disciplina específica, é necessário articular com outros

conhecimentos. Nas aulas de Literatura, priorizo o uso do dicionário, pois as palavras em geral são de difícil compreensão. Por meio de leitura e atividades avaliativas, compreendo como o aluno está considerando o que estou ensinando sobre o texto, os estilos literários, e a condição cultural em que foi publicada a obra.

J. A. R: Abordo uma compreensão geral sobre a obra e solicito que exponham suas compreensões. Desta maneira, proponho a realização de textos para contribuir na assimilação da temática e na aquisição do conhecimento. Além de desenvolver recursos pedagógicos para atrair o aluno ao conteúdo da aula.

Pergunta 4: Entendendo que os textos indicados para leitura tratam da arte de escrever e sonhar, compreendidas como atos que só adquirem sentido ou sentidos quando há interação entre texto e leitor, como você os apresentaria aos seus alunos (quais etapas você percorreria)?

F. L.: Não consigo fugir muito dessa metodologia-leitura silenciosa, leitura em voz alta, discutir os temas da leitura – não conheço uma estratégia didática que seja mais eficiente. No caso desses textos, os discentes eram direcionados ao deleite em relação a produção de textos, incentivando-os a fazer arte e sonhar, considerando que o processo de produção textual deve ser planejado, escrito, reescrito, feito sem pressa, como uma obra de arte, ou como fazemos ao sonhar.

V. S.: Leitura dos textos e avaliações escritas e orais, utilizando dos principais interesses dos alunos, pois assim eles se interessaram mais.

J. A. R: Por meio de provas e apresentações a verificação pode ser analisada, logo após discutimos o texto, considerando os termos específicos das obras literárias. Pelo que foi exposto, priorizo ainda o diálogo sobre o que estudamos.

Por meio das entrevistas realizadas com os professores, compreendemos a prática docente realizada dentro da condição crítica e construtivista do conhecimento. Podemos sentir a falta do conhecimento prévio para incentivar a aula e o prazer para com os textos e obras literárias.

Neste âmbito, entender o professor como provocador e problematizador do conhecimento evidencia o seu papel como mediador na formação do leitor de texto literário. A literatura proporciona a assimilação do conhecimento pelas palavras e a utilização correta da abordagem reflexiva incentiva os princípios basilares para a disciplina escolar de Língua Portuguesa, possibilitando formar cidadão por meio de códigos, linguagens e signos.

### **III A DESCOBERTA OU A CONSTATAÇÃO?**

Neste capítulo, trataremos das dificuldades apontadas pelos colaboradores alvo desta investigação, tendo como referência os conceitos: leitura literária, literatura, ensino de literatura, a partir da seleção contemplada no primeiro capítulo em cotejo com as habilidades evidenciadas pelo leitor literário, por meio das respostas estimuladas no Roteiro de atividades.

Demonstraremos a relação entre a recepção dos textos propostos para leitura pelos colaboradores levando-se em consideração as hipóteses delimitadas para nortear este estudo. Uma hipótese levantada é a de que, no ensino médio, são estudados fragmentos de obra literária. A outra é a de que predomina o entendimento de que o ensino de literatura, ou seja, da leitura literária no ambiente escolar não prioriza a abordagem interdisciplinar, embora as orientações curriculares para o Ensino Médio da SEDUC Goiás, recomendado de forma expressa em seu sistema de bimestralização que a prática interdisciplinar, seja considerada preferencialmente. De modo geral, os teóricos que selecionamos entendem que há pontos comuns entre estudo e ensino de literatura: cada perspectiva prioriza um aspecto com relação aos textos literários.

Enquanto a leitura conceder uma experiência fundamentada na apreciação do leitor, na sua experiência estética espontânea, o ensino de Literatura tem a intenção de organizar meios e procedimentos pedagógicos, que incentivem o desejo dos alunos de averiguar a temática presente, de forma crítica, nos textos literários e, desta maneira, refletir sobre o mundo em que o leitor escolar está inserido, auxiliando no desenvolvimento de determinada atitude crítico-reflexiva sobre seu cotidiano.

Uma outra hipótese indicada por nós, para orientar este estudo, é a de que o professor, ao conduzir o programa de literatura, restringe-se ao que o livro didático lhe oferece. Com essa perspectiva, apresentaremos a seguir as percepções colhidas, tratando-as sob a ótica de Kleiman (2006), Eco (1979), Zilberman (2010), Rocco (1981) e Aguiar (2001), predominantemente. A partir da amostra, problematizaremos alternativas para a possível reorientação de estudos literários no ensino de Literatura, tendo-os como um dos caminhos para o desenvolvimento da sensibilidade estética e do senso crítico-reflexivo.

#### **3.1 Percepções da Trajetória da Pesquisa**

A trajetória desta pesquisa buscou salientar elementos que pudessem fundamentar uma

prática escolar capaz de ser significativa aos alunos. Deste modo, amparamos nossas ações contemplando a preconização de autores que se destacam no estudo sobre o ensino da literatura dentro do contexto da disciplina escolar Língua Portuguesa.

Após a reflexão sobre as nuances, percalços e desafios que se apresentam durante a realização do ensino de Literatura em sala de aula, percebemos que este conhecimento, quando tratado dentro da perspectiva Construtivista de conhecimento, possibilita aos discentes a apreensão de valores referentes à linguagem e ao próprio conhecimento de mundo, superando a visão de senso comum que habitualmente possuem.

Diante da constatação de um ensino que preze pela abordagem crítica do escolar, evidenciamos a prática dentro do Colégio Estadual Dom Pedro I, onde por meio de questionário aplicado a alunos e professores, roteiro de atividades aos discentes e entrevista aos professores, vislumbramos um panorama sobre as condições que permeiam a realidade brasileira.

Entender qual é a concepção que alunos e professores atribuem à literatura é essencial para discutir o ensino de Literatura na escola de ensino médio. Com base na pesquisa de campo foram manifestadas, por meio do questionário, roteiro de atividade e entrevista, a percepção de alunos e professores sobre a literatura dentro do ambiente escolar.

A realidade evidenciada pelos discentes no Colégio Estadual Dom Pedro I apontou, por meio do questionário e do roteiro de atividades, que a compreensão do ensino da literatura, como instrumento que promove o senso crítico reflexivo, é percebido nas práticas docentes escolares. Ao serem questionados sobre o modo por meio do qual interagem com o texto literário na prática do ensino da literatura, os alunos apontam um caráter múltiplo sobre as possibilidades de compreensão no que se refere à literatura ao longo do tempo.

Angela Kleiman (2013) ressalta que o texto literário não pode ser compreendido como objeto isolado, sem as interferências do leitor e sem o conhecimento das condições de produção e recepção em que o texto foi produzido, sem as contribuições das diversas áreas do conhecimento que perpassam o ato da leitura literária, sendo fundamental revelar o caráter plural presente no conteúdo.

Durante o percurso da pesquisa em campo o quantitativo de livros lidos demonstra certas semelhanças com relação à realidade brasileira, pois, de acordo com Zilberman (2010), grande parcela da população escolar no Brasil demonstra não ter a leitura como prática cotidiana, sendo rara a frequência de leitura. Este proceder tem relação com as práticas familiares e também com a realização de ações que incentivem a leitura do discente.

Toda e qualquer produção social se manifesta por meio da linguagem, a qual, neste

trabalho, apresenta-se como fundamento para a compreensão das interações verbais vivenciadas entre sujeitos que estão se constituindo leitores no ambiente escolar. O sujeito se forma nas relações com outros sujeitos; os discursos ocorridos nas interações sociais de que participa vão construindo-o em uma cadeia comunicativa ininterrupta. Nesse sentido, Zilberman (2010) esclarece que os textos literários propiciam o uso das capacidades cognitivas para incentivar a percepção das habilidades mentais relacionadas com a reflexão e instadas pela linguagem literária:

O mundo representado pelo texto literário corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaço aparecem de forma inacabada e exigem para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete. (ZILBERMAN, 2010, p. 42)

Nesse sentido, a abordagem Construtivista do ensino de Literatura ocorre trazendo a orientação de que o aluno consegue constituir o seu conhecimento fundamentado nos “conhecimentos prévios”, o texto literário provoca o desenvolvimento das capacidades de apreensão das imagens formadas a partir das leituras. Percebemos, por meio das respostas dos professores nos questionários e entrevistas que as condições metodológicas em que são ministradas as aulas apontam indícios da abordagem Construtivista nas aulas de Língua Portuguesa, em que se inscreve a literatura.

O ensino de Literatura é tratado de modo compatível com a abordagem Construtivista, como explicitamos na pesquisa durante o capítulo anterior. Durante a pesquisa, vislumbramos uma aplicação pouco reflexiva dos escritos literários, sendo tratados em sala de aula de modo isolado, ressaltando a ideia de que cada texto possui uma explicitação artística que carrega significado específico e não necessita de uma contextualização por parte do aluno-leitor.

Na pesquisa de campo, discutimos possíveis entraves que atrapalham o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com relação ao entendimento e compreensão dos escolares. Foram ressaltados pelos informantes escolares questões referentes à descontextualização da linguagem da escrita literária em relação ao capital de palavras que o estudante conhece.

Aguiar (2001), ao apontar elementos que prejudicam o ensino da literatura, expõe que, na escola, a leitura literária é praticada tendo em vista o consumo rápido de textos ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos, tornam-se atividades relegadas a segundo plano. A quantidade de textos lidos é supervalorizada em detrimento da seleção qualitativa do material a ser explorando com os alunos. Descrevendo o processo de como o texto literário é organizado no ambiente escolar,

Zilberman afirma:

A apropriação do texto se dá de modo praticamente ritualístico: primeiro, ele apalpa, a obra, sentido-a de modo tátil e explicita a natureza carnal do livro. Depois, procura as figuras, detendo-se nas imagens visuais, para só então mergulhar nas letras que conduzem a universos fantásticos, distantes no tempo, no espaço e nas ideias mais próximos dele, dada a materialidade do livro, para onde o leitor, apaixonado sempre retoma. (ZILBERMAN, 2010, p.47)

A obra literária é produto de um contexto amplo e, por conseguinte, expressa ficcionalmente visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes, enfim, a diversidade de elementos culturais participam da constituição do texto. Dentro da percepção da pesquisa no Colégio Dom Pedro I, quando nos reportamos sobre a interdisciplinaridade e os conhecimentos que mais se destacavam durante as aulas, percebemos como os aspectos envolvendo dados da cultura evocada em que desenvolveu na obra, são, na visão dos docentes, abordados com frequência, enquanto os estudantes apontaram como algo que normalmente não ocorre no ensino da literatura.

Nessa perspectiva, o ensino de Literatura na escola pública, em geral, salvo raras exceções merece ser reavaliada, a fim de que nossos alunos-leitores encontrem razões concretas para o estudo da literatura como fenômeno artístico atrelado às transformações históricas, sociais e culturais. Nessa direção Kleiman (1996, p. 13) aponta que ele é

Uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa mobilização primária em que fomos criados.

As instituições educacionais como um espaço propício para desenvolver o incentivo à leitura de obras literárias precisam desempenhar seu papel dentro das diversas perspectivas que direcionam a área do saber pedagógico. Zilberman e Bordini (1989), ao se referirem ao papel da escola argumentam que ela tem sido um instrumento que incentiva o processo de leitura e o conhecimento concernentes às obras e ao histórico literário, mas que:

A escola, como agência educativa, não pode sozinha resolver problemas de tal magnitude, que envolve medidas de redistribuição de renda e programas nacionais de saúde pública e bem-estar social. (BORDINI, 1989, p. 8)

O docente, mesmo diante de situações complexas e sobretudo por isso, deve colocar o aluno frente à heterogeneidade de leituras de escrita literária, para que ele possa perceber que

o sentido é construído pelos leitores na interação com os textos. Neste aspecto, os dados explorados durante o segundo capítulo permitem entender que, quando há diálogo entre o aluno e os textos, o estudo da literatura em sala de aula torna-se prazeroso e significativo. Advém, daí, a necessidade de estabelecer a função do aluno leitor como agente transformador da realidade em que se insere, por meio de ações pedagógicas que concretizem a condição de cidadão. Kleiman (1996, p. 23) destaca algumas práticas pedagógicas que prejudicam a efetividade do ensino de Literatura. A autora afirma que

As práticas desmotivadoras, perversas, até pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem. Essas práticas sustentadas por um entendimento limitado e incoerente do que seja ensinar, português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola.

As práticas realizadas no Colégio prezam, em geral, pela percepção contemporânea de ensino, ressaltando-se que a ação interdisciplinar ainda não se tornou realidade. Embora saliente aspectos referentes à concepção tradicional, como a percepção do nível de compreensão por meio de avaliações escritas, os docentes apontaram durante a entrevista certa apreciação por promover práticas que incentivam a reflexão do discente.

Sobre literatura, como objeto artístico, que apresenta por meio de escritos, percepções de um determinado conjunto de valores e regras sociais, fundamentou-se em um processo histórico-social que precisa permear com maior intensidade a sala de aula. Pois, a partir desta percepção, os alunos entenderão de modo claro, a importância de entrarem em contato com o escrito literário. Nesta apreensão Zilberman (2010) pondera que a

Ausência de uma orientação definida gera a assimetria entre o texto e o leitor; além disso, as instruções que poderiam ajudar o preenchimento dispersam-se ao longo do texto e precisam ser reunidas para que se dê entendimento; assim, o destinatário sempre é chamado a participar da constituição do texto literário, e a cada participação, em que ele contribui com sua imaginação e experiência, novas reações são esperadas. (ZILBERMAN, 2010, p. 42)

Na perspectiva de Zilberman (2010), a escola, a crítica literária, a academia e a imprensa são instituições capazes de conferir e autenticar o estatuto de certas produções artísticas em detrimento de outras. De acordo com a autora, essas entidades estabeleceram e fixaram a concepção de literatura como *belas letras*, operada a partir da consolidação da sociedade burguesa e do capitalismo, garantindo sua permanência. A seguir, passaram a colocar normas e exigências aos criadores, que eles devem adotar ou não para serem

reconhecidos pelo meio e aceitos como artistas.

Para essa autora, a visão que a escola possui de literatura difere consideravelmente da noção que o aluno leitor tem acerca do que é literário. É preciso repensar os julgamentos de valores disseminados pelas instituições que abordam a literatura sob prismas distintos, como a escola, a crítica literária, a imprensa, entre outros, considerarmos que cabe ao leitor construir o seu próprio “cânone literário”, valorizando seu repertório de leituras.

O pressuposto de que todo texto pode ser abordado seguindo as mesmas etapas decorre, também, dos conceitos de texto como produto acabado que serve de repositório de informações, e da leitura como atividade para extração dessas informações, e de ambos, texto e leitura, como instrumentos para o ensino, da norma, do código escrito, da gramática. (ZILBERMAN, 2010, p. 43)

Diante desta abordagem sobre a leitura, o processo de ensino de Literatura que correlaciona outras áreas do conhecimento, como História, Filosofia, Geografia entre outras, ainda precisa ser mais disseminada no ambiente escolar. O texto literário possui pluralidade de sentidos e convoca à interrelação entre diversos códigos, temáticas, ideologias, linguagem, estilos, e o aluno deve ser provocado para compreender a interação entre literatura e outras áreas com que se inter-relacionam no momento da constituição do texto.

A literatura se concretiza a partir da leitura e também permite uma abordagem interdisciplinar, capaz de revelar ao aluno o diálogo entre as características estéticas do texto e as motivações históricas, sociais, políticas, filosóficas e psicológicas que contribuírem para a constituição da polissemia revelada no âmbito textual. Estes elementos estão presentes no cotidiano dos escolares participantes da pesquisa no Colégio Dom Pedro I, de acordo com as exposições referentes às interações de saberes que compõem a disciplina de Língua Portuguesa.

Lamentavelmente, a literatura é ainda tratada em sala de aula como objeto decodificável, tendo como base os limites estreitos da superfície textual e as noções do certo e do errado. A partir dessas noções, a escola não dá conta de incitar o estudante para o exercício da sensibilidade estética, nem de explorar a natureza polissêmica do texto literário e o papel dinâmico do aluno-leitor na recepção textual. Os nossos informantes afirmaram ter dificuldade para compreender os textos literários. Talvez se lhe for demonstrado que a obra literária é produto de um contexto amplo e, por conseguinte, visões de mundo, valores ideológicos de uma época, costumes, poderá encontrar-se com as obras e, nelas, a diversidade de elementos culturais que participam da constituição do texto.

Tal utilização requer a mobilização e interação de diversos níveis de conhecimento, o que exige operações cognitivas de ordem superior, incessíveis à observação e demonstração, como a inferência, a evocação, a analogia, a síntese e a análise que, conjuntamente, abrangem o que antigamente era conhecido como faculdades, necessárias para levar termo a leitura: a faculdade da linguagem, da compreensão e da memória. (KLEIMAN, 1996, p. 16)

As capacidades cognitivas desenvolvidas no contato com o texto literário são incentivadas pela interpretação e compreensão de signos verbais combinados criativamente e revelam a expressão de uma época, de um modo de viver, sentir, mover-se na sociedade. Nelas as apreensões sobre memória, comparação e análise são aguçadas, ampliando a percepção que o indivíduo possui das manifestações culturais e sociais.

Neste âmbito, o ensino de literatura não pode deixar de evidenciar as duas percepções que circundam os textos, a cultura, e também o campo da opinião ou das significações. Dessa forma, ensinar literatura não é apenas elencar uma série de textos ou autores e classificá-los num determinado período literário, mas expor para o aluno o caráter atemporal, bem como o lugar simbólico e social da obra, bem como a tessitura de sua linguagem.

A formação do sujeito leitor será definida a partir das experiências de vida individual, sendo um processo contínuo e gradativo. A leitura como uma das formas de acesso ao conhecimento está intimamente ligada à escolha do tipo de texto a ser trabalhado em sala de aula.

Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. Essa é uma boa caracterização da tarefa de ler em sala de aula: para uma grande maioria dos alunos ela é difícil demais, justamente porque ela não faz sentido. (KLEIMAN, 1996, p. 22)

Diante desta reflexão, construir sentidos sobre algo que não faz parte do contexto histórico e social do aprendiz limita e castra as possibilidades de criação e desenvolvimento. Quando são escolhidos temas e conhecimentos inacessíveis aos alunos, não haverá interesse.

O bom senso do professor nessa escolha é fundamental, preparando e propiciando condições que contribuam para a superação de obstáculos à interpretação e compreensão da obra, tornando a leitura uma tarefa prazerosa. As estratégias de leitura também requerem atenção do professor, pois estas devem levar em conta as características e o interesse do leitor em formação.

Com a realização da atividade sobre os contos de Mia Couto, os alunos foram provocados a interrogarem o texto e a se posicionarem como leitores de texto literário. A recepção demonstrada revelou que conseguiram dialogar com a temática apresentada.

A formação de leitores não é tarefa fácil. Compete à escola e à sociedade incentivar a prática de leitura como um instrumento de libertação e de aprimoramento humano, utilizando para isso estratégias e técnicas educacionais criativas e eficientes que despertem o interesse no estudante, motivando-o a não se limitar a ler somente no universo escolar, mas também fora dele.

O incentivo e o estímulo facilitarão o aprendizado, permitindo que o estudante transforme-se em leitor assíduo e consciente do seu papel na sociedade. A necessidade de ampliarmos o universo de leitores ativos está intimamente ligada ao conjunto simultâneo de medidas que envolvem o Estado e a sociedade. A leitura é sempre um meio e nunca um fim. Ela deve ter várias funções, pois é diferente ler para sentir, divertir, estudar, escrever, e pesquisar.

Com um trabalho de formação de leitores realmente comprometido com a formação do senso crítico-reflexivo, é esperado que o aluno seja provocado para fazer despertar o leitor em potencial que há dentro dele, e que em alguns momentos durante a vida escolar, possa também escolher as próprias leituras.

Contudo, essas discussões teóricas geralmente não são ainda encontradas na prática de sala de aula, a respeito das conexões entre leitura, literatura e escola. Esta condição pode ser percebida acentuadamente durante as reflexões do primeiro capítulo, em que utilizamos as considerações de pesquisadores sobre o ensino da literatura na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio. No meio escolar, leitura, literatura e teoria literária deveriam estar estreitamente relacionadas, sobretudo porque a natureza do discurso literário envolve contribuições de diversas áreas, por meio do ato de ler.

No caso da leitura literária, o ato de ler é influenciado por estratégias cognitivas, linguísticas, metalinguísticas, conhecimento de vários códigos literários, noção de gênero literário, estilo de época no qual o texto está inserido. Enfim, um conjunto de noções determinantes na interação do leitor com o texto; e o fato de a significação do texto literário ser construída a partir da participação efetiva do receptor, o que torna evidente as relações dinâmicas entre a literatura e o leitor.

Tomando como fundamento os pressupostos de Zilberman (2010), Aguiar (2001) e Kleiman (1996) e outros autores destacados nesta pesquisa ponderamos, que a teoria literária só existe em função da obra, sendo este um aspecto a ser considerado quando se trabalha o texto literário em sala de aula. A teoria literária deve estar presente na escola, fundamentando a prática do professor, no sentido de ampliar concepções críticas sobre o fazer literário e subsidiar a recriação do texto pelo leitor, o que só ocorre no ato da leitura.

### 3.2 Impasses e Possibilidades

Os sujeitos escolares estão inseridos em um mundo globalizado e a prática educacional dentro de sua funcionalidade social e cultural precisa responder aos questionamentos e desejos da comunidade que compõe o ambiente escolar. Esta percepção implica a condição de um fazer pedagógico capaz de desenvolver as competências comunicativas e conduzir o educando às ações pragmáticas concretas sobre o mundo que vive, incentivado não apenas por exposição do pensamento e a transmissão de mensagens, mas com práticas efetivas geradoras de autonomia quanto à concepção da realidade. Sem dúvida, o estudante do ensino médio é um ser social e, por isso, não vive sozinho e nem se desenvolve de forma isolada, uma vez que está inserido em uma comunidade, e com experiências adquiridas durante a vida, o que o constitui como pessoa e o inscreve no processo de aprendizagem.

Nossa atual sociedade letrada evidencia a necessidade de esse sujeito compreender o mundo em que se situa, saber ler a própria vida e nela ter uma participação ativa. Nessa perspectiva as competências para a leitura são vistas como aprendidas na interação entre o estudante e o mundo globalizado, regido por paradigmas sociais como celeridade, simultaneidade, dispersão, volatibilidade, entre outros que reunidos requerem dos sujeitos professores e aluno uma participação proativa concreta no meio social do qual faz parte, o que demanda da parte da instituição de ensino o estabelecimento da ligação entre sujeitos-leitores dotados de sensibilidade estética e capacidade crítico-reflexiva que lhe oriente para o protagonismo.

Nesse aspecto, os impasses encontrados e os percalços que configuraram ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa no Colégio Estadual Dom Pedro I, localizado no município Aparecida de Goiânia-Goiás, expressam concepções construtivistas dentro do aporte do ensino da literatura, e a formação do sujeito leitor, ao mesmo tempo em que revela os caminhos expostos durante o processo de ensino e aprendizagem com relação aos estudos literários.

Com base nessas reflexões, percebemos que a teoria literária precisa subsidiar a prática pedagógica dos professores, assim como a ela também precisa ser norteada pela realidade prática. Neste aspecto, iniciemos a discussão sobre a sala de aula como um espaço marcado pelas abordagens formalistas e estruturalistas que subsidiam análises de textos literários, quase sempre observados como produto de processo criativos, valorizando a interferência do leitor na atualização da significação textual.

Nas concepções de Zilberman (2010) e Rocco (1981) o que comumente se tem

percebido durante as pesquisas de campo é a intenção de demonstrar aos alunos conceitos pré-estabelecidos com relação à literatura. Neste aporte, temos que a realidade evidenciada, no campo prático da pesquisa, nos conduz à percepção de que uma transformação neste entendimento está sendo alterada, indicando que as abordagens que priorizam a interação texto-leitor e a construção de conceitos levam em nota a percepção do aluno da recepção textual.

Os impasses que circulam o ensino da literatura no meio escolar são apontados por pesquisadores desse assunto como um ensino autoritário, abordagens recorrentes, exercícios e processos de verificação da aprendizagem tradicional. O conhecimento literário é apresentado aos alunos, segundo eles mesmos declaram, de modo abstrato e distante da realidade.

Desse modo, identificar e analisar como a leitura é realizada no contexto de sala de aula, indica-nos que a leitura de texto literário não faz parte do cotidiano social, dentro e fora da escola, pois alguns alunos informam: o professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige. Kleiman (1996) afirma que a leitura, como parte do processo cultural de decodificação e interpretação de linguagens codificadas, tem um valor central na sociedade, bem como no modo de produção vigente. É um processo que encontra particular ressonância no contexto escolar.

O processo de leitura aparenta superficialmente uma simples interpretação dos signos do texto, mas esta condição mecanicista da linguagem não compreende as reais proporções estabelecidas durante o ato de ler. Esta percepção, tradicionalmente aceita, vem sendo derrubada aos poucos, pensada a partir do propósito unilateral: a escola reproduz conhecimento.

Kleiman (1996) desenvolve uma análise crítica sobre as concepções de leitura que circulam no espaço escolar. Conforme a autora, a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto. Além dessa concepção, a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler, quase sempre visa cumprir tarefas escolares.

Na medida em que as leituras são impostas, intencionando o cumprimento de tarefas puramente escolares, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são consideradas. Essa percepção imposta do ato de ler provoca um silenciamento do aluno, minimizando a sua condição de leitor e produtor de textos. A voz do aluno ouvido revela: as aulas são monótonas e a discussão é abstrata.

Além desses elementos, a aversão de muitos alunos à prática da leitura vivenciada no contexto escolar também é reflexo das concepções tradicionais de ensino que ainda resistem em algumas escolas. A noção de língua como sistema abstrato de signos, a compreensão de texto como mera soma de palavras ou de frases descontextualizadas, como também o conceito de leitura como simples decodificação são perspectivas que ainda orientam o ensino de língua e de literatura.

O conceito de leitura como prática social está relacionado à reflexão sobre a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando, assim, o contexto e as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido, cabe salientar que esse tipo de leitura sempre será precedida de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido.

Os conhecimentos são sistematizados de tal forma que o assunto, por mais complexo que seja, é simplificado, dispensando, assim, uma pesquisa aprofundada ou uma reflexão teórica. Desta maneira, muitos professores acabam optando pelo uso, desprovido de crítica, do livro didático, como o manual de instrução sobre o que os alunos devem saber.

A imposição da leitura do livro didático e das leituras prontas, idealizadas pelo professor, sufocam a descoberta da leitura por prazer. Estes fatores prejudicam os discentes e acabam por direcionar sua compreensão no sentido de ver a literatura como fenômeno que se pode decorar para se fazer uma avaliação, uma atividade, ou para responder às questões objetivas dos processos seletivos para entrar no Ensino Superior. Os alunos afastam-se, assim, dos textos literários, encarando-os como algo antiquado, complexo, distante de sua realidade.

Dentro de nossa experiência docente, percebemos que os livros didáticos, apresentam, em sua maioria, a compreensão textual com base em esquemas de interpretação preestabelecidos, restringem a recepção do aluno-leitor, uma vez que não lhe é dada a oportunidade de manifestar a sua leitura. Os estudantes ouvidos por nos confirmam isso: o professor pede para memorizar as características dos períodos literários. Para Kleiman:

O livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma leitura legítima para o texto. (KLEIMAN, 1996, p. 14)

O problema, na verdade, não está no material didático, mas, sobretudo, no modo de utilização dos recursos em sala de aula. Vários manuais didáticos já apresentam uma diversidade de atividades propostas aos alunos, além da variedade de gêneros que são

apresentados ao leitor na tentativa de persuadi-lo à prática da análise textual. Embora vários desses manuais didáticos discutam a literatura à luz das contribuições da teoria e crítica literárias, muitos ainda revelam concepções superadas ou limitadas, por exemplo: literatura é um conjunto de textos selecionados como a Literatura Portuguesa, Inglesa, Japonesa.

Acolhido por essa escola, o leitor não consegue desenvolver a compreensão mais ampla do texto literário, pois o papel dinâmico do receptor é subestimado, sufocado pela leitura imposta, acompanhada de roteiros de interpretação dos livros didáticos. Na escola, diante da imposição das leituras idealizadas pelos professores e sugeridas pelos livros didáticos, constrói-se o mito de que a leitura literária é difícil, complexa e inacessível para os alunos, subestimando-se a capacidade interpretativa dos educandos.

Na verdade, a escola parece não conseguir instrumentalizar, de modo eficaz, o aluno para a leitura dos clássicos. É fato sabido que os alunos têm acesso a roteiros já prontos de interpretação, além de praticarem as leituras de adaptações de clássicos que, na maioria das vezes, deturpam a obra original. Desse modo, as dificuldades com a leitura tornam-se intensas, pois os alunos não são adequadamente preparados para o contato com textos clássicos ou contemporâneos, principalmente se considerarmos os casos de textos que investem na desconstrução da linguagem, por meio de uma organização discursiva pouco linear.

Ao desenvolver mais enfaticamente a leitura de obras, consideradas clássicas, a escola não apresenta aos alunos a diversidade de textos produzidos contemporaneamente, os quais geralmente tentam subverter e criticar a produção literária já canonizada. Textos que rompem com as estratégias discursivas tradicionais e inauguram novos padrões tornam-se um desafio para os leitores acostumados à leitura de obras com estruturas convencionais.

Um dos desafios a serem superados ao professor quando lhe avaliam ou recomendam: ele deve realizar seleção de textos literários tendo em vista os interesses e a capacidade interpretativa dos alunos. É preciso mostrar que qualquer obra literária é formada por meio do entrelaçamento de registros linguísticos e estéticos. Além disso, é importante que o aluno tenha a liberdade de selecionar seus próprios textos, a partir de suas experiências prévias de leitura, para que aprenda a descobrir o prazer de ler.

Mas a avaliação dirige-se ao aluno: deveria ser orientado a compreender o papel estético da literatura, bem como a função social desta manifestação artística. Não encontrando uma relação direta entre o texto literário e o seu cotidiano, o aluno não percebe a literatura como espaço de construção de mundos possíveis que dialogam com a realidade. É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de *ler o*

*mundo*, contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula. Nessa direção, a obra literária poderá ser recriada e reinventada pelos leitores, tendo em vista os diferentes repertórios, experiências prévias de leituras, bem como a diversidade e heterogeneidade de expectativas dos leitores. Assim, destacamos a necessidade de o leitor vivenciar a obra literária.

Para Rezende (2013), os princípios tradicionais do ensino de literatura, mesmo com a introdução das abordagens Construtivistas e Sócio-interacionista no ambiente escolar, estão presentes de modo a nortear as práticas docentes na perspectiva tradicional. Deste modo, entender as ações que atrapalham o desenvolvimento da formação de um sujeito leitor é fundamental para estabelecer as metodologias no ambiente escolar que possam desenvolver tal formação.

Trabalhar conteúdos voltados à memorização e de apreciação à pátria não salientam aspectos de crítica quando são utilizados apenas de modo em que reproduz a realidade, mas, ao trabalhar a subjetividade do aluno, com noções sobre o poder da ideologia dominante e a cultura que se estabelece e se modifica com o tempo, vão contribuir para a formação deste aluno que possui um aprendizado significativo para sua vida.

A prática social ou os hábitos e comportamentos dos discentes em sua vida cotidiana são esquecidos no ensino de Literatura. Reestabelecer essa relação é um dos caminhos possíveis para incentivar a prática da leitura. As práticas escolares são, em geral, fragmentadas. Temos visto que apenas a história da literatura é discutida em sala de aula, abandonando o trabalho com as obras. Embora conhecer o contexto seja algo importante, abordar apenas isso se torna algo sem utilidade, pois não apresenta o objeto que pode ser compreendido.

Jover-Faleiros (2013) nos revela que muitos dos modelos de ensino de Literatura estão em uma crise. Por não estabelecer o papel ativo do leitor, muitos professores acabam por incentivar uma leitura sem interferência no enredo, no contexto, na gramática, o leitor é considerado passivo, tendo a importância apenas no ato de ler, perdendo muitos dos aspectos em que a literatura pode ser trabalhada.

A autora afirma que “o leitor está, pois, diante da obra, que é o mundo em escala reduzida em sua complexidade, mas ela (a obra), diferentemente dele (o mundo), guarda certa estabilidade.” (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 115) A separação entre a sensibilização e os escritos literários é realizada em diversas vezes na escola, fragmentando o conteúdo dos livros literários e não incentivando um aspecto integral da obra, ocorrendo assim, o distanciamento. Segundo a autora, ocorre um divórcio entre a experiência individual da literatura literária e a

sua apropriação pela escola, em que

[...] O curso da história do Ocidente resulta de um esforço cumulativo para separar o homem do mundo-da-vida, graças à crescente e nova divisão de tarefas e à supremacia do valor da troca e de seus componentes políticos sobre o trato primordial e afetivo com as pessoas e a natureza. (JOVER-FALEIROS, 2013, p. 135).

Com a fragmentação do conhecimento advindo do século XIX, os indivíduos deixaram de ser percebidos como detentores e construtores do saber, sendo identificados apenas como receptores do conhecimento. No primeiro capítulo, quando discorriamos sobre a questão do poder de dominação aos que detém o conhecimento, percebemos que essa perspectiva tem sido empregada em várias instituições de ensino, de modo explícito ou mesmo implícito.

Nesta base de compreensão, o professor é o centro do ensino, sendo o aluno um mero reprodutor de ideias, sem reflexões sobre o que estuda, para promover a sistematização de um saber essencialmente efetivo às necessidades dos direitos civis e da cidadania. Rocco (1981) argumenta que a utilização e interpretação de textos precisam aguçar as potencialidades dos alunos como indivíduos, promovendo uma ampla participação na sociedade que se situa. Aderindo à formação por meio da construção do conhecimento por parte do aluno, o leitor produz seu arcabouço informacional, o que torna sua apreensão significativa e real.

Diante destes pressupostos, entendemos a necessidade do ensino da literatura de modo reflexivo para superar as ideologias que tem dominado a sociedade, e que inibe os sujeitos escolares com relação à percepção e indagação sobre sua sociedade.

A experiência da literatura, conforme Aguiar (2001), raramente ocorre em sala de aula. Segundo a autora, podemos preparar nossos alunos para experienciar um texto literário e devemos intensificar essa atividade. No entanto, não estamos plenamente aptos a produzir essa experiência como uma realidade simultânea. Em outros termos, a experiência da leitura literária é de natureza individual, varia de leitor a leitor e deve ocorrer de forma natural, considerando a privacidade do leitor em sua relação com o objeto literário.

Um dos entraves encontrados é a dificuldade em se apropriar dos textos literários. Entre esses problemas citamos a desarticulação do ensino de Literatura com obra, uma vez que os textos apresentam-se fragmentados, e a falta de relevância na vida do aluno. A literatura na escola tem, por essas práticas, refletido um intuito ideológico, por incentivar culturas e constituir modelos de hábitos e comportamentos.

A leitura se apresenta com uma condição básica para que o leitor seja detentor das condições necessárias de acesso ao poder. Inversamente, a falta de leitura deixaria o indivíduo

vulnerável, à mercê da imersão social. Zilberman (2010), afirma que:

Sendo uma habilidade humana, a leitura tem existência histórica, pois se associa a adoção do alfabeto como forma de comunicação e à aceitação da escola como instituição responsável pela aprendizagem.” (ZILBERMAN, 2010, p. 21)

Sendo assim, compreendemos que leitura é *ler dialogicamente* o mundo em uma obra escrita, ler as marcas de um homem-sujeito que faz do mundo seu objeto de existência e comunicação. Pois este é considerado como um ser social que transforma seu ambiente, acumula constantemente conhecimentos de sua própria experiência articulada com a de outros. O processo de ler é considerado por Jover-Faleiros (2013, p.120), como uma experiência que serve para desenvolver diversas condições e habilidades, os discentes sistematizam que:

A leitura não é mera apreensão de sentidos escritos, mas processo determinado por elementos, ora mais técnicos (paragrafação, concisão, teor argumentativo etc), quando se trata de textos dissertativos; ora mais estilísticos (criatividade, figuras de linguagem, teor poético etc), quando os textos são literários.

A literatura não pode ser compreendida fora do contexto da cultura e da formação de pensamentos que ajudaram o sujeito a ampliar sua gama de conhecimento. Se assim for, promoverá uma educação libertadora, definida como os atos livres que levam a refletir, interpretar e compreender, e também como leitura crítica, considerada como os atos de constatar, comparar e transformar a si mesmo como leitor e cidadão autônomo, e ao ambiente em sua volta.

Aguiar (2013) salienta que a leitura deve ir além de codificar os símbolos e códigos; ela deve anunciar uma mensagem ideológica disponível nos escritos. Ao considerarmos o papel ativo do leitor, identificamos os sentidos provocados e as condições refletidas pelo receptor da mensagem. O fragmento a seguir contribui para evidenciar as considerações expressas:

O processo de leitura pressupõe, portanto, a participação ativa do leitor, que não é mero receptor de uma mensagem acabada, mas ao contrário interfere na construção dos sentidos, preenchendo vazios textuais de acordo com sua experiência de leitura e de vida. (AGUIAR, 2013, P. 153)

O papel dinâmico do texto, que pode ser lido por várias vezes, mas mesmo assim será entendido em diferentes contextos, provoca sentimentos e sentidos diferenciados. Aguiar

(2013) completa:

O livro, ao registrar a linguagem verbal através do código escrito, tem se mostrado o documento mais eficaz para conservar a expressão do conteúdo da consciência individual e cumulativa social. (idem, p. 156).

A ficção dentro do contexto escolar amplia a criatividade e geralmente incentiva o gosto por leitura por parte dos alunos, pois de acordo com Aguiar,

O texto ficcional apropria-se das referências da realidade histórica, em termos de tempos, ambientes, costumes, personagens, conflitos, sentimentos, para abstrair dos fatos as motivações humanas que os geraram e que são comuns a todos os homens. (ibidem, p.160).

A leitura deve ser compreendida como sinônimo de inserção e autoridade, pois, a partir de sua apreensão, o sujeito consegue internalizar os códigos a fim de sentir-se integrado socialmente e a interiorização de reflexões alheias a ele. Zilberman aponta, que,

A leitura implica aprendizagem quando a subjetividade do leitor é acatada e quando o leitor, ele mesmo, aceita-se como o eu que perde e ganha identidade no confronto com o texto. (ZILBERMAN, 2010, p. 45)

Na busca por entender o sentido da leitura, é essencial salientar que os indivíduos precisam ser conduzidos em diversas situações a entrar nesse universo de leitores. Para Eco (1979), esta é uma das maneiras de incentivar a construção e constituição de cidadão consciente, participativo e sujeito de sua própria história e a apreensão sobre o discurso em diversas situações comunicativas dentro de um contexto sócio-histórico e ideológico.

Segundo Rocco (1981) a leitura, que desperta interesse educacional é a significativa, ou seja, a que faz sentido ao leitor, que instaura relações com sua identidade como sujeito cultural e histórico, socialmente constituído.

O aprendizado da leitura e da escrita ocorre quando se constitui junto ao discente, o desejo e o prazer por aprender. Isto por meio de situações em que a linguagem é utilizada de modo significativo à noção do real do aluno. Nesta condição, a leitura considera a motivação como elemento de estudo. A recepção passiva dos conhecimentos textuais, por parte dos alunos, exclui os objetivos indicados pelo processo de ensino contemporâneo.

Essa dinâmica, na concepção de leitura, aliada ao desenvolvimento tecnológico no que diz respeito ao desenvolvimento de processos de fixação da materialidade linguística nos

diferentes veículos de viabilização da comunicação, faz com que a relação sujeito e texto se modifique constantemente. Nesse sentido, a leitura, como processo, perpassa diferentes modalidades desde a sua chegada ao Brasil com os Jesuítas, seguindo orientações paralelas às múltiplas abordagens do aprendizado.

De acordo com Zilberman (2010), a prática de Leitura está intimamente relacionada com a alfabetização. Isso quer dizer que ler adquire a conotação de não apenas decifrar e interpretar o código, mas procurar um sentido, questionar algo escrito, a partir de uma expectativa ligada a uma necessidade, a um prazer. A leitura, em sua essência, possibilita o desenvolvimento individual e social do sujeito.

É por meio da leitura que o sujeito forma os conceitos relevantes para a sua formação. E diante deste aspecto se sugere que a atividade de leitura deve ser fator essencial à formação do sujeito, o que exige que escola desperte não só o prazer pela leitura, mas também incentive a percepção da importância dessa prática tanto no âmbito da educação como na sociedade em que está inserido. Por meio da leitura, o sujeito tem a possibilidade de ampliar sua visão de mundo e sua capacidade comunicativa.

Nessa concepção, a leitura de um texto requer conhecimento dos componentes linguísticos, uma atuação ativa do sujeito e o conhecimento cognitivo, no sentido de extrair significados de um texto por parte do leitor. E, com base nessa abordagem, se evidencia que a leitura não é simplesmente a busca de significados presentes no texto. Na verdade, a leitura é um processo de integração entre leitor e texto, sendo essencial que o leitor esteja predisposto a ler e que o texto expresse características e condições favoráveis a compreensão e entendimento do leitor.

Rocco (1981) traz grandes contribuições em suas discussões sobre a leitura. Segundo a autora, quando esta prescindir do conhecimento prévio do aluno, o processo de ensino da literatura se efetiva à medida que a percepção do aluno oferece sentido ao texto, atribuindo lógica e formas concretas de visualizar as condições expressas pelos escritos.

O que sugere que, na prática de leitura, o leitor utilize seu conhecimento cognitivo fazendo considerações iniciais, suposições e reflexões de acordo com as informações contidas no texto. A linguagem, nessa perspectiva, está presente no cotidiano do sujeito, pois ele utiliza-se, em especial, da linguagem verbal, para interagir com o mundo e com o outro, trazendo todo o estudo da língua apreendido.

Nesse contexto, percebe-se que a leitura não pode ser considerada como mera atribuição de sentidos, mas explicita um trabalho de inter-relação entre o sujeito e as formas de linguagem com as quais convive. Ao utilizar a Leitura, se deve ir além da realidade do

sujeito no processo de produção de sentido.

Considerando essa perspectiva, a leitura se afirma como elemento que contribui para o pleno desenvolvimento da cidadania, pois, se colocada como processo de interação entre os componentes no sentido de instituir desde os anos iniciais o prazer pela leitura, essa prática exercerá no sujeito escolar uma compreensão de mundo, possibilitando a formação de leitores críticos em potencial em relação ao mundo que o cerca. E, assim, compreender que cada sujeito leitor possui sua especificidade, com preferências de leitura e na maneira como este realiza sua leitura. Isto implica que o ambiente da escola necessita desenvolver competências formativas no sujeito.

Diante deste panorama, considerar, apreender cognitivamente, conhecer e romper com as tradicionais práticas, as que não possuem efeitos nos alunos, é fundamental para auxiliar os indivíduos a se constituírem como parte integrante da sociedade. Para Zilberman (2010), o sujeito usa simultaneamente o seu conhecimento de mundo e do texto no seu processo de construção e interpretação daquilo que lê. Portanto, a leitura é um dos meios mais eficazes para a efetivação de novas e significativas aprendizagens.

Neste aspecto o processo de leitura deve ser concebido por todos os sujeitos sociais como uma prática transformadora da realidade, um instrumento básico para o processo de constituição do conhecimento, no sentido de permitir maior compreensão e interação dos sujeitos com o mundo a sua volta, o que torna a leitura um componente indispensável para o agir com autonomia na sociedade letrada, uma atividade que, na prática contínua torna os leitores proficientes, aptos a fazer uso de sua leitura de forma consciente e crítica em suas práticas sociais de fato.

A comunidade escolar e o professor no espaço educativo são componentes de mediação das fontes de conhecimento, os responsáveis pelo incentivo do processo de construção e reconstrução do conhecimento em espaços de disseminação de leitura, no sentido de promover a formação da cidadania, de desenvolver a autoestima e a integração social do sujeito, tendo em mente o desenvolvimento de um olhar crítico e a possibilidade de formar uma sociedade consciente.

O processo de construção de leitura também dependerá de outro fator igualmente importante e essencial: o método de ensino e aprendizagem utilizado pelo professor, visando à formação do sujeito leitor. Utilizar a linguagem e o conhecimento prévio desse leitor é um dos pontos de partida para se trabalhar a leitura e a escrita dentro da escola.

Assim como não há limite para o aprendizado, cada pessoa irá definir o seu. A valorização do conhecimento prévio é essencial nesta relação de aprendizado, o não

aproveitamento ou, ainda, o reconhecimento desse conhecimento prévio poderá implicar algumas barreiras nessa relação entre professor e aluno.

Para que essa relação seja realmente produtiva, devemos incentivar o conhecimento prévio que cada aluno traz de sua realidade, uma vez que dentro de uma sala de aula diversas formas de linguagem e conhecimento de mundo são expressas. As vivências de leitura e literatura dos discentes não podem ser esquecidas.

Esses conhecimentos, se apropriados de forma correta em uma aula de leitura, auxiliam na compreensão do texto e também da realidade da comunidade, seus hábitos e seus desejos. A relação conhecimento prévio-conhecimento teórico auxilia na percepção do universo em que o estudante está inserido. Nesse sentido, podemos dizer que, fundamentados nos diversos estudos sobre concepções de leitura, o processo de ensino e aprendizagem e o ambiente escolar são apenas instrumentos para concretizar o efetivo exercício da cidadania.

A formação do sujeito leitor será definida a partir das experiências de vida individual, um processo contínuo e gradativo. A leitura como uma das formas de acesso ao conhecimento está intimamente ligada à escolha do tipo de texto a ser trabalhado em sala de aula. Construir sentidos sobre algo que não faz parte do contexto histórico social do aprendiz limita e castra as possibilidades de criação e desenvolvimento; seria como escolher um tema que ainda não seja dominado, naquele momento, pelos alunos.

Quando um texto é apresentado ao aluno sem uma proposta de reflexão crítica, de compreensão, este aluno tende a crer que está diante de um modelo sacralizado. Entretanto, quando há uma proposta de reflexão, este mesmo aluno observará que os textos são produzidos para serem questionados em todos os aspectos nele apresentados.

Conforme as percepções de Silva (2013, p. 133) muitos autores, sobretudo de textos literários, fogem às regras gramaticais propositadamente para produzir novos sentidos, segundo o autor:

O leitor só terá essa percepção se estiver pronto para refletir e interpretar, caso contrário, este traço estilístico poderá passar despercebido. Essa maturidade o sujeito-leitor adquire lendo, comparando, analisando os mais diversos gêneros textuais, e nesse momento, é necessário sair dos limites do livro didático e partir para a diversificação.

O prazer de ler também pode ser proporcionado por meio de atividades que facilitem a interação das modalidades oral e escrita e das habilidades de compreensão e expressão da língua, a partir de textos literários, artigos de revistas e jornais, observação de obras de arte, espetáculos de danças, apresentações teatrais etc. O aprendiz deve ser estimulado a ler

criticamente a sua realidade a partir de diversas semioses.

A leitura se constitui em um processo amplo e gradativo que proporciona ao indivíduo o uso de suas potencialidades, enriquecendo suas próprias ideias e promovendo experiências intelectuais. O incentivo e o estímulo facilitarão seu aprendizado, permitindo que crianças sejam, no futuro, leitores assíduos e conscientes do seu papel na sociedade.

A necessidade de ampliarmos o universo de leitores ativos está intimamente ligada ao conjunto simultâneo de medidas que envolvem o estado e a sociedade. Para Zilberman (2010), a leitura deve ser um caminho e jamais um objetivo em si mesmo, deve ter várias funções, pois é diferente ler para se divertir, para estudar, para escrever, para pesquisar. Com um trabalho de formação de leitores realmente comprometido com o progresso dos alunos é esperado que o aluno possa despertar o leitor em potencial que há dentro dele e que desconhece, e que em alguns momentos durante a vida escolar, possa também escolher as próprias leituras.

Em detrimento dessas práticas escolares, apontamos que é na troca de experiências e histórias de leitura que onde de fato ocorre a interação entre textos e leitores. Contudo, a escola parece não estimular a função interativa das práticas de leitura, ao privilegiar atividades que desmotivam o aluno e provocam-lhes aversão aos livros. Outro problema no espaço escolar diz respeito à utilização do livro didático como um instrumento preponderante na exploração da leitura.

Tomar a leitura como prática social, pressupõe pensar nas múltiplas relações que o sujeito-leitor exerce na interação com o universo sócio-cultural, e pensar em um leitor apto a usar a leitura como fonte de informação e disseminação de cultura: Pois, *ler*, de acordo com Zilberman (2010), significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita, porém se faz necessário que, além de ser alfabetizado ele, seja também letrado.

Segundo Kleiman (1996), passamos a enfrentar uma nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever é preciso também fazer uso do ler e do escrever, para saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente, daí surge o termo letramento, ressignificando a ideia principal que se tinha do saber ler e escrever, buscando definir um novo padrão de usuário da língua que se mostre apto a atender as

demandas da sociedade contemporânea.

Em nossa sociedade os conteúdos informacionais circulam quase exclusivamente via meios escritos, por meio da Internet, da televisão, dos *outdoors* com informes publicitários, dos jornais, das revistas, dos panfletos, dos catálogos e de muitos outros veículos de comunicação. Sendo assim, o processo de apropriação da informação e da construção de novos conhecimentos se configura como um processo ativo que está intimamente ligado à leitura. Por isso, o uso social da leitura é algo contextualizado que acontece em diferentes espaços e não obedece a nenhuma regra específica e nem a um padrão sociolinguístico pré-definido.

Ainda na esteira do pensamento de Kleiman (1996), ao lermos um texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados. Por isso, podemos afirmar que a complexidade da leitura como prática social está estreitamente ligada às raízes culturais e à formação de nossa cidadania.

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Para Rocco (1981), quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro do grupo social. Sendo assim, a leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e, conseqüentemente, na construção da cidadania, uma vez que, por meio, da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país.

De acordo com Rocco (1981), a partir do momento em que se reconhece o papel da escola na formação do leitor, apesar de todos os limites concretos, se torna possível uma mudança de práticas, com o objetivo de desenvolver no aluno as competências necessárias para que ele utilize a leitura como um instrumento útil em sua vida, além da escola. Nesse sentido, observa-se que a escola poderá exercer um importante papel na formação de um leitor mais competente.

Essa visão de leitura como prática social deve ser promovida pela escola, porém deve ser exercida pelo aluno para além da vida escolar, em suas múltiplas relações que entrelaçam a cadeia do mundo globalizado. É para a defesa desse ponto de vista que elaboramos este trabalho, a fim de demonstrar a importância da leitura como fonte de informação e disseminação de cultura, reconhecendo o papel da escola como mola propulsora na formação do desejo e hábito de ler, nos alunos.

Neste aspecto, o ambiente escolar, como espaço de aprendizagem formal, deve incentivar a articulação e realização de metodologias no ensino de Literatura, com procedimentos que possibilitem aos discentes meios e condições favoráveis para poder exercer de forma plena o ato de ler os textos literários. Por meio destas ações, a autonomia, a reflexão e a crítica, promovem múltiplos sentidos aos alunos, estabelecendo uma relação entre o texto e o contexto, constituindo um sujeito dinâmico que se estabelece em seu mundo.

Neste âmbito, a literatura configura-se num princípio essencial para a comunicação complexa, isto por facilitar o entendimento das diversas modalidades de comunicação, como cinema e televisão. O bem-estar proferido por esta forma de ver o mundo se relaciona com a compreensão e interpretação das palavras, assegurando também a sua cidadania.

Dessa forma, a existência da literatura no ensino não possui a finalidade de classificar ou quantificar o aluno, exigindo que aprenda isso ou aquilo. Esta deve ser entendida como um campo de conhecimento em que os professores precisam objetivar meios para que os discentes possam perceber melhor a realidade e enxergar, no texto literário, uma possibilidade entre outras. O professor consegue, assim, incentivar os discentes a criarem e desenvolverem alternativas diante do contexto cultural que possuem.

Ao inter-relacionar reflexões teóricas e experiências no âmbito do espaço escolar são consideradas algumas práticas para uma utilização coerente nas estratégias docentes: a literatura ao longo do processo histórico; a percepção da influência cultural nos escritos; meios técnicos para o leitor experimentar a leitura; os valores morais, estéticos, culturais e sociais, e como estes estão relacionados; e os valores do leitor ao classificar o texto, e a compreensão sobre o impacto do texto para instituir um novo olhar sobre o mundo.

Ao utilizarmos as acepções de Aguiar (2001) e Rocco (1981) algumas estratégias didáticas podem ser organizadas com relação às práticas de literatura no ambiente escolar, sendo evidenciadas as seguintes metodologias: o trabalho com o texto de forma que o aluno possa entender significativamente o que está lendo; estabelecer laços de afetividade com o texto; demonstrar vários gêneros textuais literários; usar novas tecnologias e demonstrar como o texto literário pode se apropriar dela; a valorização do contexto e da escrita; incentivar a pesquisa do aluno com relação ao livro, autor e contexto social; incentivar a experiência através da escrita sobre o que o aluno leu.

Outras práticas continuam vislumbrando estratégias em sala de aula. Considerar o papel da arte em extrair do ser humano os sentidos; abordar os parâmetros que validam e invalidam um texto; tentar ao máximo trabalhar com o texto de forma integral; avaliar para que o professor possa entender o nível em que se deu da obra; indicações de texto que estejam

de acordo com o contexto do leitor; utilização de ambientes escolares que promovam a leitura sem interrupções e com maneiras criativas que proporcionem condições para que alunos se tornem capazes de entender as contribuições destes conteúdos à sua vida; e incentivar o uso de textos literários no contexto de vida dos alunos.

A seleção de textos e livros escolares para leitura, na escola, tem características peculiares. Entre essas, citamos: o interesse proporcionado a partir do tema e do título; as comparações entre as edições; a predominância de um determinado gênero textual; a linguagem utilizada; os valores ideológicos em curso no texto; e a relação com realidade.

A avaliação da compreensão da literatura na escola com relação aos alunos deve estabelecer uma coesão com o objetivo da literatura escolar dentro de uma abordagem crítica, buscando a formação de um sujeito capaz de refletir sobre suas práticas a partir do objeto literário. Desta forma, devem ser realizadas provas, produção de texto, questionários ou atividades que irão salientar esses pontos, com relação à autonomia e ao questionamento cotidiano.

O uso dos livros didáticos e o trabalho com a literatura na escola devem ser pautados pelas contribuições que esses podem fazer na leitura de textos literários, desta maneira compreender a ideológica e a perspectiva que o *manual do professor* foram organizados são fundamentais para instituir sua importância junto aos alunos.

Com estes pressupostos, percebemos a necessidade de organizar esforços para tentar derrubar toda a ideologia neoliberal que está instaura dentro do contexto social, inclusive a escola e as práticas docentes. A globalização e a pós-modernidade dentro do contexto escolar dificultam trabalhar as obras dentro de uma perspectiva mecanicista, sendo necessário ressaltar os aspectos éticos e sociais, ambientais e econômicos, pois estes elementos configuram o novo modelo cultural de nossa sociedade.

A dinâmica escolar com relação ao ensino de Literatura pode ser caracterizada como “reprodutora e seletiva”, as obras disseminadas no ambiente não tem um caráter amplamente reflexivo. Neste aspecto Zilberman (2010, p. 238), aponta, que:

A escola não propõe uma noção original de literatura, nem de leitura, senão que alarga o espaço de aplicação de conceitos já existentes, [...] ela esclarece qual antologia as instituições culturais estão interessadas em reproduzir nos distintos graus de ensino. Faculta conhecer que antologia vigora, isto é, que conceito de literatura circula na sociedade e como ele se distribui nos vários graus de aprendizagem.

A educação literária proposta pela escola necessita ser reavaliada, a fim de que os

alunos-leitores possam encontrar razões reais para o estudo da literatura como fenômeno artístico relacionado às transformações históricas, sociais e culturais. Ao repensar e reavaliar o processo de ensino e aprendizagem da literatura na escola a intenção é de integrar prática pedagógica dos professores e as contribuições da teoria literária.

Por meio da fundamentação de algumas proposições teóricas essenciais de alguns autores, o professor tem condições de desenvolver melhores práticas com o texto literário em sala de aula. Neste aspecto, Silva (2013), evidencia práticas que ampliam o nível de compreensão do aluno com o texto literário. O autor propõe as seguintes ações:

Articular leitura crítica, análise e interpretação do texto literário, visando atingir um discurso crítico desenvolvido pelo aluno, a partir do reconhecimento das singularidades estéticas do fazer literário; apresentar distinções entre os gêneros literários, percebendo também o diálogo entre características de diversos gêneros numa mesma obra literária; analisar a obra literária sob uma ótica interdisciplinar, reconhecendo as relações entre literatura e Sociologia, literatura e História, literatura e Psicanálise, entre outras. (SILVA, 2013, p. 133)

Nesta apreensão, também são ressaltados os processos de compreensão sobre o interculturalismo presente na obra literária, sendo preconizada as seguintes ações metodológicas: considerar as diversas correntes teóricas que se debruçaram sobre o fazer literário com perspectivas diferentes, como o Formalismo, Estruturalismo, Pós-estruturalismo, Sociologia da literatura, Sociocrítica, Fenomenologia da leitura, e outras; estabelecer distinções entre Teoria da literatura, Crítica Literária e História da literatura; desenvolver estudos intersemióticos, considerando as relações entre literatura e outras expressões artísticas.

O fato de a teoria literária refletir sobre o ato da leitura também pode trazer repercussões significativas na escola, no que concerne às relações entre texto e leitor, literatura e leitor, teoria e prática. É fundamental que o professor proporcione uma reavaliação das metodologias direcionadas ao ensino de Literatura, visando à exploração de alternativas didáticas de ensino aprendizagem capazes de motivar os alunos à leitura por prazer, à busca de conhecimento, à leitura crítica do texto articulada com a compreensão crítica do mundo.

A literatura objetiva conceder uma experiência fundamentada na apreciação do leitor, por parte dos aspectos estéticos, enquanto o ensino tem a intenção de organizar meios e procedimentos metodológicos, que incentivem o desejo dos alunos de averiguar de forma crítica os textos literários e desta maneira, refletir sobre o mundo que está inserido, auxiliando em uma postura reflexiva sobre seu cotidiano.

O leitor dialoga constantemente com o texto na busca de significados. Desse modo, a

leitura se apresenta como um processo de compreensão ativa, no qual os múltiplos sentidos em circulação no texto são construídos a partir de uma relação dialógica estabelecida entre autor e leitor, entre leitor e texto e entre as múltiplas vozes e linguagens sociais que ecoam no texto.

O sujeito leitor faz uso da linguagem em diferentes esferas sociais, que são múltiplas e apresentam variedade de gêneros do discurso, este desenvolvimento na capacidade de apreensão do texto promovendo condições essenciais para que o aluno possa se estabelecer como um receptor da mensagem, que não apenas interpreta e compreender os signos, mas que os utiliza para estabelecer sua cidadania.

Ao discutir sobre o sujeito leitor, Kleiman o denomina de leitor maduro, isto por ser capaz de constituir sua leitura de modo flexível. Para a autora, a:

Flexibilidade própria do leitor maduro deve ser modelada desde os primeiros contatos com a escrita, num primeiro momento para fornecer um modelo que valha a pena ser imitado, para depois ser incorporado como parte constitutiva das estratégias de leitura e das atitudes de leitor. (KLEIMAN, 1996, p. 43)

Diante desta percepção do aluno leitor, temos que as relações entre leitura, fundamento básico para se desenvolver o ensino da literatura nem sempre são analisadas, reavaliadas e praticadas como deveriam no contexto escolar. As realidades propostas pelos teóricos como possibilidades de desenvolvimento do ensino e as questões evidenciadas durante a experiência em campo apontam que, embora o caminho seja difícil, é possível estabelecer condições que auxiliem a prática pedagógica, contribuindo com a sensibilização estética dos alunos e na constituição do senso crítico-reflexivo no discente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa centrou-se na investigação de dados e de informações, aplicando questionário, em um primeiro momento e, realizando atividades em grupo e entrevistas, em um segundo momento.

Este trabalho representou resultado de inquietações que permeiam a prática docente, diante das experiências vividas, no exercício da docência em instituições educacionais, da rede pública, no ensino básico. Nesse sentido, ao nos balizarmos teoricamente para refletir sobre o ensino de Literatura em sala de aula, fundamentamos nossas práticas e nossas perspectivas de mundo em estudiosos que abordavam a temática.

Sendo assim, ao analisarmos os escritos de teóricos que evidenciam procedimentos metodológicos durante a atividade docente, fomos conduzidos a estruturar novas possibilidades de compreensão, ressaltando pontos que antes não eram percebidos, e vislumbrando novas condições para a realização do trabalho do professor em seu ensino, e da aprendizagem dos discentes.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa adotou um estudo de caso, a fim de trazer à discussão os principais percalços do professor e dos alunos em relação à literatura no ensino básico, no caso específico, o ensino médio, na disciplina de Língua Portuguesa.

No Colégio Estadual Dom Pedro I, verificamos que os professores buscam realizar metodologias que trabalhem a capacidade reflexiva dos discentes, extraindo o máximo de suas compreensões, por meio de atividades, leituras, discussões em classe, das obras e textos literários. Para tal finalidade, utilizaram de outros conhecimentos científicos durante a exposição do objeto literário.

O estudo de literatura, para os professores, apresenta-se como um importante saber da Língua Portuguesa, embora não seja uma disciplina escolar, os docentes têm trabalhado os textos literários com a intenção de promover o desenvolvimento da sensibilidade estética. Ao efetivarem esta perspectiva, utilizam técnicas que correspondem à necessidade dos discentes, incentivando o contato com a literatura.

Dentre os principais entraves encontrados nesta pesquisa, percebemos que a utilização de recursos pedagógicos sem uma intenção clara para com o aluno prejudica o caminhar durante o processo de ensino e aprendizagem. Entre essas práticas estão: provas, trabalhos escritos e seminário para forçar os alunos a compreenderem o texto. Mesmo com a utilização de práticas criativas, o alvo que se pretende alcançar deve estar evidente para o aluno.

A observação do ensino de Literatura na sala de aula, por meio da disciplina de Língua

Portuguesa, apresentou elementos fundamentais para a descoberta e entendimento de um mundo dinâmico e complexo, em que a sociedade atual está inserida, possibilitando ao aluno, por meio da interpretação e compreensão da escrita literária a assimilação do conhecimento linguístico.

Foi possível demonstrar que o ensino de Literatura tem a capacidade de estimular a reflexão dos alunos acerca dos conhecimentos cotidianos, o que contribui significativamente para a formação do sujeito leitor e a sua emancipação social, auxiliando na formação da plena cidadania.

Constatou-se que, quando os alunos se apropriam desta prática pedagógica, eles percebem que a sensibilidade pode transformar o real e a interpretação de mundo é multiplicada. Fica evidente, então, uma perspectiva de ensino que contribui para a autonomia nas atividades cognitivas e reflexivas dos indivíduos participantes do processo de ensino e aprendizagem.

Nesta mesma linha de raciocínio, os procedimentos metodológicos da pesquisa em campo, quando pautados por uma perspectiva crítica, buscaram incentivar a reflexão do discente fomentando questionamentos e problematizando os meios de nortear as análises dos fatos. Os resultados percebidos demonstram algumas proximidades e distanciamentos em relação às pesquisas descritas na literatura consultada.

Considerando as diferenças entre a teoria e a prática encontramos as situações que apontam uma divergência entre a condição estabelecida e o ambiente utilizado como objeto de análise. Sendo encontradas as seguintes disparidades: o professor promove com interesse a importância da literatura, para a formação discente; o docente apesar de ter grande dificuldade em organizar seu campo informacional, sabe de sua responsabilidade enquanto um pesquisador, buscando ampliar sua gama de conhecimento; e a maior parte da comunidade discente possui uma apreciação pela leitura.

Na configuração das semelhanças entre a fundamentação do aporte teórico e as condições estabelecidas durante a investigação no Colégio Estadual Dom Pedro I, vislumbramos as seguintes reflexões: muitos professores ainda utilizam métodos tradicionais para orientar e subsidiar suas aulas; utilizam recursos capazes de incentivar o contato do aluno com o escrito literário, e buscam fundamentação teórica apenas quando o desinteresse surge em sala de aula; e os alunos revelam dificuldade imensa em ler e interpretar o texto literário, por entrarem em contato quase que exclusivamente com a linguagem informal.

Este estudo nos impele a desenvolver pesquisas e práticas que avaliem o compromisso e a seriedade daqueles que desejam contribuir com ensino de Literatura, seja na escola de

educação básica, seja na educação superior.

Uma das contribuições do ensino de Literatura na escola está na interação entre o aluno e o texto, que estabelece uma relação de confiança e vínculo com o texto, promovendo o exercício da sensibilidade e da percepção de elementos lingüísticos antes tidos como inúteis, apreciando detalhadamente o escrito, desenvolvendo meios para assimilar o máximo de informações sobre a obra e os aspectos que envolvem a literatura.

Embora os objetivos sejam diferentes com relação às obras literárias no Ensino, para o professor, a função é ensinar a sentir as expressões dos autores, sua formação possibilita que ele faça isso para si, mas transpor esta técnica exige condições para a superação de desafios e entraves. Para o aluno, esta relação, texto/indivíduo, serve para aprender a viver a experiência estética e tornar-se um sujeito que percebe os códigos lingüísticos, e os interpreta, compreende-os, e os indaga.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leitura literária e escola*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Orgs.) *A escolarização da Leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O saldo da leitura*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.) *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ALVES, José Hélder Pinheiro Alves. *O que ler? Por que? A Literatura e seu ensino*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BORDINI, Maria da Glória. *Guia de leitura literária para alunos de 1º e 2º graus*. Centro de Pesquisas Literárias, PUCRS. São Paulo: Cortez, 1989.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)*. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Brasília: MEC/SFE, 2012.
- BELLENGER, Lionel. *Os Métodos de Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil*. São Paulo: Ed. Moderna, 2000.
- COMITI, Leopoldo. *Leitura saber e poder*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.) *A escolarização da leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DALVI, Maria Amélia. *Literatura na escola: proposta didático-metodológicas*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- ECO, Umberto. *Leitura do texto literário*. Lector in fabula. MA Lisboa: Presença, 1979.
- EVANGELISTA, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.) *A escolarização da Leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HERMANN, Nadja. *Ética e estética: a relação quase esquecida*. EDIPUCRS, 2005.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOVER-FALEIROS, Rita. *Sobre o prazer e o dever de ler: figurações de leitores e modelos de ensino de literatura*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.
- KLEIMAN, Angela. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Oficina de Leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2013.

KUENZER, Angela. *Ensino Médio*. São Paulo: Cortez, 2005.

LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

REZENDE, Neide Luzia de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. *Literatura/ensino: uma problemática*. São Paulo: Ática, 1981.

ROSSETO, Robson. *Pedagogia do Teatro: um estudo sobre a recepção*. Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina, 2007.

ROUXEL, Annie. *Aspectos metodológicos do ensino de Literatura*. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, Márcia Cabral da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.) *A escolarização da Leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção de mundo na sala de aula: leitura e literatura. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luiza de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Org.) *Leitura de Literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ZILBERMAN, Regina. *A Leitura e o ensino de Literatura*. Curitiba: Ibpex, 2010.

**ANEXOS**

## ANEXO I

### ROTEIRO E QUESTIONÁRIO – PROFESSOR E ALUNOS

Prezado(a) professor(a),

Nossa proposta:

Esta é uma atividade que subsidia os nossos estudos relacionados ao ensino de literatura e ao estudo literário na educação básica. Queremos contar com a sua adesão a esta nossa experiência, no sentido de que sejam exploradas, didaticamente, duas narrativas curtas, ambas de autoria do escritor moçambicano, Mia Couto: *O menino que escrevia versos* e *A infinita fiadeira*.

Nosso objetivo:

O nosso objetivo fundamental é compreender como se dá o desenvolvimento da habilidade do leitor escolar, para vivenciar a experiência estética espontânea e orientada (informal e formal). Como transformá-lo em leitor ideal.

Nosso pressuposto:

Em sua obra, *Oficina de leitura: teoria e prática*, publicada em 2013, Ângela Kleiman considera que há três concepções de leitura: a) leitura como decodificação, b) leitura como avaliação, c) leitura autoritária.

Essa classificação resulta de uma pesquisa realizada pela autora, embasada na consulta que fizera a 60 professores da educação básica, séries iniciais. Segundo a autora, a prática norteada por esta última concepção, leitura autoritária, tem sido assim desenvolvida mediante percurso das etapas:

1. Motivação do aluno, através de uma conversa sobre o assunto geral do texto.
2. Leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas.
3. Leitura em voz alta, por alguns alunos, ou por todos os alunos, em grupo.
4. Leitura em voz alta, pelo professor.
5. Elaboração de perguntas sobre o texto, por parte do professor.
6. Reprodução do texto (atividade de redação ligada ao tema do texto).

Para superar a *leitura autoritária*, **propomos-lhe que esses dois textos sejam lidos primeiro por você**. Pedimos-lhe que os leia tendo como foco aquilo que os caracteriza como manifestação artística (arte literária: a aranha tece, o menino escreve), tanto ao nível da linguagem quanto ao da temática desenvolvida. A leitura de *Infinita Fiadeira* permite observar a presença dos atos de tecer e destecer. Essa foi uma atitude de Penélope, esposa de Ulisses, personagens da obra denominada Odisseia.

Sabendo que, no ensino médio, o estudante, além de **estudar literatura** (leitura frutiva), na sua relação com outras artes, tem de realizar **estudos sobre literatura** (leitura crítica), pedimos-lhe responder ao que se segue:

1. Para você, em que consiste estudar literatura e estudá-la na sua relação com outras

artes?

2. E em que consiste estudar sobre literatura?
3. Como isso é feito no seu colégio?
4. Entendendo que os textos indicados para leitura tratam da arte de escrever e sonhar, compreendidas como atos que só adquirem sentido ou sentidos quando há interação entre texto e leitor, como você os apresentaria aos seus alunos (quais etapas você percorreria)?

Prezado(a) estudante,

Nossa proposta:

Esta é uma atividade que subsidia os nossos estudos relacionados ao ensino de literatura e ao estudo literário na educação básica. Queremos contar com a sua adesão a esta nossa experiência, no sentido de que sejam exploradas, didaticamente, duas narrativas curtas, ambas de autoria do escritor moçambicano, Mia Couto: *O menino que escrevia versos* e *A infinita fiadeira*.

Nosso objetivo: vivenciar a experiência estética espontânea e orientada (informal e formal).

Nosso pressuposto: em sua obra, *Oficina de leitura: teoria e prática*, publicada em 2013, Ângela Kleiman considera que há três concepções de leitura: a) leitura como decodificação, b) leitura como avaliação, c) leitura autoritária.

Essa classificação resulta de uma pesquisa realizada pela autora, embasada na consulta que fizera a 60 professores da educação básica, séries iniciais. Segundo a autora, a prática norteada por esta última concepção, leitura autoritária, tem sido assim desenvolvida mediante percurso das etapas:

1. Motivação do aluno, através de uma conversa sobre o assunto geral do texto.
2. Leitura silenciosa, sublinhando as palavras desconhecidas.
3. Leitura em voz alta, por alguns alunos, ou por todos os alunos, em grupo.
4. Leitura em voz alta, pelo professor.
5. Elaboração de perguntas sobre o texto, por parte do professor.
6. Reprodução do texto (atividade de redação ligada ao tema do texto).

Para superar a *leitura autoritária*, **propomos-lhe que esses dois textos sejam lidos por você, solitariamente**: Pedimos-lhe que os leia tendo como foco aquilo que os caracteriza como manifestação artística (arte literária: a aranha tece, o menino escreve), tanto ao nível da linguagem quanto ao da temática desenvolvida. A leitura de *Infinita Fiadeira* permite observar a presença dos atos de tecer e destecer. Essa foi uma atitude de Penélope, esposa de Ulisses, personagens da obra denominada Odisseia.

## ROTEIRO PARA EXERCÍCIO

Tecer e destecer foi uma das atitudes de Penélope, esposa de Ulisses, personagens da obra denominada Odisseia. Seguramente, você já conhece a história de Penélope.

1. Ao ler a narrativa curta *Infinita Fiadeira* o que mais lhe sensibilizou? A linguagem ou a história? Por quê?
2. Ao ler a narrativa curta *O menino que escrevia versos*, você notou a presença de personagens como o pai, a mãe, o menino, o médico. Com qual ou quais desses personagens você mais se identificou. Por quê?
3. Com qual situação narrada você mais se identifica e por quê?

Sabendo que, no ensino médio, o estudante, além de **estudar literatura** (leitura fruitiva), na sua relação com outras artes, tem de realizar **estudos sobre literatura** (leitura crítica), pedimos-lhe responder ao que se segue:

1. Para você, em que consiste estudar literatura e estudá-la na sua relação com outras artes (apreender a história, a literariedade do texto, a relação com a pintura, por exemplo)?
2. E em que consiste estudar sobre literatura (ponto de vista narrativo/focalização, metrificação, rima; história da literatura: vida e obra do autor; estilos de época: romantismo, naturalismo, realismo, parnasianismo, simbolismo etc)?
3. Consciente de que as experiências em literatura, e nas artes em geral, são muito importantes na formação do cidadão nos dias atuais, como você as vê acontecer no seu colégio?

**ANEXO II**

Colégio Estadual Dom Pedro I

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO: LITERATURA NO ENSINO MÉDIO**

1 - Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2 - Idade: \_\_\_\_\_

3 - Série: \_\_\_\_\_

4 - Você costuma ler regularmente?

---



---

5 - Quantos livros você já leu? Qual(is)?

---



---

6 - Sobre qual assunto você mais gosta de ler? (Esportes, romances, piadas ou outros)

---



---

7 - Qual a principal dificuldade encontrada quando está lendo um texto literário?

( ) Interpretar o texto

( ) Leitura do texto

( ) Outra dificuldade \_\_\_\_\_

8 - Quando você lê obras literárias, elas são geralmente:

( ) As que os professores recomendam

( ) As que você compra ou empresta por opção própria

( ) Não leio

9 - Lembre-se de uma obra literária que tenha lido e da qual tenha gostado muito:

a) Qual o nome dela?

---



---

b) Ela foi leitura obrigatória na escola?

---



---

10 - Como você costuma agir em relação às obras indicadas pela escola?

( ) Lê todas elas

( ) Lê quase todas elas

( ) Lê algumas delas

( ) Nunca lê essas obras

( ) Não responderam

11 - Para você, o que é Literatura?

---



---



---

12 - Para você, estudar Literatura serve para:

- Aprender sobre a vida dos principais escritores.
- Conhecer a época dos principais escritores.
- Aprender a ler textos literários.
- Aprender as principais características das obras, dos escritores e dos períodos literários.
- melhor o mundo em que vivemos.
- Aprender a ler textos literários e conhecer melhor a cultura e o mundo de que fazemos parte.

13 - As aulas de Literatura geralmente se desenvolvem de que forma:

- O professor pede aos alunos que leiam os textos do livro e resolvam as questões propostas; posteriormente ele corrige.
- O professor lê os textos e os interpreta, esclarecendo o significado dos trechos mais difíceis.
- O professor abre discussão com a classe sobre os textos literários, isto é, além de opinar sobre o texto, também ouve a opinião dos alunos.
- Os alunos debatem o texto entre si e, posteriormente, a discussão é feita por toda a classe, sob a orientação do professor.
- Outra maneira \_\_\_\_\_

14 - Quando estuda Literatura, o que é mais valorizado?

- Saber de cor o nome de autores, obras e datas.
- Saber de cor as características de um autor ou de um período literário (por exemplo, Classicismo, Romantismo, Realismo, etc.)
- Reconhecer nos textos características do período literário a que ele pertence.
- Compreender as relações entre o texto literário e a época em que ele foi escrito.
- Compreender e interpretar os textos literários.
- Outro aspecto \_\_\_\_\_

15 - Na sua opinião, o que deve ser mais valorizado nas aulas de Literatura:

- Saber de cor o nome de autores, obras e datas.
- Saber de cor as características de um autor ou de um período literário (por exemplo, Classicismo, Romantismo, Realismo, etc.)
- Reconhecer nos textos características do período literário a que ele pertence.
- Compreender as relações entre o texto literário e a época em que ele foi escrito.
- Compreender e interpretar os textos literários.
- Outro aspecto \_\_\_\_\_

16 - O que mais lhe agrada nas aulas de Literatura?

- Os assuntos debatidos, que geralmente são muito interessantes.
- A oportunidade para debater os assuntos e participar da aula.
- Conhecer como o homem viveu, sentiu e pensou em outras épocas.
- Vencer os desafios que a leitura proporciona e conseguir compreender um texto literário.
- A possibilidade de, partindo dos textos literários, pensar sobre nossa própria vida e nossa época.
- Outro aspecto \_\_\_\_\_

17- O que menos lhe agrada nas aulas de Literatura?

- ( ) fato de os textos literários exigirem muita atenção do leitor.  
 ( ) A dificuldade dos textos, pois a linguagem é antiga e inacessível.  
 ( ) As discussões são abstratas e distantes da realidade.  
 ( ) As aulas são monótonas, os alunos pouco participam.  
 ( ) Outro aspecto \_\_\_\_\_

18 - Nos estudos literários feitos em classe, as relações (comparações, aproximações, contrastes) da Literatura com outras áreas do conhecimento (História, Filosofia, Psicologia, Sociologia, etc.) ou com outras artes (pintura, música, etc.):

- ( ) Nunca são feitas.  
 ( ) Quase nunca são feitas.  
 ( ) São feitas sempre que necessário.  
 ( ) São feitas com muita frequência.

19 - As leituras extraclasse geralmente são exploradas de que forma?

- ( ) Na forma de provas.  
 ( ) Na forma de discussão e provas.  
 ( ) Na forma de debates.  
 ( ) Na forma de trabalhos escritos.  
 ( ) Na forma de seminários, realizados a partir de temas propostos pelo professor.  
 ( ) Na forma de provas e trabalhos escritos.  
 ( ) Na forma de trabalhos criativos a partir da obra: representação teatral, criação e apresentação musical, desenhos, produção de textos, etc.  
 ( ) Outras formas. \_\_\_\_\_

## Professor

1 - Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2 - Idade: \_\_\_\_\_

3 - Série: \_\_\_\_\_

2. Sobre sua formação universitária:

a) Em que faculdade você cursou Letras?

\_\_\_\_\_

b) O curso foi concluído? Se sim, quando?

\_\_\_\_\_

c) Possui algum tipo de especialização, como pós-graduação ou outra graduação? Qual?

\_\_\_\_\_

3. Há quantos anos está lecionando?

\_\_\_\_\_

4. Você costuma ler Literatura com frequência?

- ( ) Sim ( ) Não

5. Qual foi a última obra literária que você leu?

---



---



---

6 - Para você, o que é Literatura?

---



---



---

7 - Você acha importante ensinar Literatura? Por quê?

---



---



---

8 - Considerando as dimensões da disciplina Língua Portuguesa no Ensino médio, o que você acha mais importante no Ensino médio:

- ( ) Gramática  
 ( ) Literatura  
 ( ) Produção de Texto  
 ( ) Outro aspecto \_\_\_\_\_

Por qual motivo?

---



---



---

9 – Ao desenvolver as aulas de Literatura, você se apóia em alguma proposta teórico-metodológica ou em algum teórico da Literatura. Qual(is)?

- ( ) Sim; ( ) Não

Citar qual(is)?

---



---



---

10 – Durante as atividades de Literatura, o que é mais valorizado por você?

- ( ) Saber de cor nome de autores, obras e datas.  
 ( ) Saber a devida seqüência das estéticas literárias (por exemplo, Classicismo, Barroco, Arcadismo, etc.) e as características de um autor ou de um período literário.  
 ( ) Reconhecer nos textos características do período literário a que ele pertence.  
 ( ) Compreender as relações entre o texto literário e a época em que ele foi escrito.  
 ( ) Relacionar o texto literário com o mundo de hoje.  
 ( ) Desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e interpretar textos literários.  
 ( ) Outro \_\_\_\_\_

11- Nas atividades de Literatura, como você procederia, isto é, que passos daria se o conteúdo fosse:

a) uma estética literária?

---



---



---

b) um autor da Literatura?

---



---



---

12 – O método de estudo literário adotado por você para ministrar Literatura é:

- Você pede aos alunos que leiam os textos do livro e resolvam as questões propostas; posteriormente corrige e comenta.
- Você lê e explica certos textos literários; o aluno presta atenção nas explicações.
- Você abre discussão com a classe sobre os textos literários, isto é, além de opinar sobre o texto, também ouve e discute a opinião dos alunos.
- Os alunos debatem o texto entre si e, posteriormente, a discussão é feita por toda a classe, sob a orientação do professor.

13 - Para você, a contextualização histórica em que o texto literário se inscreve é:

- Pouco importante
- Relativamente importante
- Muito importante;

14 - Para você, estabelecer relações entre texto/autor e tradição literária é:

- Pouco importante
- Relativamente importante
- Muito importante;

15. Para você, estudar Literatura pela seqüência cronológica das estéticas literárias é:

- Pouco importante
- Relativamente importante
- Muito importante;

16. Com relação à leitura extraclasse, quais são as obras que você geralmente trabalha?

- As obras mais representativas da Literatura Brasileira e/ou Portuguesa.
- As obras solicitadas pelos vestibulares das instituições mais procuradas pelos alunos.
- As obras que os alunos escolhem.
- As obras lançadas recentemente e comentadas pela imprensa e pela mídia.
- Outro critério: \_\_\_\_\_

17 - Como você geralmente explora a leitura de obras literárias?

- Na forma de provas.
- Na forma de discussão e prova.
- Na forma de debates.
- Na forma de trabalhos escritos.
- Na forma de seminários, realizados a partir de temas propostos pelo professor.

- Na forma de provas e trabalhos.
- Na forma de trabalhos criativos a partir da obra: representação teatral, criação e apresentação musical, desenhos, produção de textos, etc.
- Outra forma: \_\_\_\_\_

## ANEXO III

QUADRO: IDENTIFICAÇÃO PESSOAL, EXPERIÊNCIA DO LEITOR E PROCEDIMENTO ADOTADO.

ALUNO	IDENTIFICAÇÃO PESSOAL		EXPERIÊNCIA DO LEITOR			PROCEDIMENTO ADOTADO				DEFINIÇÃO DE LITERATURA
	FAIXA ETÁRIA REGULAR	ACIMA DA FAIXA ETÁRIA REGULAR	FREQÜÊNCIA DE LEITURA	QUANTIDADE DE LIVROS LIDOS	GÊNEROS LITERÁRIOS E ASSUNTOS PREFERIDOS	PRINCIPAL DIFICULDADE NA LEITURA LITERÁRIA	MOTIVO PARA LEITURA LITERÁRIA	OBRA LITERÁRIA QUE MAIS CHAMOU A ATENÇÃO	LÊ AS OBRAS INDICADAS EM SALA DE AULA	
A	X	-	Frequentemente	08	Romance e Drama	Palavras desconhecidas	Recomenda pelo professor	Não se lembra	Algumas	Escritos que servem para transmitir uma opinião.
B	-	X	Raramente	03	Ficção científica	Assunto sem vínculo com a realidade	Escolha própria	Vinte mil léguas submarinas	Não	Tudo que pode ser lido.
C	X	-	Frequentemente	10	Romance e Ficção	Interpretar o texto	Escolha própria	Um amor para recordar	Sim	Um modo de expressar o sentimento humano.
D	X	-	Frequentemente	08	Romance e Ficção	Interpretar o texto	Escolha própria	Lucíola	Algumas	Uma forma de expressar as artes através da escrita.
E	X	-	Raramente	02	Esporte e realidade	Interpretar o texto	Escolha própria	O Dom	Não	Um modo de expressar o sentimento.
F	-	X	Raramente	02	Romance	Interpretar o texto	Escolha própria	Corações de Pedra	Quase todas	O método mais popular de expressão.
G	X	-	Frequentemente	05	Romance e Ficção	Interpretar o texto	Recomenda pelo professor	Lucíola	Sim	-
H	X	-	Frequentemente	05	Jornalístico e Esporte	Interpretar o texto	Recomenda pelo professor	Caçador de História	Algumas	Meio de expressar ideias.

I	X	-	Raramente	03	Esporte	Interpretar o texto	Recomenda pelo professor	Harry Potter	Não	Uma forma escrita de expressar os sentimentos.
J	X	-	Frequentemente	09	Romance	Não possui dificuldade	Escolha própria	A menina que rouba livros	Quase todas	-
K	X	-	As vezes	10	Romance e esporte	Leitura do texto	Escolha própria	Dia de crescer	Algumas	Histórias reais ou de ficção.
L	X	-	Frequentemente	18	Romance	Interpretar o texto	Escolha própria	O casamento	Algumas	Motiva a leitura dentro de si.
M	X	-	As vezes	02	Esporte	Interpretar o texto	Escolha própria	Os contos de Edgar Allan Poe	Algumas	Escritos que expõem os pensamentos de autores.
N	X	-	Frequentemente	05	Romance	Leitura de texto	Recomenda pelo professor	Luciola	Algumas	-
O	-	X	Frequentemente	25	Romance e Drama	Interpretar o texto	Escolha própria	Coração Pirata	Algumas	Leitura de obras literárias.

QUADRO: INTERAÇÃO COM A OBRA, A AULA E O PROFESSOR.

ALUNO	INTERAÇÃO COM A OBRA, A AULA E O PROFESSOR			
	OBJETIVO EM ESTUDAR LITERATURA EM SALA DE AULA	PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DO ENSINO DE LITERATURA NA ESCOLA	CONHECIMENTOS SALIENTADOS DURANTE A AULA DE LITERATURA	O QUE DEVERIA SER SALIENTADO DURANTE A AULA DE LITERATURA
A	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.
B	Aprender a ler textos literários.	O professor lê os textos e os interpreta, esclarecendo os trechos difíceis.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
C	Conhecer a época dos principais escritores.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Memorizar as características dos períodos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
D	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Memorizar as características dos períodos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
E	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	O professor cria um ambiente de debate sobre o texto literário.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
F	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender tudo que envolve o texto literário.
G	Aprender a ler textos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.	Reconhecer nos textos os períodos que eles pertencem.
H	Aprender sobre a vida dos principais escritores	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Reconhecer nos textos os períodos que eles pertencem	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.
I	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.	Compreender tudo que envolve o texto literário.
J	Aprender as características da obra, escritores e períodos literários.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Reconhecer nos textos os períodos que eles pertencem	Compreender tudo que envolve o texto literário.
K	Aprender a ler textos literários e conhecer a cultura de outras sociedades.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender tudo que envolve o texto literário.
L	Aprender a ler textos literários.	O professor cria um ambiente de debate sobre o texto literário.	Reconhecer nos textos os períodos que eles pertencem	Relações entre o texto literário e a época em que foi escrito.
M	Aprender a ler textos literários.	O professor cria um ambiente de debate sobre o texto literário.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
N	Conhecer a época dos principais escritores.	O professor cria um ambiente de debate sobre o texto literário.	Compreender e interpretar os textos literários.	Compreender e interpretar os textos literários.
O	Aprender a ler textos literários e conhecer a cultura de outras sociedades.	Professor solicita a leitura e resolução de questões, depois corrige.	Memorizar as características dos períodos literários.	Compreender tudo que envolve o texto literário.

QUADRO: INTERAÇÃO COM A OBRA, A AULA E O PROFESSOR.

ALUNO	INTERAÇÃO COM A OBRA, A AULA E O PROFESSOR			
	O QUE MAIS AGRADA NAS AULAS DE LITERATURA	O QUE MENOS AGRADA NAS AULAS DE LITERATURA	EXISTE INTER E TRANSDISCIPLINARIEDADE DURANTE A AULA DE LITERATURA	COMO SÃO EXPLORADAS AS LEITURAS EXTRACLASSES
A	Oportunidade para debater os assuntos e participar da aula.	As discussões são abstratas e distantes da realidade	Não	Na forma de discussões e avaliações.
B	A possibilidade de pensar sobre a vida, em uma outra época.	A dificuldade de entender os textos	Quase não existe	Na forma de avaliações e trabalhos escritos.
C	Vencer os desafios que a leitura proporciona.	Dificuldade em entender a linguagem	Sim	Na forma de apresentação de trabalhos.
D	Vencer os desafios que a leitura proporciona.	Solicita muita atenção do leitor	Quase não existe	Na forma de avaliações.
E	Entender como outras pessoas viveram em outras épocas.	Aulas monótonas e discussões abstratas	Sim	Na forma de apresentação de trabalhos.
F	Entender como outras pessoas viveram em outras épocas	Aulas monótonas	Sim	Na forma de avaliações.
G	Oportunidade para debater os assuntos e participar da aula.	Dificuldade em entender a linguagem	Sim	Na forma de avaliações e trabalhos escritos.
H	Entender como outras pessoas viveram em outras épocas.	-	Sim	Na forma de apresentação de trabalhos.
I	Os assuntos debatidos são geralmente muito interessantes.	Solicita muita atenção do leitor	Sim	Na forma de apresentação de trabalhos.
J	Os assuntos debatidos são geralmente muito interessantes.	-	Sim	Na forma de trabalhos criativos.
K	Vencer os desafios que a leitura proporciona.	Dificuldade em entender a linguagem	Sim	Na forma de avaliações e trabalhos escritos.
L	A leitura e a discussão de assuntos interessantes.	Dificuldade em entender a linguagem	Sim	Na forma de apresentação de trabalhos.
M	Oportunidade para debater os assuntos e participar da aula.	Solicita muita atenção do leitor	Sim	Na forma de avaliações e discussões.
N	Entender como outras pessoas viveram em outras épocas.	Dificuldade em entender a linguagem	Quase não existe	Na forma de apresentação de trabalhos.
O	Oportunidade para debater os assuntos e participar da aula.	Dificuldade em entender a linguagem	Quase não existe	Na forma de trabalhos criativos.

**QUADRO: IDENTIFICAÇÃO PESSOAL E PONTO DE VISTA SEM LITERATURA**

PROFESSOR	IDENTIFICAÇÃO PESSOAL			PONTO DE VISTA SEM LITERATURA		
	ONDE SE GRADUOU EM LETRAS	ESPECIALIZAÇÃO	TEMPO QUE LECIONA	LÊ FREQUENTEMENTE OBRAS LITERÁRIAS	ÚLTIMA OBRA LIDA	DEFINIÇÃO DE LITERATURA
A	Universidade Católica de Goiás	Possui	20 anos	Sim	Otelo de William Shakespeare	É a fonte de cultura, prazer, deleite, etc... e ainda ajuda um país em contar a sua história.
B	Universidade Federal de Goiás	Possui	12 anos	Sim	O amuleto de Roberto Bolaño	Recriação da realidade, a partir de um autor ou autora. É uma forte arte que se diferencia da música por nos permitir ter contatos com as experiências do ser humano.
C	Faculdade Alfredo Nasser	Possui	15 anos	Sim	-	É corpo ou conjunto de texto selecionado como a Literatura Portuguesa, Inglesa, Japonesa, etc.
D	Universidade do Maranhão	Não possui	14 anos	Não	-	É a arte de se expressar em palavras.
E	Pontífice Universidade Católica	Não possui	15 anos	Sim	Os melhores contos de J. J. Veiga	É a arte de conhecer a cultura de um povo, de uma região, ou até mesmo de um país.

**QUADRO: ABORDAGEM DURANTE AS PRÁTICAS ESCOLARES**

PROFESSOR	ABORDAGENS DURANTE AS PRÁTICAS ESCOLARES			
	IMPORTÂNCIA DE SE ENSINAR LITERATURA NA ESCOLA	QUAL O CONHECIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA MAIS RELEVANTE PARA A FORMAÇÃO DO DISCENTE	O QUE É MAIS VALORIZADO DURANTE A AULA	MÉTODO DE ESTUDO LITERÁRIO
A	Muito importante	Gramática, Literatura e Produção de texto.	Desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o texto literário.	Cria um ambiente de discussão com os alunos, tendo nos textos literários, a fonte para a problematização.
B	Muito importante	Literatura.	Desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o texto literário.	Cria um ambiente de discussão com os alunos, tendo nos textos literários, a fonte para a problematização.
C	Muito importante	Gramática, Literatura e Produção de texto.	Relacionar o mundo com o mundo de hoje	Cria um ambiente de discussão com os alunos, tendo nos textos literários, a fonte para a problematização.
D	Muito importante	Gramática e Produção de texto.	Compreender as relações entre o texto literário e a época em que foi escrito	Cria um ambiente de discussão com os alunos, tendo nos textos literários, a fonte para a problematização.
E	Muito importante	Gramática, Literatura e Produção de texto.	Desenvolver nos alunos a capacidade de compreender e interpretar o texto literário.	Cria um ambiente de discussão com os alunos, tendo nos textos literários, a fonte para a problematização.

## ANEXO IV – TEXTOS DO MOÇABICANO MIA COUTO

### A infinita fiadeira

*(A aranha ateia  
Diz ao aranho na teia:  
O nosso amor  
Está por um fio!)*

A aranha, aquela aranha, era tão única: não parava de fazer teias! Fazia-as de todos os tamanhos e formas. Havia, contudo, um senão: ela fazia-as, mas não lhes dava utilidade. O bicho repaginava o mundo. Contudo, sempre inacabava as suas obras. Ao fio e ao cabo, ela já amalhava uma porção de teias que só ganhavam senso no rebrilho das manhãs.

E dia e noite: dos seus palpos primavam obras, com belezas de cacimbo gotejando, rendas e rendilhados. Tudo sem nem finalidade. Todo bom aracnídeo sabe que a teia cumpre as fatias funções: lençol de núpcias, armadilha de caçador. Todos sabem, menos a nossa aranhinha, em suas distraícoerias funções.

Para a mãe-aranha aquilo não passava de mau senso. Para quê tanto labor se depois não se dava a indevida aplicação? Mas a jovem aranha não fazia ouvidos. E alfaiatava, alfinetava, cegava os nós. Tecia e retecia o fio, entrelaçava e reentrelaçava mais e mais teia. Sem nunca fazer morada em nenhuma. Recusava a utilitária vocação da sua espécie.

— Não faço teias por instinto.

— Então, faz porquê?

— Faço por arte.

Benzia-se a mãe, rezava o pai. Mas nem com preces. A filha saiu pelo mundo em ofício de infinita teceloa. E em cantos e recantos deixava a sua marca, o engenho da sua seda. os pais, após concertação, a mandaram chamar. A mãe:

— Minha filha, quando é que acentas as patas na parede?

E o pai:

— Já eu me vejo em palpos de mim...

Em choro múltiplo, a mãe limpou as lágrimas dos muitos olhos enquanto disse:

— Estamos recebendo queixas do aranhão.

— O que é que dizem, mãe?

— Dizem que isso só pode ser doença apanhada de outras criaturas.

Até que se decidiram: a jovem aranha tinha que ser reconduzida aos seus mandos genéticos. Aquele devaneio seria causado por falta de namorado. A moça seria até virgem, não tendo nunca digerido um machito. E organizaram um amoroso encontro.

— Vai ver que custa menos que engolir mosca — disse a mãe.

E aconteceu. Contudo, ao invés de devorar o singelo namorado, a aranha namorou e ficou enamorada. Os dois deram-se os apêndices e dançaram ao som de uma brisa que fazia vibrar a teia. Ou seria a teia que fabricava a brisa?

A aranha levou o namorado a visitar sua coleção de teias, ele que escolhesse uma, ficaria prova de seu amor.

A família desiludida consultou o Deus dos bichos, para reclamar da fabricação daquele espécime. Uma aranha assim, com mania de gente? Na sua alta teia, o Deus dos bichos quis saber o que poderia fazer. Pediram que ela transitasse para humana. E assim sucedeu: num golpe divino, a aranha foi convertida em pessoa. Quando ela, já transfigurada., se apresentou no mundo dos humanos logo lhe exigiram a imediata identificação. Quem era, o que fazia?

— Faço arte.

— Arte?

E os humanos se entreolharam, intrigados. Desconheciam o que fosse arte. Em que consistia? Até que um, mais-velho, se lembrou. Que houvera um tempo, em tempos de que já se perdera memória, em que alguns se ocupavam de tais improdutivos afazeres. Felizmente, isso tinha acabado, e os poucos que teimavam em criar esses pouco rentáveis produtos — chamados de obras de arte — tinham sido geneticamente transmutados em bichos. Não se lembrava bem em que bichos. Aranhas, ao que parece.

## O menino que escrevia versos

*De que vale ter voz  
se só quando não falo é que me entendem?  
De que vale acordar  
se o que vivo é menos do que o que sonhei?*

(Versos do menino que fazia versos)

— Ele escreve versos!

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família?

— Desculpe doutor?

O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

— Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel. Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

— São meus versos, sim.

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto?

Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

— O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica.

Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O queurgia era pôr cobro àquela vergonha familiar.

Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

— Dói-te alguma coisa?

— Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Está a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo:

— E o que fazes quando te assaltam essas dores?

— O que melhor sei fazer, excelência.

— E o que é?

— É sonhar.

Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu-se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

— Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendi dos. O médico, sisudo, taciturneou: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

— Não continuas a escrever?

— Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida — disse, apontando um novo caderninho — quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

— Não temos dinheiro — fungou a mãe entre soluços.

— Não importa — respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica, que o menino seria sujeito a devido tratamento. E assim se procedeu.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto onde está internado o menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração. E o médico, abreviando silêncios:

— Não pare, meu filho. Continue lendo...